

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Rafael Maracajá Antonino**

**Uma conexão entre 2013 e 2016: a rede conservadora na queda  
de uma PRESIDENTA**

**Campina Grande/ Paraíba  
2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Uma conexão entre 2013 e 2016: a rede conservadora na queda  
de uma PRESIDENTA**

Orientadora:  
**Elizabeth Christina de Andrade Lima**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências Sociais.

**Campina Grande/ Paraíba**  
**2017**

A635c Antonino, Rafael Maracajá.  
Uma conexão entre 2013 e 2016: a rede conservadora na queda de uma presidenta / Rafael Maracajá Antonino. – Campina Grande, 2018.  
176 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.  
"Orientação: Profa. Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima".  
Referências.

1. Mulher e Sociedade – Questão de Gênero. 2. Misoginia nas Redes Sociais. 3. Impeachment. I. Lima, Elizabeth Christina de Andrade.  
II. Título.

CDU 396(043)

## DEDICATÓRIA

À minha mãe (in memória).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço de forma especial a todas e todos os professores e colegas do Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande e, de forma carinhosa, à minha orientadora e parceira de pesquisa Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima, pelo seu respeito às minhas ideias e à liberdade criacionista concedida por este ser humano excepcional a um simples orientando.

Além disso, não poderia deixar de registrar as contribuições da professora Alomia Abrantes da Silva e do professor Luiz Henrique Cunha, participantes da banca, que já vêm contribuindo desde a qualificação, com bons diálogos e cobranças decisivas para chegarmos até aqui.

Tenho que agradecer de uma forma muito amorosa à minha tia Jaci Maracajá, que ocupou o papel de mãe em toda minha vida, e de forma peculiar nesse projeto, sempre incentivando e apoiando minhas escolhas.

À minha irmã Vitória Maracajá, que me tratou com carinho e paciência ao longo desta jornada. Ao meu pai José Antonino por sua dedicação para esta realização e ao meu irmão Gabriel pelo incentivo e apoio.

Também não poderia esquecer amigos importantes que colaboraram de maneira decisiva com boas conversas, sugestões e leituras, entre estes, devo destacar Valmi Oliveira, Zizo Mamede e Paulo Diniz.

Por fim, um agradecimento especial a hoje minha esposa Rafaelle Ferreira, que acompanhou toda esta jornada, escutou cada próximo passo, renunciou viagens e noites de diversão para realização do meu sonho.

*“A norma está inscrita entre as “artes de julgar”, ela é um princípio de comparação. Sabemos que tem relação com o poder, mas sua relação não se dá pelo uso da força, e sim por meio de uma espécie de lógica que se poderia quase dizer que é invisível, insidiosa”, Michel Foucault.*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar o processo de queda da presidenta Dilma Rousseff, compreendendo como os fenômenos que emergiram através das redes sociais virtuais contribuíram significativamente para consolidação do impeachment. O intuito foi observar como houve três aspectos fundamentais para o impedimento da ex-presidenta. Primeiro, as jornadas de junho/13 – manifestações que plantaram método e conteúdo decisivos para o avanço do conservadorismo no Brasil. Segundo, a desconstrução política de Lula, com um discurso legalista, dentro do campo moral, levando à desconstrução da imagem do ex-presidente. E, por fim, consideramos os aspectos sexistas e misóginos sofridos por uma mulher que ocupava o principal espaço de poder institucional brasileiro. Levamos em consideração o pensamento foucaultiano, dentro de uma leitura da pesquisadora norte-americana Judith Butler. Além disso, desenvolvemos um método de análise quantitativa de páginas no *Facebook*, abordando a internet com um artefato cultural que se relaciona ao mundo off-line. Em seguida, adentramos no caráter qualitativo, encarando imagens postadas e contextualizando com discursos culturais que reproduzem relações de poder.

Palavras Chaves: *Impeachment*, Redes Sociais, Sexismo, Misoginia, Poder

## ABSTRACT

The present work aims to study the fall process of the president Dilma Rousseff, understanding how the phenomena that emerged through virtual social networks contributed significantly to the consolidation of impeachment. The intention was to observe how there were three fundamental aspects to the impediment of the former president. First, in the days of June / 13, these demonstrations planted a decisive method and content for the advancement of conservatism in Brazil. Second, the political deconstruction of Lula, with a legalistic speech, within the moral field, the former president had his image. And finally, we consider the sexist and misogynist aspects suffered by a woman who occupied the main space of Brazilian institutional power. We take into account the Foucauldian thought, within a reading of the American Judith Butler. In addition, we developed a method of quantitative page analysis on Facebook, approaching the internet with a cultural artifact that is related to the offline world. Then, we enter into the qualitative character, facing images posted and contextualizing with cultural discourses that reproduce relations of power.

Key Words: Impeachment, Social Networks, Sexism, Misogyny, Power



## SUMÁRIO

Introdução .....	9
<b>CAPÍTULO I: uma narrativa com um olhar atual.....</b>	<b>19</b>
1.1. Gênero e feminismo: significados e lutas políticas na história.....	19
1.2. Foucault e Butler, um marco nas Ciências Humanas.....	33
1.3. Butler e Foucault: continuidades e descontinuidade para o estudo de gênero.....	45
<b>CAPÍTULO II: uma análise construindo o método.....</b>	<b>56</b>
2.1. O processo de definição do objeto.....	56
2.2. A construção do método.....	70
2.3. O encadeamento de acontecimentos até o <i>impeachment</i> de Dilma Rousseff .....	91
<b>CAPÍTULO III: o longo processo até a queda da presidenta.....</b>	<b>107</b>
3.1. 2013, o ano que não acabou para os brasileiros .....	107
3.2. O renascimento do MCC: Movimento Contra a Corrupção.....	127
3.3. A grande batalha conservadora, uma presidenta no caminho.....	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	166
BIBLIOGRAFIA .....	170

## INTRODUÇÃO

O ano de 2011 começava diferente na representação política feminina no mundo. Aquele 1º de janeiro, marcava, de maneira simbólica, a história das mulheres, em especial, o nosso país.

Dilma Vana Rousseff tomava posse na presidência do Brasil. Pela segunda vez, na recente democracia, um ocupante do poder central passava a faixa para seu sucessor. Naquele momento, o ato aconteceu entre membros de um mesmo partido, marcando a vitória política do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Nascida em 14 de dezembro de 1947, em Belo Horizonte, ela teve a iniciação de seu ativismo no movimento estudantil da capital mineira. Durante o golpe militar de 1964, a então adolescente Dilma saiu às ruas em defesa da ordem democrática e do presidente João Goulart.

Nesse ínterim pela ditadura, foi presa e torturada durante o período que se estende de 1970 a 1972. Ainda como ministra do governo Lula, fez um relato daquele momento no Senado. Emocionada, ela rebateu Agripino Maia (DEM), que acusava Dilma de terrorismo no regime ditatorial apoiado pelo senador potiguar.<sup>1</sup>

"Ela sempre foi um quadro destacado, uma pessoa com qualidades, dedicada, muito disciplinada no que fazia, muito diligente e entregue à luta. Ela se aplicava muito nas tarefas"<sup>2</sup>, afirma Jorge Nahas, companheiro de militância da ex-presidente.

Durante esta conjuntura de luta, conheceu o advogado gaúcho Carlos Franklin Paixão de Araújo, casou, constituiu uma família e viveu uma relação que durou cerca de 30 anos, deixando como herança sua filha Paula, os netos Gabriel e Guilherme<sup>3</sup>.

Todo este vínculo afetivo a fez morar na capital gaúcha. Se Belo Horizonte representou a luta contra a ditadura, Porto Alegre emerge na vida política da economista Dilma Rousseff no período democrático recente.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7NtITpfAoXA>> Acesso em: 29/06/2017

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2014/03/31/como-era-a-dilma-que-lutou-durante-a-ditadura-companheiros-da-epoca-respondem.htm>> Acesso em: 29/06/2017

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/01/1726806-nasce-segundo-neto-de-dilma.shtml>> Acesso em: 25/07/2017

Ainda nos anos 80, junto com Leonel Brizola, funda o Partido Democrático Trabalhista, PDT. Na sigla, que durante muito tempo representou o trabalhismo pós Getúlio Vargas, fez carreira de gestão em entes públicos, especialmente na região sul do país.

Em 1999 toma posse no governo do Rio Grande do Sul o petista Olívio Dutra, eleito na aliança PT/PDT. Doutoranda em economia, Dilma assume a Secretaria de Energia, fato que a marcou diante dos acontecimentos<sup>4</sup> que se alastravam no restante do Brasil.

“Apagão” e “necessidade de economia energética” foram termos que começaram a ganhar o cotidiano do brasileiro. O governo Fernando Henrique Cardoso, PSDB, trazia a derrocada de abastecimento às páginas de notícias, o protagonismo do colapso chegava às salas, às cozinhas e aos interruptores da população.

Em meio à crise, um fato chamava a atenção de todos, de maneira particular do então candidato à presidência Luiz Inácio Lula da Silva: os gaúchos estavam bem à frente em relação aos outros Estados em planejamento no setor, não sofrendo as consequências da escassez de energia que se proliferou no dia-a-dia dos seus compatriotas.

Isto legitimou àquela mulher, uma “mistura política de mineira com gaúcha”, a já participar da equipe de transição no ano de 2002. Com ascensão de Lula ao posto mais alto da República, Dilma começa sua trajetória de destaque em plano nacional, primeiro como ministra de Minas e Energia, depois como chefe da Casa Civil e coordenadora do principal programa de desenvolvimento econômico, o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento)

5 .

---

<sup>4</sup> Em 2001, a população brasileira foi obrigada a mudar seus hábitos de consumo de energia drasticamente. O motivo? O risco iminente de corte de energia elétrica em todo o país, um fenômeno que ficou conhecido como apagão. Era o último ano do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC) e no ano seguinte ocorreriam eleições presidenciais. A crise energética estava ligada principalmente à falta de planejamento no setor e à ausência de investimentos em geração e distribuição de energia. Durante seus dois mandatos, FHC buscou realizar uma série de medidas de enxugamento da máquina pública, que incluía a privatização de várias empresas estatais. Dentre elas, encontravam-se as empresas de distribuição de energia, essenciais ao planejamento econômico nacional, já que eram necessárias para o funcionamento das empresas. Somou-se a isso o aumento contínuo do consumo de energia graças ao crescimento populacional e ao aumento de produção pelas indústrias. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/apagao.htm>> Acesso em: 25/07/2017

<sup>5</sup> “Criado em 2007 o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) promoveu a retomada do planejamento e execução de grandes obras de infraestrutura social, urbana, logística e energética do país, contribuindo para o seu desenvolvimento acelerado e sustentável. Pensado como um plano estratégico de resgate do planejamento e de retomada dos investimentos em setores estruturantes do país, o PAC contribuiu de maneira decisiva para o aumento da oferta de empregos e na geração de renda, e elevou o investimento público e privado em obras fundamentais. Teve importância fundamental para o país durante a crise financeira mundial entre 2008 e 2009, garantindo emprego e renda aos brasileiros, o que por sua vez garantiu a continuidade do consumo de bens e serviços, mantendo ativa a economia e aliviando os efeitos da crise sobre as empresas nacionais”. Disponível em: <<http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac>> Acesso em: 30/06/2017

No dia 3 de abril de 2010, Dilma deixa o Governo Federal para se candidatar à Presidência. Em 13 de junho, o PT oficializa sua candidatura. No segundo turno das eleições, a 31 de outubro de 2010, Dilma Rousseff, aos 63 anos, é eleita Presidenta da República Federativa do Brasil, com mais de 55,7 milhões de votos (56,05%). É a primeira mulher a chegar ao Palácio do Planalto, como já fora a primeira mulher secretária da Fazenda de Porto Alegre, a primeira secretária estadual de Energia, a primeira ministra de Minas e Energia, e a primeira chefe da Casa Civil. (PORTAL BRASIL, 01/01/2015)<sup>6</sup>

Contextualizando o Brasil no continente Latino-Americano, quando eleita, Dilma foi a 11ª mulher a ocupar a presidência na região. Antes dela, a Argentina tinha sido presidida duas vezes por uma figura feminina, além da Nicarágua, Guiana, Panamá, Chile, Costa Rica, Bolívia, Haiti e Equador estão entre as nações que as mulheres foram protagonistas na política quando nos referimos ao poder central.<sup>7</sup>

Independente dos contextos, trajetórias e das marcas deixadas por elas nesses países ao ocuparem esses espaços, ao estarem lá, já se colocam em evidência para análises mais aguçadas dentro de uma perspectiva das ciências sociais, principalmente diante da sub-representação feminina no campo da política.

Há uma problemática em torno da sub-representação feminina no campo político, o que aumenta o debate sobre a importância do equilíbrio da participação feminina na democracia, uma vez que, segundo Almeida; Lüchmann e Ribeiro (2012) a participação feminina impacta diretamente na formação de “agendas temáticas decisórias”, onde através de análises de pesquisas realizadas nos Estados Unidos, no Brasil e em outros países latino-americanos apontam que a participação das mulheres nos processos decisórios, em comparação com a participação masculina, tende a dar maior atenção a grupos mais socialmente vulneráveis, como idosos, crianças, deficientes e as próprias mulheres, os autores alegam que a subrepresentação feminina alicerça as injustiças de duas maneiras, primeiro a desproporcionalidade entre a população feminina e o grupo político feminino, nos dando um claro exemplo de que nem toda minoria política significa uma minoria social. (LIMA, 2015, p.2)

---

<sup>6</sup> Biografia oficial da Presidência da República. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/governo/2015/01/conheca-a-trajetoria-da-presidenta-dilma-rousseff> Acesso em: 30/06/2017

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/11/dilma-sera-11-mulher-presidente-na-america-latina.html>> acesso em: 30/06/2017

Não cabe neste nosso diagnóstico apenas dirimir impactos observacionais da ocupação de mulheres em espaços públicos, de maneira especial a presidência de um país. Nosso objeto vai além, vamos procurar entender processos, discursos e práticas decisivas para deslegitimação feminina.

Nesse meandro, a figura de Dilma Rousseff e seu processo de *impeachment* devem servir de parâmetro, são nosso objeto observacional. Como uma mulher, que atingiu recordes de avaliação positiva, foi derrubada da presidência?

Segundo informações divulgadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no seu último senso em 2010<sup>8</sup>, 51% da população brasileira era formada por mulheres. Naquele mesmo ano, que é marcado pela eleição da presidenta, os números de candidatas em meio ao universo masculino da política são discrepantes.

Nas eleições de 2010, conforme dados apresentados pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral), disputaram para deputados federais 4.904 candidatos, destes apenas 945 (19,06%) candidaturas eram de mulheres, e eleitas apenas 45 (4,07%) candidatas ao cargo de deputada federal. Enquanto as candidaturas masculinas houveram 3.969 (80,93%) e eleitos 468 (11,79%) candidatos a deputados federais. Portanto, num comparativo, dos 513 eleitos ao cargo, 91,22% eram homens e apenas 8,77% eram mulheres. (LIMA, 2015, p.1)

Entender como um país com tantos abismos em termos de gênero, especialmente no campo político, conseguiu levar a primeira mulher ao posto mais importante do poder talvez represente um desafio que rompe qualquer pesquisa específica, colocando-se como uma problemática que envolve vários campos de conhecimento.

Não só isto, todo este conjunto de elementos deverá ser considerado para compreensão da sua queda, o processo de impedimento, procurando as origens, métodos e conteúdos que foram incisivos para deslegitimação “da ocupante” de um poder institucional.

Diante desta abrangência, o papel de pesquisador deve ser destacado, levando-se em consideração que por diversos momentos deverá fazer escolhas, construir, desconstruir, observar, errar ou acertar, com um auxílio teórico consistente, discriminando elementos empíricos possíveis.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/resultados/resumo.html>> Acesso em: 30/06/2017

Sabemos que viajar no universo científico, adentrando em objetos que são parte do seu cotidiano, é algo único, que ganha molduras plurais ao exigir um exercício de proximidade e distanciamento de forma concomitante.

Nesse sentido, dentro deste contexto, talvez o pesquisador seja um artista, que não tem plateia, que o único aplauso é ser o início, o diferente, algo que consiga apontar um novo olhar esculpindo um ponto de vista, entre tantos pontos da mesma vista.

Viver em rede social virtual foi um primeiro passo para despertar a necessidade de entender, compreender, verificar determinados processos envolvendo este instrumento de socialização contemporâneo. Ser militante político trouxe o olhar de procurar caminhos para transformações. E o amor pela literatura exigiu uma escrita que transmita o calor do acontecimento social sem esquecer os conectivos da frieza científica.

Envolver, no mesmo processo, a atribuição dos significados de categorias como sexo e gênero, dentro de uma conjuntura que deu visibilidade ao conservadorismo nas redes, com tratamentos misóginos históricos, ressignificados, facilitou o apontamento de um caminho para encarmos, através de ações políticas efetivas e performáticas, mudanças sociais.

As práticas diárias que deslegitimam o ser mulher e a rede de discursos institucionalizados que transformam a opressão ao feminino em algo invisível, natural, com uma suposta essência na certeza do mito da origem, formam os primeiros parágrafos das práticas problematizadas.

A personagem, alguém que possibilitou a ilustração desse enredo, a, agora, ex-presidenta Dilma Rousseff. A sucessora do ex-presidente Lula nunca conseguiu governar com tranquilidade, seja com embates no Congresso, seja confrontando banqueiros, ou no constante enfrentamento com setores conservadores da sociedade.

Terminado o seu primeiro mandato, reeleita com uma campanha extremamente acirrada, não há dúvidas que as feridas abertas ficaram expostas desde então, talvez algo sem cura, com consequências permanentes até o momento atual. Assim,

Inicia-se, pós eleição, todo um conjunto de manifestações, inclusive *pró-impeachment* da presidenta eleita; milhares de pessoas em todo o Brasil marcam, principalmente via redes sociais, manifestações para criticar a Presidenta. Em algumas dessas manifestações, como a ocorrida em 13 de março de 2016, foi possível ler cartazes com frases, tais como: “Dilma biscatona veia”, “Balança que a quenga cai”, ou em páginas de redes sociais, como o *facebook*,



intituladas: Dilma Vadia , Dilma Sapatão , entre outras. (LIMA & ANTONINO, 2016, p. 264)

A análise de como as performances de gênero, fundamentaram a deslegitimação de uma presidenta, desencadeando um processo que consolidou o impeachment, foi nosso caminho e desafio diante do conjunto empírico. Ou seja, as imagens coletadas das principais páginas reacionárias e conservadoras que atuaram nesse contexto traçaram um panorama observacional geral.



**Figura 1:** Imagens misóginas e sexistas mais repetidas na página MCC, Movimento Contra a Corrupção. Imagem 1, postada em 11/09/16, 1.637 engajamentos (reações + compartilhamentos + comentários); imagem 2, 29/08/16, 13.227; imagem 3, 22/06/16, 3.249; imagem 4, 10/06/16, 27.284. Dados coletados, sistematizados e ordenados entre janeiro e março de 2017 pelo autor.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Ao longo do trabalho, vamos demonstrar o que representam as informações anexas as imagens e como foram analisadas.

Avançaremos no sentido de compreender como essas “práticas naturais” do ser homem e/ou mulher, institui uma estrutura binária e suas exposições, sendo espetacularizada na política para instrumentalizar a devolução do poder ao masculino, de direita, que representa os interesses da classe política, Michel Temer.

Esses serão os fios condutores para entendermos a influência do Ciberespaço<sup>10</sup>, que desenha novos contornos a esse processo de deslegitimação do ser mulher no espaço de poder tradicionalmente masculino, a política brasileira, em especial, a Presidência da República.

Nesse caldeirão, ainda podemos mencionar as tensões ideológicas, desencadeadas por um quadro de avanços sociais que germinou um novo conservadorismo que entrecortaria as Redes Virtuais. Assim, foi aflorada a exposição de sentimentos e valores difundidos no universo cultural brasileiro.

Todo esse olhar tem como ponto de partida a sedimentação com elementos teóricos da Antropologia Social, que nos apresenta uma delimitação conceitual de Cultura com Stuart Hall. “A cultura não é uma prática, nem simplesmente a descrição da soma de todos os hábitos e costumes de uma sociedade. Passa por todas as práticas e é soma das suas inter-relações”. (HALL, 2000, p. 60)

Dentro da discussão sobre o ambiente online, estaremos dialogando sobre gênero, sexualidade, política e misoginia. Compreender essas categorias será o suporte para os caminhos metodológicos de uma pesquisa ampla, que aos poucos foi ganhando objetos bem específicos.

Tudo isso é fundamental para percebermos como o debate político no mundo contemporâneo foi alterado com a “ocupação” de espaços por mulheres e novas redes, desta vez, virtuais.

Todavia, as velhas práticas de deslegitimação do feminino ganharam novas roupagens, dentro de uma atuação do que é ser mulher/homem, com consequências peculiares no campo político.

---

<sup>10</sup> “O espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. (LÉVY, 1999, p.94)



Essas ações performáticas estão contextualizadas dentro das recentes manifestações conservadoras, que estariam atualizando forças reacionárias latentes, facilitando a produção de “supostas” identidades políticas específicas. (CUNHA, 2015)

Nestes termos, dedicaremos todo um capítulo para construção do método, mas já encarando o processo analítico. Neste ponto, faremos um percurso histórico sobre os instrumentos de abordagem de objetos vinculados à Internet, o vasto campo possível para ocorrência de um aprofundamento e como sedimentamos nossas ferramentas diante do banco de dados estabelecido.

Aqui, emolduramos o processo de definição do objeto, tomando como base o campo que envolve as pesquisas em ambientes virtuais e através de que modo, a cada passo, conseguimos fazer escolhas, através de estudos anteriores, para fazer um recorte possível e preciso para encararmos as hipóteses levantadas.

Assim, através de grafos<sup>11</sup>, conseguimos posicionar núcleos de atuação na rede, que com o auxílio de uma abordagem preliminar de conteúdo definimos caminhos que seriam percorridos para traçar uma interpelação que facilitasse a construção do enredo em curso.

Quando decidimos tentar especificar o método, foi no momento posterior a toda uma coleta de dados, percebemos que ainda estávamos aquém do que poderíamos fazer para causar uma boa reflexão não só ao presente trabalho, mas a todo o campo de estudo.

Neste sentido, criamos variáveis no SPSS<sup>12</sup>, levando em consideração correlação temporais relacionadas com o impacto na rede, ou seja, captamos cada imagem postada pelo

---

<sup>11</sup> A teoria dos grafos é um ramo da matemática que estuda as relações entre os objetos de um determinado conjunto. Para tal são empregadas estruturas chamadas de grafos,  $G(V,E)$ , onde  $V$  é um conjunto não vazio de objetos denominados vértices e  $E$  é um subconjunto de pares não ordenados de  $V$ , chamados arestas. Dependendo da aplicação, arestas podem ou não ter direção, pode ser permitido ou não arestas ligarem um vértice a ele próprio e vértices e/ou arestas podem ter um peso (numérico) associado. Se as arestas têm uma direção associada (indicada por uma seta na representação gráfica) temos um dígrafo (grafo orientado). Um grafo com um único vértice e sem arestas é conhecido como grafo trivial. Assim, a ARS é uma forma matemática de análise sistemática de grupos sociais. Quem trabalha com a ARS, por exemplo, trabalha com elementos como sociogramas, graus de centralidade dos grafos (Degree Centrality, Betweenness Centrality, e Closeness Centrality), centralização e etc. Disponível em: [http://www.raquelrecuero.com/arquivos/estudos\\_de\\_redes\\_sociais\\_na\\_internet.html](http://www.raquelrecuero.com/arquivos/estudos_de_redes_sociais_na_internet.html) Acesso em: 20/07/2017

<sup>12</sup> SPSS é um software aplicativo (programa de computador) do tipo científico. Originalmente o nome era acrônimo de Statistical Package for the Social Sciences - pacote estatístico para as ciências sociais, mas na atualidade a parte SPSS do nome completo do software (IBM SPSS) não tem significado. Como programa estatístico é muito popular também pela capacidade de trabalhar com bases de dados de grande dimensão. Na versão 12 são possíveis mais de 2 milhões de registros e 250.000 variáveis.

MCC, Movimento Contra Corrupção<sup>13</sup>, salvado de uma forma que registrasse a data da publicação, suas curtidas, comentários e compartilhamentos. Ao relacionar estes dados conseguimos comprovar algumas hipóteses que vinham sendo trabalhadas e serão analisadas ao decorrer deste percurso.

Indo além, ainda no segundo capítulo, traçaremos um quadro dos acontecimentos que levaram à queda da primeira mulher a presidir o país, pois, observamos como os eventos no mundo real estão próximos a impactos na teia virtual, de maneira bilateral.

No primeiro tópico do último momento, baseando-se nestes dados, vamos tentar demonstrar como existe uma conexão entre as jornadas de junho de 2013 e os protestos que levaram ao *impeachment* de Dilma Rousseff, de tal modo, que persistiu uma proximidade em termos de conteúdo e um aprimoramento constante no método. Nesse panorama, trabalhamos com a hipótese que a queda da presidenta começou em 2013.

Então, em meio a este caminho, entre a origem e o fim, foi decisivo a desconstrução política do ex-presidente Lula, a destruição do símbolo de um sucesso recente de desenvolvimento através do Estado. Através de discursos morais, com a construção de personagens referenciais, legitimados por uma legalidade, a imagem do presidente operário foi se fragmentando.

Por fim, vamos trabalhar como o sexismo e a misoginia difusos na nossa sociedade estão relacionados ao ódio exalado contra as mulheres de forma geral, em especial contra aquela que ocupava o mais importante posto do poder institucional. Imagens, reportagens, padrões e modelos do ser mulher foram impostos como ferramentas de demolição da imagem pública da primeira presidenta do Brasil.

Nesses termos, de forma introdutória, traçaremos os caminhos históricos de estudos sobre gênero e sexualidade, fazendo uma genealogia dos significados sociais desses termos, estabelecendo uma relação com alguns contextos sociais.

De forma peculiar, a apreensão dos significados destes conceitos ocupará o centro do debate, todavia, estabelecendo um diálogo significativo com Foucault, que traz para essa análise as relações de poder, dentro da perspectiva de compreensão dos sujeitos.

---

<sup>13</sup> Página no *Facebook* que será melhor trabalhada nos capítulos 2 e 3. É um dos núcleos de atuação conservadora no Brasil.

Para adentrarmos, de forma efetiva, nas amarras que funcionaram como suporte no impedimento, passearemos no debate sobre o uso analítico/científico do termo gênero, situando dentro de uma base foucaultiana, atribuindo um olhar significativo de performance e abjeção do ser mulher com Butler. Vamos em frente.

## **CAPÍTULO I: UMA NARRATIVA TEÓRICA COM UM OLHA ATUAL**

### **1.1- Gênero e feminismo: significados e lutas políticas na história**

Iniciando nossa odisseia analítica, é peremptório navegar, de forma preliminar, em aspecto teóricos e metodológicos, formando todo um arcabouço que aponta caminhos não só para este trabalho, mas para todo um campo de estudos que envolve redes sociais, perpassado por um olhar crítico relacionado à modernidade.

Devemos, além de encarar e construir uma plataforma de diagnóstico, trazer como elemento ilustrativo e situacional um posicionamento histórico dos elementos que servem, aqui, de lentes para um exame apurado das atuais relações sociais baseadas em redes.

Ao evidenciarmos este núcleo de não-interatividade virtual na contemporaneidade, tomando como base o surgimento de novos conceitos de pós-verdades observadas dentro de uma perspectiva de gênero, ficam nítidas as transformações e as diferentes interpretações atribuídas pela própria ciência ao longo da história a este tipo de investigação.

Ou seja, esse transcurso serve para evidenciar práticas que muitas vezes são silenciadas de acordo com o contexto ou a teia de verdades impostas por relações sociais e culturais. Uma rede institucional que legitima discursos de acordo com uma complexa gama de poder relacionadas às subjetividades.

Diante disso, para discutirmos, especificamente, aspectos teóricos da pesquisa, fizemos uma revisão bibliográfica, levando em consideração o material empírico já colhido e os debates acumulados ao longo da trajetória do mestrado.

Nesse sentido, dentro das linhas já desenhadas, é fundamental entendermos determinados contextos relativos a conceitos essenciais à produção da pesquisa, trazendo para dentro das relações as categorias que foram adquirindo novos sentidos, em outros contextos.

A princípio, deve-se destacar a significação gramatical atual do termo Gênero. Trabalhando dentro do seu radical, o vocábulo ganha a acepção de produzir. Gender<sup>14</sup>, generate gerar/produzir.

The word gender has been used since the 14th century as a grammatical term, referring to classes of noun designated as masculine, feminine, or neuter in some languages. The sense ‘the state of being male or female’ has also been used since the 14th century, but this did not become common until the mid 20th century. Although the words gender and sex both have the sense ‘the state of being male or female’, they are typically used in slightly different ways: sex tends to refer to biological differences, while gender refers to cultural or social ones. (Oxford Dictionaries<sup>15</sup>)

Apesar do tradicional dicionário norte-americano apresentar diferentes ópticas, o caráter cultural da expressão é reafirmado de uma forma que destaca o formato relacional com aspectos biológicos do sexo e seu conseqüente processo de naturalização.

Em termos históricos, em 1947 esta nomenclatura foi empregada por John Money como mecanismo de tratamento/conversão de bebês intersexuais. Ou seja, era utilizada enquanto instrumento para uma possível “estabilização”, o enquadramento daqueles corpos em um sexo inteligível e normatizado, masculino ou feminino, biologicamente referendados.

De acordo com esta perspectiva teórica, o processo de sexuação dos indivíduos pode ser dividido em duas partes. Em um primeiro momento, ao nascermos, nos é atribuído um sexo biológico (macho ou fêmea). Em um segundo momento, após um processo de socialização e de aprendizagem de papéis, nós adquirimos um gênero masculino, feminino ou neutro (nem masculino nem feminino). (CYRINO, 2013, p. 95)

Neste plano de análise é fundamental destacar que tem sido comum relacionar gênero às significações das diferenças culturais entre mulheres e homens, baseando-se, quase sempre, na divisão entre fêmeas e machos, ou seja, em conseqüência de um sexo com bases naturais.

---

<sup>14</sup> Oxford Dictionaries: *The state of being male or female (typically used with reference to social and cultural differences rather than biological ones): ‘traditional concepts of gender (...) differences between the genders are encouraged from an early age’*

<sup>15</sup> <https://en.oxforddictionaries.com/>

Tradicionalmente, os termos gênero e feminismo acabaram sendo trabalhados dentro de uma articulação maior que envolve a ideia de ciência. Essa seria uma delimitação teórico conceitual desses estudos, que tem uma forte atuação política e é um campo novo nas ciências humanas e sociais.

Todavia, o pensamento feminista, que caminha junto às observações de gênero, não pode ser enquadrado como um corpus unificado de conhecimento. Este viés fica evidente no aprimoramento, com formas distintas, das significações dos termos por inúmeras disciplinas.

Desencadeia-se, assim, um olhar múltiplo às diversas ações dos movimentos de mulheres, com uma dimensão e atuação crítica contra a fundamentação das desigualdades econômicas, políticas, sociais e culturais, entre o masculino e feminino.

Para Raewyn Connell e Rebecca Pearse, as ciências sociais apontaram um foco para entendermos essa temática, pois

O gênero é uma questão de relações sociais dentro das quais indivíduos e grupos atuam. A manutenção de padrões amplamente difundidos entre relações sociais é o que a teoria social chama de estrutura. Nesse sentido, o gênero deve ser entendido como uma estrutura social. (CONNELL, 2015, p.47)

Com os elementos colocados acima é perspicaz entendermos os processos e lutas políticas que significaram os termos, desde as questões locais, no Brasil, até um contexto mais geral, com suas diversas atuações silenciadas.

Ao apontarmos o caráter histórico, devemos visualizar silenciamentos, pela própria verdade científica, de disputas políticas fundamentais para transformação da sociedade. Assim, é perceptível o diálogo entre o micro e macro, dentro de um processo que envolve deslegitimações, construções e interlocuções.

Esta é uma das regras, para Foucault, que demonstra o suporte móvel da correlação de forças que, devido a sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder. Entre essas regulamentações está o duplo condicionamento,

Nenhum “foco local”, nenhum “esquema de transformação” poderia funcionar se, através de uma série de encadeamentos sucessivos, não se inserisse, no final das contas, em uma estratégia global. E, inversamente, nenhuma estratégia poderia proporcionar efeitos globais a não ser apoiada em relações precisas e tênues que lhe servissem, não de aplicação e consequência, mas de suporte e ponto de

fixação. Entre elas, nenhuma descontinuidade, como seria o caso de dois níveis diferentes (um microscópico e o outro macroscópico); mas também nenhuma homogeneidade (como se um nada mais fosse do que a projeção ampliada ou a miniaturização do outro); ao contrário, deve-se pensar em duplo condicionamento, de uma estratégia, através da especialidade de táticas possíveis e, das táticas, pelo invólucro estratégico que as faz funcionar. (FOUCAULT, 2015, p.108-09)

Ao estabelecer esta ligação, o pensador francês aponta um caminho possível para nossa abordagem, a ponte entre olhares que focam âmbitos diferentes, o próximo e o distante.

Dentro de uma perspectiva de interpelação social, as práticas, discursos e ações que acontecem cotidianamente estão acobertados por uma correlação maior, estabelecendo uma dinâmica fluída de influências e modificações, algo que pode ser observado em mais de um recorte.

Quando colocamos no centro analítico as redes sociais virtuais, devemos, no mínimo, levar em consideração parâmetros globais, com influências e consequências locais, percebendo de forma concomitante seu movimento inverso.

A própria história nos fomenta com exemplos de relações entre os diversos âmbitos de um mesmo objeto, algo que envolve a rede de discursos em cada época, dentro de uma categoria denominada por Foucault como episteme<sup>16</sup>.

Entre essas ações pontuais, com impactos que são posteriores ao seu tempo, é interessante observarmos as intervenções de Raden Adjeng Kartini, que em Java na virada do século XIX para o XX, decide ser escritora. Ao fazer contato, por cartas, com Stella Zeehanrelar, uma social democrata, estabelece uma comunicação com o pensamento europeu “progressista” da época.

Seu trabalho raramente é mencionado na literatura de língua inglesa sobre gênero, exceto em campos de estudos regionais. É evidente que Stella nunca teve objetivos teóricos, todavia, sua iniciativa, descobertas, questionamentos, tinham algo prático e relacionado com o que seria mais tarde encarado como abstrações conceituais, a exemplo da instituição família, divisões do trabalho, entre outras questões atuais. (CONNELL, 2015)

---

<sup>16</sup> Conceito foucaultiano que será melhor trabalhado a seguir.

As interdições contemporâneas à javanesa, ou sua colocação hoje como algo regional, é fruto de um contexto, de uma construção, de um jogo de verdades institucionais que refletem as relações de poder.

Desde a filosofia, passando pela religião, chegando à ciência, todos esses campos, em seus aspectos macros, tiveram um olhar diferenciador com as mulheres. A filosofia foi marcada por um pensamento supostamente neutro, universal. O cristianismo medieval carrega nos seus discursos uma tradição misógina. E a ciência, tem traços marcantes de exclusão e submissão das mulheres em muitas construções teóricas.

Assim, “os escritos de intelectuais cristãos são repletos de dogmas sobre a inferioridades das mulheres na mente e no corpo e o perigo que elas representam caso os homens sucumbam à sua manipulação”. (BLAMIRE *apud* CONNELL, 2015, p.122)

Entre Pandora, a mulher que colocou o mal no mundo ao abrir a caixa presenteada pelos Deuses; e Eva, que em situação similar, morde a maçã. Da mitologia grega ao cristianismo, cristaliza-se uma posição para mulher no universo do pensamento ocidental, algo que é sempre relacionado a uma suposta inferioridade e culpabilidade.

Dentro dessa questão maior, um dos pilares do cientificismo moderno, o Darwinismo, coloca elementos biológicos nas discussões sociais, representando, com uma força de verdade, a divisão de gênero dentro da hierarquia presente na sociedade, baseando-se em critérios evolutivos. Com toda sua influência no ocidente, determinados debates afloraram e uma série de questões relacionadas às diferenças entre homens/mulheres começaram a ser desenhadas.

Nesse contexto de construção do pensamento moderno, o positivista<sup>17</sup> Comte colocou, por diversas vezes, que a função das mulheres seria cuidar e confortar os homens. Já Stuart Mill, em “A sujeição das Mulheres”, de forma paradoxal defende a igualdade, mas enxerga como razão básica para desigualdade, não a superioridade moral dos homens, mas sua força física. (CONNELL, 2015)

Ao final do século XIX e início do século XX, a ideia que o feminismo atuava para desestabilizar uma ordem fixa ganhou força, algo que parece atual dentro do próprio

---

<sup>17</sup> Positivismo é uma corrente de pensamento filosófico, sociológico e político que surgiu em meados do século XIX na França. A principal ideia do positivismo era a de que o conhecimento científico devia ser reconhecido como o único conhecimento verdadeiro. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/positivismo/>> acesso em: 16/06/2017



movimento, que vem reagindo com os mesmos argumentos às críticas a uma identidade imóvel.

O austríaco Sigmund Freud coloca na ordem do debate a origem psicológica dos problemas. Suas ideias, na Europa do século XIX, foram muito além do público médico, ganharam musculatura de uma força cultural. As ideias do austríaco são influentes ainda hoje, com diversos trabalhos atuais oriundos teoricamente do pensamento freudiano.

Alfred Adler (1927), principal seguidor de Freud, iniciou releituras e aplicações dos conceitos emergentes em novas realidades, fez críticas a masculinidade orientada ao poder, colocando esse tema no centro da psicanálise. Além disso, mostrou que as divisões de gênero no adulto não eram fixadas no início da vida, como até então acreditava-se. (CONNELL, 2015)

O nascimento desta vertente da psicologia, junto com outras técnicas de poder, está dentro do contexto da modernidade para Foucault (2015), algo que legitima atos judiciais e médicos dentro do ser natural. Com origem no século XVIII, a sistematização de um discurso racional, que vai além da moralidade, foi formulada com base na contabilidade, classificação e especificação do sexo.

Chegando à Antropologia Social, o polonês Bronislaw Malinowski, dentro deste contexto, trazia informações etnográficas para apreciar os métodos psicanalíticos, argumentando criticamente contra suas categorias universais, a exemplo do complexo de Édipo.

Tomando como base outro ponto de vista contemporâneo a esse debate, a norte-americana Margaret Mead (1935) rejeitou a ideia de uma relação fixa entre o sexo biológico e as características culturais. Ou seja, ela nega o processo de naturalização de alguns atributos que supostamente diferenciam homem/mulher.

Já com Talcott Parsons (1956), o gênero foi tratado como consequência da necessidade de um sistema social por integração e estabilidade, o papel do masculino ganha um caráter instrumental, enquanto o feminino se torna expressivo.

Talvez, a grande expoente deste momento, que desencadeou uma série de estudos atrelados a tentativa do olhar científico de gênero, tenha sido Simone Beauvoir<sup>18</sup>, que funde

---

<sup>18</sup> Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma escritora, filósofa existencialista, memorialista e feminista francesa. Manteve um longo e polêmico relacionamento amoroso com o filósofo Paul Sartre. Foi considerada

psicanálise, literatura e filosofia, terminando por desafiar tanto a dominação, quanto às categorias cristalizadas e polarizadas fixamente.

Adentrando nos movimentos políticos propriamente ditos, especialmente os feministas, o primeiro grande avanço teórico do novo feminismo em âmbito mundial, segundo Connell (2015), aconteceu no Brasil, com Heleieth Saffioti, com a obra “Uma Mulher na Sociedade de Classes”.

Com uma teorização marxista e um feminismo sofisticado sobre o sexo como forma de estratificação social, atrelado a um balanço detalhado e embasado em estatísticas da divisão do trabalho, economia política da família e da educação das mulheres, Saffioti assinalou época segundo autores internacionais. (CONNELL, 2015)

Comprometida com a política socialista, no embate com a ditadura, sua análise não marcou um movimento autônomo de mulheres, todavia, é perceptível a influência do marxismo estruturalista de Paris nos seus textos, além do diálogo constante com Celso Furtado<sup>19</sup>. (CONNELL, 2015)

Nos anos 70, entre EUA e a Grã-Bretanha, começou a ganhar força uma visão específica da categoria gênero que delimita um campo próprio, situando as lutas das mulheres dentro dos embates sociais mais amplos, abordando a opressão ao feminino como raiz das desigualdades sociais.

Nessa conjuntura da segunda metade do século XX, Julieta Kierwood (1986), na América Latina, coloca que os problemas das mulheres tinham sido vistos historicamente como questões privadas, o ponto chave para os movimentos, nesse momento, seria

---

uma das maiores representantes do pensamento existencialista francês. Será constantemente trabalhada ao longo deste primeiro capítulo, em constantes diálogos com Butler. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/simone\\_de\\_beaupoir/](https://www.ebiografia.com/simone_de_beaupoir/)> Acesso em: 16/06/2017

<sup>19</sup> A obra de Celso Furtado faz parte de uma tradição mais ampla de trabalhos sobre o Brasil e a América Latina. Seu esforço é principalmente o de captar a especificidade de nossas sociedades, explicando como são diferentes dos casos "clássicos", a saber, europeus e norte-americano. Mas dentro do quadro maior, de estudos sobre o Brasil e a América Latina, Furtado se destaca de outros autores por ter sido um dos poucos a intervir diretamente na realidade, o que tanto seus interesses como experiência de vida permitiram.

É a partir dessas referências que se pode entender as realizações do autor de A economia colonial do Brasil nos séculos XVI e XVII em variados domínios. O mais interessante é como as próprias circunstâncias de Celso Furtado permitiram, ao nível do pensamento, uma notável articulação entre as grandes correntes de interpretação da experiência brasileira e a atividade no interior do aparelho de Estado e de organismos internacionais, tornou possível, no plano da prática, a tradução dessas ideias em ação. Por Bernardo Ricupero, em **Celso Furtado e o pensamento social brasileiro**. Disponível: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142005000100024](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000100024)

transformar silêncio em voz. Assim, a força da identidade feminina deveria transformar o grupo em um sujeito histórico capaz de contestar a opressão produzida pelo patriarcado.

Dentro do debate de ideias na modernidade, no campo liberal, tradicionalmente, o público é o Estado, as instituições, a economia; o privado seria o doméstico, o familiar e o sexual.

Encarando esta delimitação moderna como algo impositivo, Carole Pateman (1996) destacou que os problemas apontados como pessoais só poderiam ser resolvidos através dos meios e das ações políticas, apontando à necessidade de um caminho de luta e construção de identidades.

Em 1975, com o patrocínio da ONU, acontece o ano internacional da mulher. Com essa ação, as Nações Unidas geram uma distensão política, facilitando a proliferação de diversos meios de comunicação voltados para este público. Nesse sentido, é fortalecida a luta por esses direitos específicos, atrelado a minorias como negros e homossexuais.

Novos ramos da teoria e da pesquisa feminista se desenvolveram. O Estado é repensado enquanto instituição generificada, altamente complexa, abrindo-se uma gama de possibilidades para sua mudança dentro de uma atuação no seu interior.

Na década de 80 do século passado, Joan Scott marca época nesse viés construtivo. Com ela, a história feminista se tornou um amplo empreendimento, fomentado pela necessidade de corrigir as fortes linhas da história patriarcal.

Para a historiadora norte-americana, há uma relação lógica paradoxal entre igualdade e diferença, dentro da identidade individual e coletiva. O conjunto de paradoxos, núcleo duro deste novo campo, coloca a igualdade como um princípio absoluto e uma prática histórica contingente.

Scott (1995) destaca a necessidade de uma explicação significativa, colocando o lugar do feminino na vida social como algo atrelado ao sentido que suas atividades adquirem através das interações.

Ou seja, a abordagem deve ser focada na construção de sentidos, colocando no mesmo patamar o sujeito individual e a organização social, formatando um universo no qual devemos articular a natureza das suas interpretações. (LIMA & ANTONINO, 2016)

Consequentemente, ao definir e desenhar os pilares categóricos, Scott aborda dois eixos de análise. No primeiro, gênero é entendido como um elemento constitutivo do corpo social, sendo baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; no segundo caminho, esse recorte é posto como a forma primeira de significar os vínculos de soberania, assim, “as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção dessas mudanças não segue necessariamente um sentido único”. (SCOTT, 1995, p. 21).

Nesse meandro, o poder é apresentado como algo central na discussão, principalmente quando problematizamos as relações sociais buscando encontrar caminhos no processo de empoderamento, ocupação de espaços e pertencimento das mulheres, algo que dialoga de maneira muito próxima a Foucault.

Dentro desse contexto, as identidades de grupo definem indivíduos e renegam a expressão ou percepção plena de sua individualidade, com reivindicações de igualdade que envolvem a aceitação e a rejeição atribuídas pela discriminação.

As identidades são, a um só tempo e complexamente, emancipatórias e passíveis de ontologização e reificação. São constitutivos dos sujeitos ao mesmo tempo em que elas se fundam através e por intermédio deles, sendo projetos inconstantes e abertos.

Dessa forma, estão sob alguma rubrica unificadora, como pontos de partida, são projetos colonizadores da radicalidade inexaurível do ser, do sujeito. São ressignificações e inscrições que estão permanentemente abertas, prosas, complexas.

Adentrando no lapso temporal estabelecido pós anos 80, percebemos, aqui, o conceito de gênero estabelecendo a valorização do diferencialíssimo e a afirmação política das diferenças.

As diversidades são potencializadas dentro da dissemelhança. O quadro institucional começa a apresentar uma forte dissociação entre o pensamento feminista e o movimento, principalmente com a proliferação de ações e o surgimento de um portfólio amplo de ONG's<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> ONG é a sigla de Organização Não Governamental, são organizações que desenvolvem trabalhos sem fins lucrativos. As Organizações Não Governamentais (ONGs) são entidades do Terceiro Setor, ou seja, são da sociedade civil e de caráter privado, cuja função é desenvolver trabalhos sem fins lucrativos.

Entre a década de 90 do século passado e os primeiros anos desse centenário, os estudos de mulheres passaram a acontecer de maneira mais ampla, trazendo questões lésbicas, gays e pesquisas não feministas sob a batuta da categoria gênero. Tudo isso acontecendo em meio a controvérsia que esse tipo de discussão destruiria o cunho político para uma ação efetiva.

Chegando ao movimento *QUEER*<sup>21</sup>, este é caracterizado por ser uma teoria abstrata e contemplativa, seguindo seu estilo ou foco de subversão cultural. Tomando como base a sexualidade, representação, linguagem e diferença, não faz referência a coisas práticas como educação das meninas, violência doméstica, Estado ou desenvolvimento econômico.

Nesse movimento que se caracteriza pela ação, as referências para teorização de atividades são os filósofos franceses Foucault, Derrida e Deleuze, com a aplicação feminista dos estudos foucaultianos sobre o discurso, a micropolítica e a regulação dos corpos.

Uma das principais obras do movimento que encara a heteronormatividade é *Gender Trouble*, ou “Problemas de Gênero” em português. Lançado em 1990 pela pensadora americana Judith Butler, o livro traz a defesa de que não há fundamentos fixos das categorias de gênero. Ou seja, a existência das identidades acontece por meio de ações repetitivas, em detrimento da expressão de uma realidade preexistente.

De maneira geral, a discussão sobre o conhecimento, fundamentado historicamente no racionalismo cartesiano/iluminista, mostrou que a epistemologia feminista parece ter sido uma das primeiras formas de produção que coloca em xeque a posição hegemônica da forma de pensar fabricada na lógica burguesa ocidental.

Nesses termos, é contemporânea a crítica à previsibilidade das certezas, diante de uma nova epistemologia emergente, plural e complexa. Percebemos que a contribuição do campo gênero/feminista é declarar a infinita capacidade humana de interpelar, de recolocar

---

<sup>21</sup> Queer é uma palavra inglesa, usada por anglófonos há quase 400 anos. Na Inglaterra havia até uma “Queer Street”, onde viviam, em Londres, os vagabundos, os endividados, as prostitutas e todos os tipos de perversos e devassos que aquela sociedade poderia permitir. O termo ganhou o sentido de “viadinho, sapatão, mariconha, mari-macho” com a prisão de Oscar Wilde, o primeiro ilustre a ser chamado de “queer”. Desde então, o termo passou a ser usado como ofensa, tanto para homossexuais, quanto para travestis, transexuais e todas as pessoas que desviavam da norma cis-heterossexual. Queer era o termo para os “desviantes”. Não há em português um sinônimo claro, talvez, como propõe a professora Berenice Bento, possamos pensar o queer como “transviado”. Disponível: <http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/06/07/teoria-queer-o-que-e-isso-tensoes-entre-vivencias-e-universidade/>

e ressignificar, permanentemente, os conteúdos e as formas daquilo que se apresentam como universal.

Diante disso, esta categoria deve fazer avançar a discussão sobre o sujeito, envolvendo o empoderamento das mulheres, além da ciência e seu enfrentamento numa versão multicultural, emancipatória, que em nosso entender passou a ser decorrente da ampliação de um corpo epistêmico.

Tratando especificamente do Brasil, em termos de ação efetiva, a caminhada com a luta de direitos para mulheres esteve entrelaçada à disputa conjunta com outras minorias. Os estudos, em geral, abordam as relações de gênero dentro do contexto dos movimentos feministas.

No período colonial brasileiro (1500-1822), o patriarcado arraigado se destaca pela objetivação e patrimonialismo masculino sobre as mulheres. Algumas carências eram evidentes, como o direito ao divórcio, à vida pública e ao mercado de trabalho. As reações aconteciam sem maiores organizações, mas já demonstravam como acontecem relações de poder no cotidiano da sociedade. (FAHS, 2016,)

Chegando ao período imperial (1822-1889), diversas transformações são possibilitadas, como o direito à educação das mulheres que começou a ser reconhecido. Já no começo do século XX, entre as modificações que se sobressaem, estão o acesso das trabalhadoras a novos postos e a luta política para melhores condições destes. (FAHS, 2016)

A primeira metade do século XX é marcada pela criação do Partido Republicano Feminista<sup>22</sup> e o surgimento da Associação Feminista de São Paulo.

No Brasil, merece destaque a criação do Partido Republicano Feminista, pela baiana Leolinda Daltro, com o objetivo de mobilizar as mulheres na luta pelo sufrágio, e a Associação Feminista, de cunho anarquista, com forte influência nas greves operárias de 1918 em São Paulo. As duas organizações foram muito ativas e chegaram a mobilizar um número significativo de mulheres. A partir dos anos 1920, a luta sufragista se amplia, em muitos países latino-americanos, sob a condução das mulheres de classe alta e média, que através de uma ação direta junto aos aparelhos legislativos, logo conquistam o direito ao voto. (TIMOTEO, 2013, p. 94)

---

<sup>22</sup> <http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/11/28/sabia-que-o-brasil-ja-teve-um-partido-feminista-e-faz-mais-de-um-seculo.htm>

Esses primeiros movimentos no país tinham um caráter conservador no que se referem aos questionamentos da divisão sexual, pois utilizavam as ideias e representações das virtudes domésticas e maternas como justificativas para suas demandas.

Alguns anos depois, em 24 de Fevereiro de 1932, no governo de Getúlio Vargas, é garantido o sufrágio feminino, sendo inserido no corpo do texto do Código Eleitoral Provisório (Decreto 21076) o direito ao voto e à candidatura das mulheres, conquista que só seria plena na Constituição de 1946. Um ano após o Decreto de 32, é eleita Carlota Pereira de Queiróz, primeira deputada federal brasileira, integrante da assembleia constituinte dos anos seguintes. Durante o período que antecede o Estado Novo, as militantes do feminismo divulgavam suas ideias por meio de reuniões, jornais, explicativos, e da arte de maneira geral. Todas as formas de divulgação da repressão sofrida e os direitos que não eram levados em consideração, eram válidas. Desta forma, muitas vezes aproveitam greves e periódicos sindicalistas e anarquistas para manifestarem sua luta, conquistas e carências. (FAHS, 2016, p.3)

No contexto, entre os dois períodos ditatoriais brasileiros, ocorreram movimentos de formas esporádicas. Com o golpe militar de 1964, as ações políticas feministas são massacradas e suas vozes silenciadas de forma intensa. Existe o fortalecimento de bandeiras burguesas da classe média, nascendo um feminismo popular de resistência. Há uma efervescência cultural, com novos comportamentos afetivos e sexuais, além da tensão do poder público com os “movimentos sociais”, partidos e a igreja.

A partir da década de setenta formam-se ações de mulheres, com uma maior organização, dentro de uma nova agenda e práticas. Em São Paulo, donas de casa da periferia, através das comunidades católicas, reivindicam ao Estado o atendimento das necessidades básicas, a exemplo de creches e melhores salários.

No final da década de setenta as pesquisas voltam-se para as relações de produção. Mulher e trabalho, no espaço urbano ou rural, marcam o início da pesquisa acadêmica, com destaque para os trabalhos das sociólogas Heleieth Saffioti (1978/1979/1981) e Eva Altermann Blay (1978). (SILVA, 2000, p.4)

Chegando aos últimos 20 anos do século XX, o movimento feminista se proliferou por algumas grandes cidades, tentando uma articulação para disputar o Estado, dentro da

unidade democrática da sociedade civil na Assembleia Constituinte de 88. Essa atuação ficou conhecida como “*lobby do batom*” da bancada feminina.

Já se aproximando da virada do milênio, percebe-se uma dispersão das “marchas” dentro de um processo de institucionalização da militância, algo que é influenciado pela dinâmica internacional. Nesse processo, há uma substituição do termo “mulher” pelo conceito de gênero, aquele mais vinculado a atuações começa a ceder espaço de maneira geral ao amadurecimento epistemológico. (COSTA & SARDENBERG, 1994)

Saindo um pouco da narrativa do movimento feminista brasileiro, adentramos na seara política para compreendermos um novo momento, na perspectiva do Estado, para as minorias, incluindo às mulheres.

A chegada de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência do Brasil de maneira simbólica e real, representou um novo olhar, estabelecendo diferentes formatos de relações entre os entes e a sociedade, inclusive quando especificamos as observações em políticas públicas voltadas aos, historicamente, excluídos.

Durante o seu governo foi criada a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres; além da sanção e promulgação da Lei Maria da Penha, que tem o intuito de combater a violência doméstica; e o programa Bolsa Família, um dos principais mecanismos de transferência de renda do mundo, que tem como um dos seus principais eixos, as “donas de casa”.

A sucessora de Lula entrou para história como a primeira mulher que chegou ao posto mais alto da política brasileira. Sua campanha é marcada pelo discurso de continuidade das ações do seu antecessor, com sua imagem pública trabalhada como gerente do então governo progressista/popular.

Todavia, ao longo do caminho, Dilma vai se aproximando às questões de gênero. Isso foi acontecendo paulatinamente desde as tentativas de reações às “Jornadas de junho” em 2013, passando por sua reeleição e, principalmente, na sua queda.<sup>23</sup>

Em artigo publicado no dia 07 de março de 2017, a ex-presidenta coloca algumas questões pontuais relacionadas às ações do governo Michel Temer. Para ela, “as brasileiras

---

<sup>23</sup> Em dois momentos vamos aprofundar esta discussão: no tópico 3, do segundo capítulo, que traça o encadeamento dos fatos até o *impeachment*; e no último quadro, do terceiro capítulo, que aborda questões de gênero relacionadas a queda de uma presidenta.



têm muito a perder com o desmonte das políticas sociais que retiraram milhões da miséria e da pobreza”. (ROUSSEFF, 2017, p.1)

Minha eleição, assim como aquelas de Michelle Bachelet e Cristina Kirchner, em países vizinhos, passaram uma nova mensagem: a de que as mulheres podem chegar à condução dos destinos dos países, embora nossos desempenhos sejam avaliados tendo por base preconceitos, discriminações, misoginia. Escutamos, por outro lado, a mensagem das mulheres, em nosso apoio, e o alerta de que “o ataque pessoal é um ataque político”. Há um campo simbólico minado pelas concepções machistas e o Estado é permeado por elas. Hoje, mais do que nunca, as brasileiras têm muito a perder quando se inicia o desmonte de todas as políticas sociais que retiraram milhões da miséria e da pobreza. Quando se ameaçam todos e todas com a redução de direitos trabalhistas e previdenciários. (ROUSSEFF, 2017, p.3)

Dilma coloca de forma categórica como é simbólico a chegada de mulheres aos espaços de poder, tradicionalmente, masculinos. Não só isso, ela traz, com um caráter particular, como o desempenho delas é avaliado com base em preconceitos, discriminação e misoginia.

Ao afirmar isto, a ex-presidenta abre as portas para nossa análise. Ao longo do nosso percurso enquanto pesquisador, percebemos aspectos sexistas dentro do tabuleiro de deslegitimação de uma mulher que ocupava o poder central.

Essa faceta, que é reflexo de práticas culturais de parcela significativa da nossa sociedade, foi visualizada e acionada em discursos que serviram e impulsionaram o processo de *impeachment*, com consequências em todos os campos de atuação, especialmente nas redes sociais.

Diante desse quadro, a base teórica vai sendo sedimentada. O diagnóstico para encarmos como o fato de Dilma ser mulher contribuiu, decisivamente, para sua queda foi iniciado. Este seria o início e o fim, até lá vamos percorrer um longo percurso empírico, de escolhas analíticas e abordagens metodológicas.

A moldura para este quadro foi um novo conservadorismo e sua atuação nas redes sociais virtuais. Como novos fenômenos emergiram e consolidaram um inovador ativismo políticos, mas, que trazia velhas bandeiras nacionalistas e morais.

## 1.2 – Foucault e Butler, um marco nas Ciências Humanas

Para encarar todo um percurso de análise é preciso sedimentar o caminho com uma base filosófica consistente. Não só isso, devemos evidenciar aspectos observacionais deste suporte dentro do estudo de gênero nas ciências sociais, estabelecendo canais de diálogo entre os diferentes autores.

Ao nos situarmos na história do pensamento ocidental, compreendemos um processo maior que fundamenta os sustentáculos necessários que apontam as trilhas, caminhos e enfoques primordiais dentro do nosso diagnóstico.

Colocamos os movimentos feministas e os estudos de gênero de maneira situacional, elencando momentos, leituras e consequências de atuações no mundo e, de modo particular, no Brasil.

A dimensão filosófica que será aqui trabalhada, é construído de uma ponte essencial entre o pensamento social e as questões relacionadas especificamente aos estudos de gênero. Ao enfrentar esta relação conseguimos apresentar um norte epistemológico para desnudar o debate sobre as categorias indispensáveis à sistematização da observação.

Nesses termos, ganha um caráter especial, dentro da nossa trajetória, o contexto de surgimento dos “filósofos da diferença”. Os protagonistas do pensamento francês na segunda metade do século XX ocuparam papéis centrais no pensamento ocidental.

Naquele momento, a França estava tomada pelo existencialismo de Sartre, influenciado pelo marxismo. No decorrer dos anos 60, o estruturalismo, originalmente concebido pelo linguista Ferdinand de Saussure, torna-se marcante dentro das ciências humanas com Claude Lévi-Strauss. Além disso, é o momento que Louis Althusser relê Marx a partir de elementos da cultura humana, entendidos em face a sua relação com um sistema mais abrangente. (GILBERT, 2008)

Nesta dimensão, Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jacques Derrida, em grau variado e de diferentes formas, dialogam com Lévi-Strauss. Como plano de fundo ainda aparece Nietzsche, marcando essa geração que influenciaria o futuro da filosofia.

São as diferenças que produzem a diversidade e multiplicidade irreduzíveis, ao mesmo tempo em que as singularidades e as descontinuidades insuperáveis ou superáveis de modos convergentes. Existe uma

hermenêutica na filosofia da diferença, mas uma hermenêutica – uma liberdade de interpretar, de fazer sentido – que teria rompido com suas conviências idealistas e fenomenológicas. Uma hermenêutica fragmentada, que não refere a nenhuma unidade ou totalidade de sentido original ou final. (GILBERT, 2008, p.526)

Dentre esses pensadores, a denúncia às representações correntes da História e da epistemologia é desencadeada por Foucault. Fazendo uma crítica às maneiras pelas quais certas verdades e seus efeitos práticos vêm a se formar, ou se estabelecer no presente, o pensador francês institui sua influência nos mais variados campos da ciência.

Sua análise e conceitos inaugurais de poder são tomados como parâmetros que perpassam diversos campos científicos. Estes estudos terminam por abranger variadas áreas do conhecimento, estabelecendo um diálogo muito próximo com o nosso objeto de estudo.

Nesse sentido, seus escritos deslocam os posicionamentos sobre política e Estado em relação às teorias clássicas. Considerado por muitos um autor pós-moderno, é um crítico do humanismo por entender que esse reforça uma sociedade disciplinar, que seria fruto das transformações sociais ocorridas nos séculos XVIII/XIX, e levaram a alterações do jogo relacionado ao poder.

Duas imagens, portanto, da disciplina. Num extremo, a disciplina-bloco, a instituição fechada, estabelecida à margem, e toda voltada para funções negativas: fazer parar o mal, romper as comunicações, suspender o tempo. No outro extremo, com o panoptismo, temos a disciplina-mecanismo: um dispositivo funcional que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho das coerções sutis para uma sociedade que está por vir. O movimento que vai de um projeto ao outro, de um esquema da disciplina de exceção ao de uma vigilância generalizada, repousa sobre uma transformação histórica: a extensão progressiva dos dispositivos de disciplina ao longo dos séculos XVII e XVIII, sua multiplicação através de todo o corpo social, a formação do que se poderia chamar grosso modo a sociedade disciplinar. (FOUCAULT, 2009, p.198)

Para o autor, as sociedades disciplinares organizaram os grandes meios de confinamento modernos. Estes tinham como foco concentrar e regular no tempo e no espaço determinada produção com o indivíduo sendo cercado por espaços fechados: fábrica, escola, hospital, prisão, entre outros.

É bom destacar que esses mecanismos disciplinares são anteriores ao período que Foucault denominou a sociedade homônima, todavia, não aconteciam de forma sistemática, predominante. O grau de sofisticação e controle interno no interior das instituições, percebidos na análise foucaultiana, só seriam alcançados com o momento histórico descrito pelo filósofo.

Tomando como base o caráter geral desta forma de pensar, o próprio autor divide sua obra em três momentos: a arqueologia do saber, a genealogia do poder e a da moral. Como método, coloca a história em perspectiva, pois, queria uma forma de narrativa que não se envergonhasse de ser um saber parcial, preliminar.

Assim, não visava o conforto da verdade, apenas uma narrativa ciente dos seus limites e das jurisdições interpretativas. “O sentimento histórico dá ao saber a possibilidade de fazer, no movimento de seu conhecimento, sua genealogia”. (FOUCAULT, 1979, p.30)

A escrita sobre o passado do francês, não visava uma explicação, tinha como objetivo demonstrar a invenção, a construção ou movimento de reconfiguração dos novos planos, institucionais e discursivos, sempre atrelados à instalação das relações de poder.

A análise em tempos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais. (FOUCAULT, 2001, p.88)

Todavia, temos que compreender que a teoria emergente a essa base filosófica é elaborada em função do sujeito, situando-se como mecanismo de entendimento. Assim, além deste, a subjetivação e a sujeição, seriam “modos através dos quais, na nossa cultura, seres humanos são feitos sujeitos”. (FOUCAULT, 1983, p.208)

A assujettissement<sup>24</sup> é algo que submete o ser ao controle de sua identidade ou autoconsciência. Ou seja, sujeitar-se seria também tornar-se sujeito. Ambas as acepções indicariam uma forma de poder que impele. A formação do indivíduo, nesse caso, só poderia ser entendida dentro de um contexto histórico discursivo.

Os atos e efeitos da fala reinaugurariam continuamente verdades que aparecem enquanto um modo instrumental de poder. As verdades são ligadas a uma inteligibilidade, a

---

<sup>24</sup> Tradução livre do francês para o português: sujeição.

certas normas de conhecimento. Isto ocorre delimitando o que será possível enquanto sujeito, existindo uma relação entre mecanismos de coerção e elementos do conhecimento.

Desta forma, para Foucault, a epistemologia estaria comprometida, pois procura mostrar que o ser, supostamente universal dentro do conhecimento da realidade, nada mais é que um indivíduo historicamente qualificado, mostrando que a descoberta da verdade é na realidade certa modalidade de produção desta. (FOUCAULT, 1983, p.305)

Assim, o poder não seria uma entidade, é colocado como algo relacional. Cada relação social guardaria em si possíveis conexões de poder.

Essa forma de poder que se aplica à vida cotidiana imediata categoriza o indivíduo, marco-o pela sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe nele uma lei da verdade que ele deve reconhecer e que outros devem reconhecer nele. É uma forma de poder que faz, dos indivíduos, sujeitos. (FOUCAULT, 1983, p. 212)

Diante desse cenário, como ferramentas instrumentais, a economia ou técnicas agem positivamente por inclusão, produção e formação do saber. Assim, estas ferramentas devem ser consideradas em relação a um campo de interações, contemplando relações alusivas a formas de conhecimento.

A genealogia foucaultiana propõe o fim do binarismo, da repressão. Alguma liberdade é condição necessária para que o poder seja exercido, trazendo um jogo de posições e reações antagônicas possíveis.

Neste âmbito, toda relação social guarda a possibilidade de estabelecer conexões dentro do jogo, sendo estas passíveis de mudança em qualquer cenário. Desta forma,

É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponte de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. (FOUCAULT, 2015, p.92)

Não há dúvidas, dentro da perspectiva que estamos adotando, diante da abordagem de Foucault, que o poder deve ser colocado como algo dinâmico, processual, temporal, uma convergência complexa de relações sempre instáveis. Ao procurar descrevê-lo é preciso

perceber que estamos tratando de uma descrição relacionada à determinada situação. Não o podemos reduzir aos nomes que estamos nomeando.

Assim, o “historiador das ideias” busca denunciar o funcionamento dos dispositivos de poder-saber que são constitutivos do sujeito, estes que funcionam dentro das ciências humanas, com a participação na articulação de uma classificação, de um controle dos sujeitos.

No bojo dessa base filosófica, a sexualidade é um sistema construído em função de uma normalidade, atrelada a um tipo de conhecimento que não deve ser entendido como algo fixo. Chegamos ao modo de proceder socialmente sobre os corpos humanos, só havendo uma determinada identidade social, mediante à sujeição.

O pensador francês é comprometido com a historicidade que é indissolúvel de uma importância sedimentada na filosofia, levando em consideração para análise o processo de constituição da prática e do discurso.

A investigação de textos e documentos pertencentes ao contexto selecionado, que trazem micro atuações em vigor, busca detectar a inteligibilidade própria do momento estudado.

A episteme<sup>25</sup> procura entender o processo de desenvolvimento e o modo de operação da rede que marca a sociedade em questão, e a racionalidade que embasa e mantém a mesma. Este recurso metodológico é colocado como algo que representa cada época, diante dos seus paradigmas típicos que orientam e condicionam a produção intelectual de um dado momento histórico.

Negando uma abordagem puramente epistêmica de gênero, as categorizações são orquestradas pelas relações de poder existentes, operam indicando quem e o que é considerado real ou verdadeiro. O que conta e o que é condenado ao silêncio.

Não se trata de incluir ou excluir, mas de entender os processos pelos quais os sujeitos são diferenciados. Qualquer categoria identitária seria fundamentalmente instável, incapaz

---

<sup>25</sup> O termo "episteme" está no centro das análises de *As Palavras e as Coisas* (1966) e deu lugar a numerosos debates na medida em que a noção é, ao mesmo tempo, diferente da de "sistema" - que Foucault praticamente nunca utiliza antes que sua cadeira no Collège de France fosse, a seu pedido, rebatizada, em 1971, como "cadeira de história dos sistemas de pensamento" - e da de "estrutura". Por episteme, Foucault designa, na realidade, um conjunto de relações que liga tipos de discursos e que corresponde a uma dada época histórica: "são todos esses fenômenos de relações entre as ciências ou entre os diferentes discursos científicos que constituem aquilo que eu denomino a episteme de uma época". (REVEL, 2005, p.40)

de descrever plenamente aqueles que se propõe. Determinada figura é enquadrada em várias categorias concomitantemente, não sendo inteiramente previstos pelas e adequadas às suas identidades.

Além disso, dentro desse caráter histórico, os detalhes historiográficos ganham relevância para uma verificação investigativa. Assim, percebemos alvos, na medida em que conseguimos revelar a operação dos esquemas interpretativos de uma época e os processos de subjetivação que nos fazem sujeitos.

Chegando à História da Sexualidade, esta é uma das obras de Foucault que dialoga de forma mais próxima ao campo de gênero. A identidade corporal é “fonte”, colocada como algo construído socialmente, que é restrita às diferenças sexuais, a exemplo da anatomia e do sexo. Como elementos reguladores, ser sexuado é sujeitar-se a uma série de restrições e regulamentos sociais.

No capítulo denominado *Scientia Sexualis*, o filósofo francês demonstra que

No decorrer dos séculos, para dizer a verdade do sexo, procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta às artes das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão. (FOUCAULT, 2015, p.64-65)

Os procedimentos da confissão/discurso científico fazem funcionar os rituais de dizer a verdade nos esquemas de regularidade científica, através de uma codificação clínica do falar, dos postulados de uma causalidade geral e difusa, do princípio de uma latência intrínseca à sexualidade, do método da interpretação e da medicalização dos efeitos da confissão. (FOUCAULT, 2015)

Diante disso, para Foucault (2015) estabelece-se como núcleo singular da *Scientia Sexualis* o rito da confissão obrigatória e exaustiva, sendo a primeira técnica para produzir a verdade do sexo. Aquele foi aos poucos sendo desvinculado do sacramento da penitência, migrando para pedagogia, medicina e psiquiatria. Assim, a modernidade reagiu ao sexo instaurando,

Todo um aparelho para produzir discursos verdadeiros sobre ele, não somente falou muito e forçou todo mundo falar dele, como também empreendeu a formulação de sua verdade regulada [...] trata-se de definir as estratégias de poder imanentes a essa vontade de saber e, no caso específico da sexualidade,

construir a economia política de uma vontade de saber.  
(FOUCAULT, 2015, p. 80)

Todavia, isso está relacionado a uma análise de poder, uma definição do domínio específico formado por suas relações e a determinação dos instrumentos que permitem analisá-lo, saindo da representação jurídico-discursivo.

Quanto ao método, aqui devemos observar a formação de um certo tipo de saber sobre o sexo, não em termos de repressão ou de lei, mas relacionado ao poder, nos patamares elencados, sendo este uma multiplicidade de correlações das forças imanentes aos domínios onde se exercem, formatando algo constitutivo de sua organização.

Esta jurisdição deve ser entendida como um jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, se transforma, reforça e/ou inverte. As estratégias em que este movimento se origina e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais é o grande desafio de uma abordagem. Nesses termos, Foucault afirma que

O poder não é uma instituição nem uma estrutura, não é uma potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada”. (FOUCAULT, 2015, p.101)

O dispositivo da sexualidade é o nome que pode ser dado a uma grande rede de superfícies em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber/poder. (FOUCAULT, 2015)

A atuação deste elemento acontece de acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais. É uma extensão permanente dos domínios e das formas de controle, é pertinente às sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões. Se liga à economia através de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal.

Para o pensador francês, a existência da sexualidade é fruto de uma invenção histórica da racionalidade ocidental, construído como algo que é consequência natural de uma “essência” dada, esta que se manifesta nos sujeitos em decorrência da psique, para justificar o procedimento de naturalização.



Focando o entendimento da linguagem, esta não seria apenas descritiva, ganha um caráter performativo. Assim, destaca-se como algo que realiza o que diz nomear, ao mesmo tempo em que o descreve.

O exemplo disso seria o sim do altar. Não descreve nada, casa-se. O corpo está imerso em uma historicidade normativa, normas regidas por um ideal regulatório, no sentido que Foucault deu ao terreno. Para isso de fato ocorrer existe um arsenal de regras e instituições que fazem com que “o sim” mude as funções dos corpos. Casado tem obrigações, dívidas, privilégios, perante o outro e o social. Torna-se sujeito a essas normas.

Dessa forma, percebemos a importância de Foucault nas ciências humanas, no final do século XX, algo que persiste no momento atual. O pensador francês representa uma marca nos mais variados campos, em especial, na perspectiva analítica gênero/feminista.

Todas as observações relacionadas a sujeição, e suas consequências, entre os diversos outros mecanismos, começaram a servir de instrumento para uma nova abordagem das tradicionais formações identitárias, que sustentavam uma série de ações políticas.

Butler, talvez, seja o principal expoente dessa “nova” geração. Inova no sentido de colocar em pauta, de forma problematizada, questões até então cristalizadas. Renova no caminho ao não colocar como foco principal a ação política. É novidade ao mostrar uma necessidade de apontar veredas de atuação para sairmos dos muros da academia.

É neste contexto que passaremos a discutir um outro marco no pensamento contemporâneo. Professora na Universidade da Califórnia, onde é codiretora do Departamento de Teoria Crítica, Judith Butler é apresentada na França como continuadora do pensamento foucaultiano.

Em 1993 lança nos Estados Unidos o livro *Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade*. De maneira geral, ela influencia o movimento feminista com suas proposições performativas, suas críticas ao ideal identitário e a abordagem sobre a normatividade do termo analítico.

Em sua obra traçou o caminho percorrido para consolidação da perspectiva de sujeição, que entrelaça o sujeito por meio do que ela denominou de “mecanismos psíquicos”.

Tomando como base o pensamento foucaultiano, a autora faz uma crítica a noção de uma naturalização da categoria sexual, colocando o elemento da modernidade na abordagem,

pois “os gêneros distintos são parte do que humaniza os indivíduos na cultura contemporânea”, (BUTLER, 2016, p.164)

Seguindo sua linha de raciocínio, o sexo seria destituído de sua autoridade biológica da natureza humana, inserido em meio a um jogo de verdades e relações complexas de poder.

Pressupor a existência de algo natural, categorizado a partir de uma genitália, mas que é modificada pela cultura, através de um olhar baseado no gênero, é assegurar, desde já, a peremptória binaridade.

O conjunto filosófico Foucault/Butler prepara o terreno para escaparmos dos postulados cientificistas dados, questionando histórica e socialmente as relações que perfazem e os efeitos dessa crença em uma verdade científica.

Se o caráter do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado sexo seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. (BUTLER, 2016, p.25)

Ao tirar a sexualidade do campo restrito da biologia, automaticamente a desnaturalizamos, a colocamos no campo da cultura, dos significados, dentro de uma teia de verdades que está presente em determinada situação histórica.

Butler vai além, coloca gênero e sexo no mesmo patamar, fora dos aspectos naturais, cabendo no vasto leque que permite questionamentos, garantindo possibilidades de construções e desconstruções, possibilitando a fuga das performances que estejam de acordo com o binarismo heteronormativo.

Tomando isso como base, podemos avançar, percebendo que este debate está fincado em recortes culturais, observando práticas, hábitos, costumes, e sua complexa rede de inter-relações.

Quanto ao caráter performativo do estudo de Butler, J.L. Austin, por volta de 1955, já propunha a linguagem enquanto atos comportamentais. Segundo ele, existem determinadas sentenças não descritivas, que conseqüentemente não se prestam a representar por meio de palavras uma determinada situação. (AUSTIN, 1990)

Dessa forma, existem expressões que, de fato, representam um fazer. Estas possuem efeitos nos corpos inter-relacionados, modificam um determinado estado de coisas, sendo

algo prático. Assim, gestos são produzidos na seara comportamental por atos rigidamente recuados, uma reiteração constante, que se dá durante a vida das pessoas, se perfazendo como a natureza humana.

Seguindo essa lógica, Butler trabalha desvelando o processo de formação das categorias relacionadas a óptica do gênero, incluindo o próprio sexo, este que comumente passa por este processo de naturalização. Desta forma, recusa-se em confiar na materialidade do corpo como um ponto de partida ou a primariedade da diferença sexual como algo peremptório.

A autora norte-americana foca sua análise na relação entre a materialidade do sexo e a performatividade do gênero, como este trabalha materializando aquele, o naturalizando. Neste contexto de organicidade biológica, os corpos seriam, necessariamente, objeto.

A subjetividade que a teoria butleriana trabalha não pode ser compreendida sem que leve em conta o seu conceito de materialidade. Investigar a maneira pela qual a linguagem produz e mantém a matéria não é equivalente a negar esta, ou excluí-la por completo, mas compreender sua rede de atuação, o que sua existência representa.

Outro ponto marcante no pensamento em questão é sua crítica ao movimento feminista e à ideia de um sujeito. A teoria feminista, de maneira geral e histórica, tem presumido a existência de uma identidade definida, compreendida pela categoria mulheres, que serve de base para uma representação política.

Esse instrumento representacional sempre foi colocado como um termo operacional, que no seio de um processo político, busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como agentes. Todavia, “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes”. (BUTLER, 2016, p.18 )

Citando Foucault, a norte-americana coloca que o pensador francês mostrou, em “História da Sexualidade I”, como os sistemas jurídicos de poder produziam os sujeitos que subsequentemente passavam a representar seus produtores.

A regulação da vida por noções jurisdicionais acontecia em termos negativos como limitação, proibição, regulamentação dos indivíduos relacionados àquela determinada estrutura.

O sujeito é uma questão crucial para a política, particularmente para a política feminista, pois os sujeitos jurídicos são invariavelmente produzidos por

via de práticas de exclusão que não aparecem, uma vez estabelecida a estrutura jurídica política, [...] A crítica feminista também deve compreender como a categoria das mulheres, o sujeito do feminismo, é produzido e reprimido pelas mesmas estruturas do poder por intermédio das quais se busca a emancipação. (BUTLER, 2016, p.19-20)

A noção de patriarcado universal dada pelas feministas desencadeou, segundo a filosofia *QUEER*, o fortalecimento aparente de representatividade das reivindicações do feminismo, desencadeando uma fragmentação e oposição ao movimento das próprias mulheres, colocando limites à política de identidade.

Nestes termos, segundo Butler, as estruturas jurídicas da linguagem e da política constituiriam o campo contemporâneo do poder, não havendo posição fora dele. Todavia, seria possível estabelecer uma genealogia crítica das práticas de legitimação destes pilares, colocando como ponto de partida crítico o presente histórico.

A ordem compulsória do sexo/gênero/desejo, seguindo esse caminho de atuação, servia para estabelecer a unidade da categoria mulheres. Com a divisão dicotômica sexo e gênero, colocou-se este como significado cultural assumido pelo corpo, sugerindo ainda uma descontinuidade radical entre corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos.

Ao introduzir Simone Beauvoir no debate, com sua famosa frase, “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, encontramos o corpo como uma situação, instrumento/meio com o qual um conjunto de significados culturais são apenas externamente relacionados.

Para Butler, em Beauvoir, o sujeito, na analítica existencial da misoginia é sempre masculino, fundido com o universal, diferenciando-se do feminino que está fora das normas universalizantes que constituem a condição de pessoa.

A insistência sobre a coerência e unidade da categoria mulheres rejeitou efetivamente a multiplicidade das interseções culturais sociais e políticas em que é construído o espectro concreto das mulheres, [...] o gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. (BUTLER, 2016, p.42)

A noção de que pode haver uma verdade do sexo, portanto, é produzido por práticas reguladas que geram identidades construídas por via de uma matriz as normas de gênero coerentes. A identidade seria entendida como uma relação entre sexo, prática sexual e desejo.

Quando falamos numa crítica da identidade, não significa que desejamos nos livrar de toda e qualquer identidade. Pelo contrário, uma crítica da identidade interroga as condições sob as quais elas se formam, as situações nas quais são afirmadas, e avaliamos a promessa política e os limites que tais asserções implicam. (BUTLER, 2013, p.26)

O campo filosófico de Butler é complexo, mas alguns dos seus elementos sedimentam boa parte de nossa análise. Ao focarmos o caráter performático, dentro de uma base foucaultiana, conseguimos traçar um quadro teórico que deve basilar todo um percurso metodológico e analítico.

Este tipo de leitura facilitou o nosso trabalho, abriu as portas para adentrarmos na seara do diagnóstico. O gênero é uma faceta de nossa abordagem, é um elemento que, junto com diversos outros, está atrelado ao campo conservador e aos instrumentos de deslegitimação da presidenta Dilma.

Usando as palavras de Butler, aqui, não devemos negar a existência de identidade, elas existem, mas sua crítica principal consiste em colocarmos como instrumento de atuação política para o feminismo. Neste ponto, tomamos outro caminho, vamos analisá-las como mecanismo de deslegitimação das mulheres nos espaços de poder.

Indo além, tem sido evidente como no ambiente online determinadas identidades têm se organizado de maneira, muitas vezes, efêmera, cumprindo algum papel e ganhando uma visibilidade necessária para intervenção nas redes e nas ruas, nos diversos campos possíveis.

Colocado isso, antes de adentrarmos no material empírico, vamos construir um método, demonstrando os principais passos da escolha, para, então, chegar dentro da plataforma de observação, levando em consideração o papel das redes sociais na sociedade atual.

É nesse contexto que ganhou força o processo de deslegitimação de uma mulher na presidência. Atrelado a uma reorganização de identidades, com a defesa de bandeiras de cunho nacionalista e conservador, conseguimos identificar núcleos de atuação e aproximação dentro de plataformas virtuais.

Com atuações performáticas dentro das redes e no mundo real, sempre com uma conotação agressiva, que, na maioria das vezes, chega ao patamar de ódio, partindo de um tablado poliforme, personagens vão se aproximando, mesmo que distante fisicamente. Essas

atuações circulam nos dois universos (*on/offline*), em proporções diferentes, com consequências em ambos os contextos.

Antes de mergulharmos nas outras etapas, precisamos aprofundar o diálogo entre Foucault e Butler na perspectiva de gênero, estabelecendo uma proximidade maior dentro de uma sistemática de ideias relacionadas, de forma mais aguçada, ao nosso objeto.

### **1.3. Butler e Foucault: continuidades e descontinuidade para o estudo de gênero**

Chegando ao último tópico relacionado à base teórica construída para ser o suporte de análise, vamos aproximar através de elos discursivos elementos de gênero, envolvendo Butler e Foucault, destacando os conceitos que unificam ou distanciam ferramentas de abordagem dos dois autores.

Diante desse quadro, nos permitiremos observar como determinadas questões serão relacionadas aos mecanismos de atuação contra a presidenta Dilma Rousseff. Não só isso, como algumas categorias desses pensadores servem para entender a dinâmica da sociedade atual.

Adentrando um pouco, nesse primeiro momento, na discussão sobre Foucault, a partir de uma óptica butleriana, percebemos a evidência de uma economia reguladora e difusa da sexualidade na categoria sexo feminino/masculino.

Diante disso, o gênero só poderia denotar uma unidade de experiência atrelando sexo, gênero e desejo, podendo ser uma designação psíquica e/ou cultural do eu.

A coerência a unidades internas de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional, [...] sugere que a categoria de sexo, anterior a qualquer caracterização da diferença sexual, é ela própria construída por via de um modo de sexualidade historicamente específico. (BUTLER, 2016, p.52-3)

Ao postular o sexo como causa da experiência sexual, do comportamento e do desejo, a produção tática de categorização atribui uma coerência, um sentido, um norte. Determina uma estabilidade que termina por ofuscar o *modus operandi* constitutivo em determinado ponto histórico.

A anterioridade do sexo a qualquer outra questão permite, justamente, a restrição à heterossexualidade. Este elemento de estabilidade biológica traduz relações de poder, construídas institucionalmente dentro de uma rede de verdades.

Segundo Butler (2016), na pesquisa genealógica de Foucault, essa causa (sexo) seria efeito. A produção, construção e regulamentação de um regime que tem como centro a sexualidade, regulando a experiência sexual, instituindo as categorias distintas (homem/mulher) como funções fundacionais e causais.

As substâncias, ou o natural, seriam coerências contingentes criadas pela regulação de atributos, a sua própria ontologia afigura-se não só como um efeito artificial, mas essencialmente supérfluo. “Gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras do gênero”. (BUTLER, 2016, p.56)

Assim, essa discussão desmonta qualquer cristalização de identidades. O que encontramos são atuações, gestos, performances e práticas repetidas que substanciam uma origem. “Não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero, essa identidade é performativamente constituída pelas próprias expressões tidas como seus resultados”, (BUTLER, 2016, p.56)

Seguindo esse raciocínio, para pensadora estadunidense, a linguagem seria um instrumento ou utensílio que, “absolutamente”, não é misógino em suas estruturas, mas somente em suas aplicações. Existiria um poder nos códigos do sistema em subordinar e excluir as mulheres.

Em Foucault, a sexualidade e o poder são extensivos, refutando a postulação de uma sexualidade subversiva ou emancipatória que possa ser livre da lei. Já para ela, o antes e o depois da legalidade são modos de temporalidade discursiva e performativamente instituídos.

Na autora americana, o poderio abrange tanto as funções ou relações diferenciais jurídicas, proibitivas e reguladoras, como algo produtivo e intencionalmente generativo. A sexualidade emerge dessas relações sendo uma repetição uniforme de uma economia masculina da identidade.

As produções se desviam de seus propósitos originais e mobilizam inadvertidamente possibilidades de sujeitos que não apenas ultrapassam os limites da

inteligibilidade cultural como efetivamente expande as fronteiras do que é de fato culturalmente inteligível. (BUTLER, 2016, p.63)

O ser pertenceria, necessariamente, a um dos campos dicotômicos (homem/mulher), sendo isto “apenas” um efeito. Isso seria o objeto de uma investigação genealógica, esta que mapeia os parâmetros políticos de sua construção no modo da ontologia.

Como elemento ilustrativo dos caminhos que podem ser adotados, podemos citar como exemplo o conceito de mulher em Simone Beauvoir, que citamos no tópico anterior. Assim encontramos um termo em processo, um devir, um construir que não se pode dizer com acerto sua origem ou seu fim.

Na leitura de Butler sobre Beauvoir, a categoria mulheres é variável, é uma realização cultural, um conjunto de significados que são assumidos ou absorvidos dentro de um campo cultural e que ninguém nasce com um gênero. “A categoria mulher não é necessariamente a construção cultural do corpo feminino, e homem não precisa necessariamente interpretar os corpos masculinos”. (BUTLER, 2016, p.194)

Para Judith Butler, “gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância. De uma classe natural de ser”. (BUTLER, 2016, p.59)

Dessa forma, as práticas e convenções sociais que produzem a sexualidade estão na capacidade produtiva de poder, as estratégias reguladoras geram os sujeitos que vem a subjugar, “essas convenções produzem e interpretam para nós aquela sexualidade que Foucault consideram estar fora de qualquer convenção”, (BUTLER, 2016, p.173)

A categoria sexo é que impõe o artifício da unidade e da univocidade a um conjunto de funções e elementos ontologicamente distintos.

Nós já sabemos que ele (Foucault) entende as categorias do sexo e da identidade em geral como efeito e instrumento de um regime sexual regulador, mas fica não fica claro se essa regulação é produtiva ou heterossexual, ou alguma outra coisa. (BUTLER, 2016, p.177)



O sexo seria a unidade ficcional, um ideal especulativo, regulador que produz o corpo que regula. Ganha aparência de uma unidade monolítica na medida em que assimila as diferenças, criando uma racionalidade, dentro, necessariamente, de um regime estritamente heteronormativo.

Esta noção permitiu agrupar, de acordo com este tipo de unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres. Assim, possibilitou fazer funcionar este esquema novo como princípio iniciador, algo essencial ou substancial.

Esta unificação acontece relacionada ao seu caráter heteronormativo, algo que produz a sensação de estabelecimento a partir de uma causa. A discriminação linguística pode ser colocada como o instrumento que assegura a operação cultural e política de uma heterossexualidade compulsória.

O sexo impõe uma unidade artificial a um conjunto de atributos de outro modo descontínuo como discursivo e perceptivo, o sexo denota um regime epistemológico historicamente contingente, uma linguagem que forma a percepção, modelando à força as inter-relações pelas quais os corpos físicos são percebidos. (BUTLER, 2016, p.199)

Em *Vigiar e Punir* (2009), Foucault questiona a linguagem da internalização, operada a serviço do regime disciplinar da sujeição e da subjetivação de criminosos. A lei seria a um só tempo plenamente manifesta e latente, pois nunca aparece como externa aos corpos que sujeita e subjetiva. A locução como mecanismo de compreensão dessa significação interna é apresentada pelo autor como estilística da existência.

Assim, para Butler, dialogando frequentemente e claramente com ele, gênero seria uma performance com consequências claramente punitivas, é uma construção que oculta normalmente sua gênese. A sedimentação destas normas produz o fenômeno peculiar de, supostamente, o sexo ser natural.

Ou seja, a realidade seria criada com performances sociais contínuas, gerando noções de algo essencial, masculinidade/feminilidade, partindo da estratégia que oculta o seu caráter performativo. “Os atributos de gênero não são expressivos mas performativos, então constituem efetivamente a identidade que pretensamente expressaria ou revelariam”. (BUTLER, 2016, p.243)

De forma sintética, apresentamos acima uma leitura de Butler em relação a Foucault. O que aproxima ambos, sem, todavia, esquecer o caráter crítico. Aqui, o diálogo vai além, mostra a penumbra filosófica que formatou um novo olhar, envolvendo categorias que podem ser relacionadas à perspectiva de gênero.

Partimos da premissa de que qualquer existência deve ser sempre colocada em âmbito social. Pois, segundo as diretrizes aqui trabalhadas, é viabilizada por esquemas normativos socialmente perpetrados que agem tacitamente permeados da sexualidade, especialmente na modernidade.

A apontar o funcionamento de uma performatividade que esconde o caráter fictício da naturalização foi colocado como o desafio pelos autores aqui abordados, ampliar esse olhar para outros âmbitos, talvez seja o nosso enfrentamento particular dentro dessa discussão maior.

Para Foucault, entender os mecanismos pelos quais aquilo que é considerado um problema ganha seu *status* de problema é o norte filosófico para encontrarmos situações históricas, nomeadas de acordo com interesses sociais. (FOUCAULT, 2001, p.171)

A americana e herdeira teórica do francês, abre caminhos e questionamentos, sem, no entanto, ditar quais tipos de possibilidades observacionais ou performáticas serão realizadas, buscando entender esquemas de inteligibilidade que definem a vida, vivida.

O sistema analítico da pensadora estadunidense se dá, de tal modo, que todos seus pontos são mutuamente implicantes e inter-relacionados. A subjetividade que sua teoria trabalha não pode ser compreendida sem que leve em conta o conceito de materialidade implícito.

Ao investigarmos a maneira como a linguagem produz e mantém a matéria factível, não é equivalente a negativa de sua existência, ou sua completa exclusão. Todavia, é preciso deixar claro que existem normas e procedimentos que a produzem.

O poder regulatório do francês, temporal e culturalmente contextualizado, modela o indivíduo desde o seu surgimento, disfarçando sua genealogia como estratégia de permanência.

A linguagem acontece em um momento histórico, é historicamente condicionada, adquirindo a forma de um discurso, que reproduz sempre as relações de poder da época em que se dá.

Butler, diferentemente de Foucault, não distingue linguagem de discurso, para ela, ambos são igualmente e temporalmente comprometidos. A dinâmica dos sexos, o corpo e a sexualidade já aparecem como um efeito da sua força causal reguladora.

Em Foucault, o processo de subjetivação tem lugar principalmente através dos corpos, a formação do sujeito só pode ser entendida dentro de um contexto histórico discursivo, o poder regulatório é sempre temporalmente marcado. A genealogia expõe um objeto impresso pela história.

A matéria em Butler não é uma folha em branco, uma massa disforme, isenta, apática, inanimada e independente. Nessa construção, de alguma forma seria parte inerente dos sujeitos e frequentemente age neles.

Não funciona como lugar ou superfície, mas como um processo de materialização que se estabiliza com o tempo para produzir o efeito de limite, fixidez e superfície a que chamamos de matéria [...] Não *podendo* haver referência a uma materialidade pura e não ser via materialidade (processo). (BUTLER, 1993, p.68)

Qualquer aparecimento ou intervenção da matéria, qualquer modo pelo qual ela nos afete, tem a interferência da linguagem. Não podemos ver a coisa despida do nome, que ela já nos vem, sempre, emoldurada por uma nomenclatura.

Em Althusser (1992), a ideologia confere uma existência que só se exprime pela matéria. Ela só existe nas práticas, nos rituais e nos aparelhos através dos quais ela age. Construções sociais são efeito de práticas cotidianas reiteradas.

Se a ideologia é material, na medida em que consiste de uma série de práticas, e práticas são governadas pelos rituais, então a materialidade é definida como ritual e repetição. Os rituais da ideologia são materiais na medida em que ele adquirem uma capacidade produtiva. (BUTLER, 1997, p. 125)

O poder do poder é justamente o de tornar o sujeito. Neste âmbito não há uma relação externa, mas como resultado de uma sujeição mais profunda que ele próprio. Para isso funcionar, a identidade se comporta como algo totalizante, “o discurso produz identidade fornecendo e impondo um princípio regulador que completamente invade, totaliza e torna coerente o indivíduo”. (BUTLER, 1997, p. 85-86)

O papel identitário que é enunciado e atribuído a alguém inicia, de fato, uma realidade fática. Não meramente refere-se ou descreve algo já existente, inclusive quando tratamos de corpos, existe uma historicidade da convenção evocada naquele momento.

Como exemplo, “É garota”. Há de ser, do modo como as garotas são psíquicas e fisicamente. Há uma ansiedade pela conformidade às normas, um certo grau de violência na sua imposição.

“Eu existo porque o outro me vê, e o olhar do outro me dá uma qualificação que me marca, ainda que à minha revelia. Estou fora de mim desde o início, e devo estar, para sobreviver e para fazer parte do reino do possível”. (BUTLER, 1993, p. 32)

Portanto, onde há um eu que discursa, há sempre um discurso precedente que o permite. O corpo não pertence a si mesmo, é “constituído como um fenômeno social na esfera pública, meu corpo é e não é meu”. (BUTLER, 2004, p. 26)

Butler discute o caráter ambivalente dos termos, a exemplo de sujeição e subversão. O sujeito seria o resultado de repetições que imprimem sua aparência de estabilidade. Essas reiterações também atuam como modo de operar as práticas de dominação, sendo a possibilidade que temos de resistência e de mudanças.

Neste quadro, a suposta solidez binária, seria algo superficial baseado na repetição. Pegando esse raciocínio, adentrando um pouco no objeto estudado, Dilma pode ser encarada como uma personagem que rompe determinadas atuações destinadas ao ser mulher, ocupa este papel, mas no espaço e com atuações, supostamente, masculinas.

Já Foucault foca a análise da ambivalência dentro do discurso. Este funciona como instrumento de poder, abrindo a possibilidade de constituição dos caminhos da resistência.

O poder só existe em atividade, na relação, é definido como um processo de reiteração, que não o fixa. “Não podemos pular para fora da situação”. Assim, não há resistência que exceda ou preceda o social, poder e resistência são mutuamente implicantes. (FOUCAULT, 1997, p. 167)

Para ela, não há um eu unitário, monolítico, uma vez que nossa ação e nós mesmos somos inseparáveis, não há um ator que escolhe seu enredo e então atua. Não se performance o gênero como se veste e despe uma roupa. É algo compulsório, as normas da cultura em que se vive são uma produção forçada, mas não esgotam e não nos determina inteiramente.

Dizer que o sujeito está situado no âmbito do escopo do poder, não significa reduzir o sujeito a esse tipo de relação. “Estar implicado nas relações de poder, ou ainda, autorizado pelas relações de poder às quais o eu opõe-se, não é, como consequência, ser redutível às suas formas já existentes”. (BUTLER, 1993, p. 123)

As atividades discursivas ritualizadas, as práticas significantes reiteradas, a materialidade pela qual se dão, o corpo que surge com essas práticas sedimentadas, tudo isso permanece distinto da inteligibilidade que lhe estrutura.

Para Butler, como percebemos, a relação entre abjeto e a corporeidade se dá na medida exata em que superfícies corporais são naturalizadas por práticas significantes. Identidades seriam tenuamente fabricadas como o tempo, através de performances repetidas a cada instante.

Neste caminho, não caberia a existência de alguns seres em determinada matriz cultural. Se sua própria vida é negada, necessariamente, deve ser extirpada qualquer forma de pensar ou nomear esses seres incongruentes.

Ao determinar que são seres excluídos, pode-se atribuir um status oficial, um tipo de reconhecimento, que facilita possibilidades de articulações e reivindicações existenciais. O silenciamento pode ser o único caminho. Todavia, a questão da categoria abjeto não deve ser restrita aos corpos.

O abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como 'não importante'. Para dar uma idéia: a imprensa dos Estados Unidos regularmente apresenta as vidas dos não-ocidentais nesses termos. O empobrecimento é outro candidato freqüente, como o é o território daqueles identificados como 'casos' psiquiátricos. Poderia enumerar muitos exemplos do que considero ser a abjeção dos corpos. Podemos notá-la, por exemplo, na matança de refugiados libaneses: o modo pelo qual aqueles corpos, aquelas vidas, não são entendidos como vidas. Podem ser contados, geralmente causam revolta, mas não há especificidade. Posso verificar isso na imprensa alemã quando refugiados turcos são mortos ou mutilados. Seguidamente podemos obter os nomes dos alemães que cometem o crime e suas complexas histórias familiares e psicológicas, mas nenhum turco tem uma história familiar ou psicológica complexa que o *Die Zeit* alguma vez mencione, ou pelo menos nenhuma que eu tenha encontrado em minhas leituras desse material. Assim, recebemos uma produção diferenciada, ou uma materialização diferenciada, do humano. E também recebemos, acho eu, uma produção

do abjeto. Então, não é que o impensável, que aquilo que não pode ser vivido ou compreendido não tenha uma vida discursiva; ele certamente a tem. Mas ele vive dentro do discurso como a figura absolutamente não questionada, a figura indistinta e sem conteúdo de algo que ainda não se tornou real. Mas seria um grave erro pensar que a definição do abjeto se esgota nos exemplos que dou. Gostaria de protelar qualquer solução fácil até encontrar um aparato conceitual que proporcionasse à operação da abjeção uma espécie de autonomia relativa, de até mesmo um vazio, uma falta de conteúdo  $\frac{3}{4}$  exatamente para não poder ser captada através de seus exemplos, de modo que seus exemplos não pudessem se tornar normativos do que queremos significar por abjeto. O que seguidamente acontece é que as pessoas apresentam teorias abstratas sobre coisas do tipo da abjeção, depois dão os exemplos, e então os exemplos se tornam normativos de todo o resto. O processo se torna paradigmático e acaba por produzir suas próprias exclusões. Torna-se fixo e normativo no sentido de rigidez. (BUTLER apud PRINS & MEIJER, 2002, p. 4)

Ou seja, trazendo os elementos elencados pela própria Butler, não podemos restringir a ideia de algo excluído, silenciado e abjeto, aos corpos. Isso vai depender do foco, da matriz cultural, da forma de análise, sendo conceitos amplos, abertos a possibilidades e construções.

Ao longo da nossa dissertação, vamos compreender como esta categoria pode ser aplicada ao processo em abordagem. Colocando de forma preliminar, a figura de Dilma Rousseff quebra alguns padrões de heteronormatividade e feminilidade, e ocupa um espaço tradicionalmente masculino, a Presidência da República.

As imagens compartilhadas pela página MCC – Movimento Contra e Corrupção, as reportagens e matérias divulgadas por grandes veículos de comunicação, que no capítulo 3, serão analisadas de forma mais aprofundada, mostraram como dentre as ferramentas de deslegitimação de uma presidenta, a sua retirada do âmbito da normalidade foi fundamental.

Nestes termos, a pensadora estadunidense dialoga diretamente com Foucault. Para este, “o que faz com que o monstro humano seja um monstro (...) é a perturbação que traz às regularidades jurídicas (leis de casamento, regras de sucessão...). O monstro humano combina o impossível com o interdito”. (FOUCAULT, 2002, p. 414)

Ambos os sistemas filosóficos apresentados abarcam a complexidade do mundo, convive com paradoxos, na tentativa de superar a dicotomia entre um essencialismo determinante e um relativismo construtivista.

Observando as relações pelas lentes apresentadas, somos, de fato, inelutavelmente constituídos por vínculos de poder anteriores. Estes cuja ambivalência fundamental é inerente ao caráter mesmo do que é constituído. O corpo humano só ganha sentido no contexto desses corpos sociais, determinado por práticas discursivas de funcionamento ritualístico.

A mudança para eles sempre é uma possibilidade dado ao funcionamento contínuo, reiterativo, repetitivo do poder nos sujeitos. Assim, não bastaria olhar o evento no qual se dá a violência, mas perceber o esquema que o apoia e o interpreta.

Percebemos, ao longo deste primeiro capítulo, que alguns conceitos e categorias, mesmo encarados no âmbito das discussões sobre gênero, podem ser ampliados para outros tipos de abordagens.

No primeiro momento, trabalhamos uma perspectiva histórica, situacional das construções teóricas e lutas políticas que envolve o feminismo. Como perceber os movimentos e disputas que acontecem nos diversos campos, inclusive no âmbito do conhecimento.

Posteriormente, encaramos de forma separadas os pilares teóricos de Butler e Foucault, como estes dois são fundamentais para compreendermos o mundo atual, tanto quando colocamos as relações de poder baseadas em gênero, como no momento que conseguimos ir além desta seara.

Por fim, aproximamos estes dois referenciais, especificamente trabalhando sobre dois eixos, o da performatividade e aqueles seres excluídos por serem considerados abjetos dentro de determinadas normas culturais.

Quando definimos o caminho percorrido neste primeiro momento, foi baseando-se no material empírico já acumulado e sistematizado. Percebíamos o papel atribuído à presidenta, como sua imagem pública era desconstruída, e sua figura, constantemente, desqualificada.

Esse processo de ataque passava justamente por colocá-la primeiramente como uma mulher, mas conseguiam ir além. Ela seria um feminino indesejado, no sentido mais amplo do termo, pois a sua negação passava pela seara política, e chegava aos seus hábitos, atuando inclusive no enquadramento do seu corpo.

Mas, consideramos através de outras facetas como esses ataques eram apenas um apetrecho de uma ampla ação que em alguns momentos era bem articulado, mas que na maioria das vezes, refletia uma reação conservadora maior, mecanismo que já estava em curso.

Então, desenvolver um método, compreender aspectos materiais, entender todo o processo, foi algo precursor para consolidarmos todo o debate envolvendo a queda de uma mulher do poder central.

Nos próximos capítulos vamos trabalhar como construímos este método de observação envolvendo os conteúdos aqui percebidos e as redes sociais. Em seguida abordaremos os eixos principais, seguindo três hipóteses basilares.

A primeira delas, como 2016 nasceu em 2013. A segunda, como a desconstrução do ex-presidente Lula e a construção de personagens morais dentro do campo da legalidade, foi algo decisivo na queda de Dilma. E por fim, como elementos sexistas e misóginos contribuíram para deslegitimação de uma presidenta.



## CAPÍTULO II: UMA ANÁLISE CONSTRUINDO O MÉTODO

### 2.1 – O processo de definição do objeto

Superada a construção de uma plataforma teórica, compreendendo processos históricos, incluindo a observação dos discursos da modernidade, através de uma abordagem foucaultiana em constante diálogo com Butler, é peremptório apontar os caminhos analíticos.

A reprodução de métodos consolidadas diante desse quadro conceitual desenhou limites e possibilidades para uma abordagem que tem seu campo principal as redes sociais.

Nesses termos, é preciso coragem para o enfrentamento a novas formas críticas de observação nas Ciências Sociais, diante das transformações apresentadas pelo momento contemporâneo. Não só isso, construir arranjos metodológicos que consigam chegar ao objeto, passando por um quadro teórico, deve ser qualificado por uma cuidadosa descrição dos caminhos percorridos.

Para isso, fizemos uma etapa elucidativa do diagnóstico que compõe a própria construção do método. Ao trazermos a internet para o centro de uma interpelação, o processo de delimitação desse campo, como constantes, determinou o evidenciamento do objeto em abordagem.

Ao longo das próximas páginas, ao mesmo tempo que somos desafiados a construir um leito empírico, já vamos consolidando um instrumento de observação. A estrada percorrida ganha um significado especial, representa aqui a própria pesquisa, atribuindo um traço peculiar à chegada, à conclusão, decisiva para novas jornadas.

Enfrentadas as questões sobre as bases da problematização do termo gênero e dos seus significados atribuídos ao longo da história, precisamos avançar em elementos práticos para aprofundarmos no exame de discursos, ações e performances, que contribuíram de forma decisiva para deslegitimação política da presidenta Dilma Rousseff, e sua consequente queda.

Esse leque de atuação, com reafirmações de categorias e identidades, sedimenta a base real e virtual dos ataques, sejam eles misóginos ou sexistas. Essa forma de pensar é

representada por uma atuação política que dialoga com setores conservadores de nossa sociedade.

Em termos de conteúdo, as redes sociais reinventam novas práticas, todavia, vão além, inovam no método emergindo como um elemento novo dentro de um processo que visibiliza discursos. Há nesse processo uma ostentação de bandeiras conservadoras já invocadas em outros momentos históricos, a exemplo do golpe militar de 1964.

Essa é uma abordagem destacada pelo professor Cunha (2015), que traçou um quadro do conservadorismo no Brasil e sua relação com o nosso espaço público.

Entre a autopercepção do conservadorismo como espírito ou disposição e a crítica acadêmica que identifica elementos de uma ideologia política organizada em torno de certas dimensões ou temas recorrentes, que expressam ainda interesses de grupos sociais particulares, enfatiza-se os aspectos retóricos e performáticos do conservadorismo, capaz de conectar significados e emoções nas vivências empíricas dos agentes sociais, de criar identidade política com potencial para realizar a transição de categorias para grupos estruturados em movimentos sociais. (CUNHA, 2015, p.9)

Adentrando no diálogo sobre essa temática, no livro “As ideias conservadoras – Explicadas a revolucionários e reacionários”, Coutinho (2014) observa que o termo conservadorismo deve ser colocado no plural, pois, segundo o autor, essa ideologia se expressa de forma diferentemente no tempo e no espaço.

Além disso, Coutinho diferencia esta pluralidade do pensamento reacionário. Para ele, este desponta como uma ideologia que visa restaurar o passado, espécie de estado de perfeição perdido; já o conservantista apresenta-se como algo que estabelece uma relação com o presente, as possibilidades dentro do real.

O conservadorista seria algo “reativo”, pois o agente só se manifesta quando os valores e as instituições que ele julga dignas de preservação estão em risco. A outra faceta dessa performance é seu caráter “posicional”, caracterizado por uma tomada de posição frente às ideologias que defendem soluções supostamente utópicas.

Dentro de um “tsunami” conservador que vem arrastando o mundo<sup>26</sup>, com fortes impactos no território brasileiro, presenciamos como, constantemente, processos de deslegitimação da política que acontecem com foco em determinados personagens.

Mais do que isso, é preciso compreender acontecimentos e processos que levaram ao forte ressurgimento e reações de ideias conservadoras em determinados setores da sociedade brasileira.

Isto, de alguma forma, nos remete às transformações econômicas e sociais que assistimos nos governos Lula e Dilma. Todavia, vou além: é necessário compreender as recentes mudanças no próprio papel do Estado, que levaram o ente para regiões que este esteve historicamente ausente, a exemplo do interior nordestino.

A recuperação do papel do Estado a partir do governo Lula se mostrou essencial para que o Brasil pudesse retornar à luta pela superação do subdesenvolvimento, cujos resultados positivos começaram rapidamente a aparecer com o crescimento econômico duas vezes maiores que na década de 1990 (com a consequente volta ao posto do 8º PIB mundial), combinado com a redistribuição da renda, sobretudo na base da pirâmide social, e elevação da participação do rendimento do trabalho na renda nacional (44% em 2010). Para isso, foi necessário recompor as empresas e bancos estatais, ampliar o universo de funcionários públicos por substituição dos terceirizados na execução das políticas de Estado e inovar as ações públicas, como nos casos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) para infraestrutura, do Programa Nacional de Habitação Popular (Minha Casa, Minha Vida), da exploração do petróleo no pré-sal, do alargamento da saúde, da educação, eletrificação, entre tantos outros exemplos. O Brasil emergiu com vontade própria e a capacidade de se reorganizar em torno de um novo projeto de desenvolvimento nacional foi liderada por importante convergência política conduzida pelo governo Lula. (POCHMANN, 2011, p. 17)

É perceptível como o Estado teve papel de protagonista dentro de um novo projeto de desenvolvimento econômico. Além disso, os programas sociais ativavam a retomada de um ciclo de desenvolvimento, transformado por investimentos econômicos e com o fortalecimento do setor privado através de braços estatais.

---

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://www.carosamigos.com.br/index.php/internacional/8920-pensamento-conservador-ganha-forca-e-da-as-caras-no-mundo>> Acesso em: 26/06/2017

Ao criar um mercado de consumo interno, o perfil social do brasileiro é alterado. Diversas camadas populacionais conseguem atingir um outro patamar social, com significativas mutações na geografia redistributiva entre regiões.

As mudanças promovidas por Lula são atinentes à considerável inflexão que teve, durante seu governo, a distribuição de renda e o peso relativo das classes sociais. A redução da desigualdade social apontada por diversos estudiosos do tema, como Marcelo Neri, ocorreu sem o impacto redistributivo automático que o fim da alta inflação teve poucos anos antes, graças ao Plano Real de Fernando Henrique Cardoso. O que houve com Lula foi política pública de efeito diretamente redistributivo, transferindo riqueza dos setores mais aquinhoados aos menos afluentes. Isso decorreu não apenas da expansão e aprofundamento das políticas de transferência direta de renda aos mais pobres, como o Bolsa Família, mas da elevação real do salário mínimo e do aumento dos empregos formais. Criou-se um novo arco de interessados e, conseqüentemente, um novo regime de políticas públicas nesse campo, o que tornará difícil sua reversão por futuros governos, mesmo que do campo conservador. (COUTO, 2011, p. 2)

Ou seja, uma retomada conversadora, com impactos econômicos em termos liberais, naquele momento era afastada. O cenário ainda não permitia abordagens que levassem em consideração possibilidades de reações às transformações da sociedade.

Outo ponto que merece ser destacado é amplitude do acesso à educação superior implementados nos governos Lula e Dilma<sup>27</sup>. Além da criação de novas universidades e a construção de novos “*campus*”, programas estatais, a exemplo do Fies<sup>28</sup> e Prouni<sup>29</sup> incentivavam um formato de educação, patrocinado pelo Estado, mas conduzido pela iniciativa privada.

Esse quadro de transformações criou um cenário que possibilitou novas narrativas, estas tentavam colocar o Brasil no protagonismo mundial sediando grandes eventos, a exemplo da Copa do Mundo e das Olimpíadas.

---

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://brasildebate.com.br/numero-de-matriculas-nas-universidades-da-um-salto-no-governo-dilma/>> acesso em: 01/06/2017

<sup>28</sup> O Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) é o programa do Ministério da Educação que financia cursos superiores não gratuitos e com avaliação positiva no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes). Disponível em: <<http://fiesselecao.mec.gov.br/>> Acesso em: 01/06/2017

<sup>29</sup> O PROUNI – Programa Universidade Para Todos promove o acesso às universidades particulares brasileiras para estudantes de baixa renda que tenham estudado o ensino médio exclusivamente em escola pública. Disponível em: <<http://www.prouni.com.br/o-que-e-prouni/>> Acesso em: 01/06/2017

Todavia, foi sendo constituído um sentimento difuso de reação a essa fotografia. A demonização do Estado, como grande gargalo para o desenvolvimento, devido seu tamanho principia um germe dos debates futuros. Não só isso, uma pauta neoliberal começa a ser colocada como contraponto político ao governo desenvolvimentista em curso, além do engajamento nacionalista em campanhas antagônicas ao “lulopetismo”.

Essas ideias conservadoras deslancharam com força em setores da sociedade brasileira. Um resgate a um passado recente de privatizações ganhou corpo. O “monstro estatal” precisava ser diminuído, era uma questão de tempo para essas defesas aflorarem em pleno pulmões reverberando setores expressivos da coletividade.

Atrelando esse conteúdo liberal-nacionalista, facetas reacionárias principiam o futuro. As condenações ao processo democrático, aos programas sociais e ao Nordeste, região natal do ex-presidente Lula e sua principal base eleitoral, repercutem de diversas maneiras nas redes sociais.

Dentro deste enredo chega ao poder a primeira mulher eleita presidenta, Dilma Rousseff<sup>30</sup>. Os ataques, que vão ganhando cada vez mais contundência, subsidiados por práticas sexistas e até misóginas, naturalizadas historicamente, alcançam o mundo da internet e com isso, uma histórica visibilidade.

A misoginia, em nossa análise, é um aspecto central e violento, em suas várias acepções, do preconceito contra as mulheres, manifestando-se e sendo instrumentalizado por diversas práticas e discursos, sobretudo de ódio.

Assim, de forma concreta, a desvalorização da figura feminina se espalha pelo corpo social através de uma gama múltipla de ações que facilitam o processo de naturalização de hierarquias sociais. (LIMA & ANTONINO, 2016).

Para o sociólogo e autor do Dicionário de Sociologia, Allan G. Johnson,

A (misoginia) é um aspecto central do preconceito sexista e ideológico, e, como tal, é uma base

---

<sup>30</sup> Dilma Vana Rousseff (PT), 62 anos, foi eleita neste domingo (31) a primeira mulher presidente do Brasil. Com 92,53% dos votos apurados, às 20h04, o Tribunal Superior Eleitoral informou que a petista tinha 55,43% dos votos válidos (excluídos brancos e nulos) e não podia mais ser alcançada por José Serra (PSDB), que, até o mesmo horário, totalizava 44,57%. Em um pronunciamento às 20h13, o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Ricardo Lewandowski, anunciou oficialmente a vitória da candidata do PT. Na manhã desta segunda-feira (1º), com 99,99% dos votos apurados, Dilma acumulava 56,05% dos votos válidos (55.752.092 votos) e José Serra, 43,95% (43.710.422). Disponível em: <<http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/dilma-rousseff-e-primeira-mulher-eleita-presidente-do-brasil.html>> Acesso em: 20/07/2017

importante para a opressão de mulheres em sociedades dominadas pelo homem. A misoginia é manifesta em várias formas diferentes, de piadas, pornografia e violência ao auto-desprezo que as mulheres são ensinadas a sentir pelos seus corpos. (JOHNSON, 2000, p.312)

As mídias virtuais, que dentro de uma Sociedade em Rede, terminam por contribuir para potencializar determinados discursos. Ou seja, é terminativo a estrutura social baseada em redes, operadas por tecnologias de comunicação e informação, fundamentadas em microeletrônica, comunicando-se como redes digitais de computadores, gerando, processando e distribuindo informação, a partir do conhecimento acumulado para uma nova conotação de perceptibilidade. (CASTELLS, 1999)

Para uma delimitação do campo “*online*”, utilizamos a divisão proposta por Christine Hine. Assim, a Internet, enquanto objeto, estaria alinhada a duas abordagens teóricas: de um lado, a concepção cultural; do outro, como artefato.

Na perspectiva da internet como Cultura, ela é normalmente compreendida enquanto um espaço distinto do *off-line*, no qual o estudo enfoca o contexto cultural dos fenômenos que ocorrem nas comunidades e/ou mundos virtuais. [...] A perspectiva da internet como artefato cultural observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana. Assim, favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte, em uma perspectiva que se diferencia da anterior, entre outras coisas, pela integração dos âmbitos *on-line* e *off-line*. (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011, p.40-42)

A integração dos mundos virtuais e reais é um eixo fundamental em nossa abordagem. Compreendemos que os eventos nesses dois âmbitos estão estritamente relacionados e trabalharemos em cima da percepção do mundo *on-line* como artefato cultural. Ou seja, a análise levará em consideração essas duas facetas, que compõe um mesmo núcleo de ação.

Para chegarmos a esse ponto foi determinante uma retomada dos estudos que emergem junto à internet. Ou seja, foi de fundamental importância entender o processo de surgimento e alterações dessas análises, percebendo, especialmente, as transformações no objeto de estudo.

Boa parte da literatura internacional colocou em perspectiva estas abordagens, recortando como algo bem determinado, principalmente pela vinculação com instituições, organizações e periódicos científicos específicos.

No contexto brasileiro das ciências humanas e das ciências sociais aplicadas, os estudos de internet encontram-se muitas vezes associados aos estudos de cibercultura, assim como aos estudos de interface humano – computador (IHC), entre outras perspectivas e abordagens. (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011, p.31)

Essas transformação e interconexões dos campos de estudos relacionados à internet vem sendo observado desde os anos 90 do século passado, quando houve um processo maior de popularização dessa ferramenta. Delimitar caminhos, passos e panorama dentro deste universo amplo, talvez seja um dos maiores desafios das pesquisas relacionada ao tema.

Para as autoras Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2011), algumas etapas auxiliares são fundamentais para consolidação de instrumentos seguros diante deste quadro fluído.

Um primeiro ponto “é a noção de que para obtermos contribuições duradouras para a pesquisa, ela precisa estar embasada pelas pesquisas já estabelecidas anteriormente” (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011, p.32). Essa seria uma arma contra o encanto trazido pela novidade, assim, sempre que possível, é primordial a contextualização dentro das tradições analíticas já existentes.

Depois, deve-se abordar o conteúdo de uma forma que evidencie questões relacionadas ao poder e à condição humana. Em seguida, fazer uma observação de quadro maiores, sempre apontando dimensões diante de uma ampla estrutura.

Além disso, tem que se manter o diálogo, com uma linguagem acessível às diferentes disciplinas, estabelecendo um canal com troca de ideias mútuas. Por fim, zelar pela reflexividade e pelos conceitos, definições, rótulos e metáforas através dos quais organizamos e construímos as recomendações teóricas.

Seguindo essa abordagem, um primeiro desafio foi quebrar o fascínio do novo. Trazer a internet para o cotidiano, como algo vivido por ampla parcela do corpo social, sem o seu caráter extraordinário, foi algo primordial. Todavia, este ponto de vista não aconteceu

de forma repentina. Ao trazer esse lastro histórico no decorrer da pesquisa, aprofundando o próprio objeto, pouco a pouco foi ocorrendo uma desmitificação do tema.

Nos anos 2000 esses procedimentos de investigação relacionados à internet, de maneira geral, passam por uma transformação, voltando à

(...) descrição e compreensão dos objetos dentro de suas próprias dinâmicas, apropriações e lógicas. Também há uma delimitação de amostras e observáveis cujo objeto está bem mais recortado, e na qual muitas pesquisas partem da relação micro-macro para efeitos de comparação, além de um aumento de trabalhos cujas preocupações metodológicas são explicitamente abordadas (AMARAL e MONTARDO, 2010, p. 07)

Dessa forma, as diversas áreas de conhecimento mergulham em uma abordagem teórico-metodológica focada na análise dos dados, diante de pesquisas que levantam reflexões mais densas, relacionadas aos padrões de conexões, personalização e comunicação.

Essa onda de interpelação chega ao Brasil na segunda metade da década passada, sendo predominante, ainda hoje, em muitos aspectos observacionais relacionados ao universo *online*. Aqui, o adotamos como um instrumento de apresentar um desenho do diagnóstico preliminar, um mapa, uma primeira dimensão para uma análise mais profunda.

As autoras do livro “Métodos de pesquisa para internet”, Fragoso, Recuero e Amaral citam Valdetaro (2010) para demonstrar a importância das investigações “qualiquantitativas”. O autor afirma que esse tipo de inquirição tem conseguido atingir um alto nível de sofisticação devido ao tratamento sistemático conferido à análise dos dados, construindo um campo de conhecimento que escapa às opiniões e o interpretativíssimo de muitas ciências sociais.

Tomando como base o que foi colocado acima, a constante observação empírica e leituras bibliográficas foram decisivas para o estabelecimento de passos durante o processo de avanço dentro do campo observacional.



Nesse sentido, no primeiro momento, diversas informações contribuíram decisivamente para definição do *Facebook*<sup>31</sup> como recorte necessário e fundamental, para o estabelecimento de um exame crítico preciso.

Essa decisão levou em consideração observações e números já consolidados de interatividade dessa rede social virtual, ou página de rede, que o atribuem um peso preponderante sobre os demais mecanismos no universo *online*. Neste sentido,

A pesquisa empírica tem a intenção de avançar ou aprimorar o conhecimento sobre o mundo que nos cerca e, para isso, requer a realização de experimentos ou, como é mais comum nas Ciências Humanas e Sociais, de observações. Independente do tema ou da área da pesquisa, o ideal seria observar todos os aspectos da realidade, levando em conta todas as variáveis e reconhecendo as peculiaridades de seus arranjos na composição de cada fenômeno. (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011, p.53)

Adentrado nesse recorte da abordagem, é importante salientar que o site de Mark Zuckerberg chegou a expressiva marca de 1,65 bilhões<sup>32</sup> de usuários no mundo, bem à frente do segundo colocado em interatividade virtual, o *WhatsApp*<sup>33</sup>, que tem hoje 1 bilhão de pessoas conectadas.

O Brasil ganha destaque no cenário desenhado pelo “Face”. O país figura em terceiro no mundo em termos de usuários, com 99 milhões de contas ativas<sup>34</sup>, ficando atrás, somente,

---

<sup>31</sup> Facebook é uma rede social que é uma das maiores tanto em número de acesso quanto de usuários. Foi fundada em 2004 pelos, até então, estudantes universitários de Harvard: Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes. O Facebook é traduzido livremente para o português como “o livro de caras” já que “face” significa cara e “book” livro. É uma rede social gratuita que conecta pessoas de diversas partes do mundo e, devido ao seu alto alcance, já auxiliou pessoas que tinham perdido contato com amigos e familiares a se reencontrarem dentro do site. Disponível em: <https://www.meusdicionarios.com.br/facebook> acesso em: 25/04/2017

<sup>32</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/facebook-atinge-marca-de-1-bilhao-de-usuarios-todos-os-dias.html>> Acesso em: 01/06/2017

<sup>33</sup> O WhatsApp começou como uma alternativa ao sistema de SMS, e agora oferece suporte ao envio e recebimento de uma variedade de arquivos de mídia: fotos, vídeos, documentos, compartilhamento de localização e também textos e chamadas de voz. Nossas mensagens e ligações estão protegidas com criptografia de ponta-a-ponta, o que significa que terceiros, incluindo o WhatsApp, não podem lê-las ou ouvi-las. Por trás de cada decisão, encontra-se o nosso desejo em possibilitar que as pessoas se comuniquem sem barreiras em qualquer lugar do mundo. O WhatsApp foi fundado por Jan Koum e Brian Acton que, juntos, passaram quase 20 anos no Yahoo. O WhatsApp juntou-se ao Facebook em 2014, porém continua operando como um aplicativo independente e com o foco direcionado em construir um serviço de mensagens que seja rápido e que funcione em qualquer lugar do mundo. Disponível em: <https://www.whatsapp.com/about/> Acesso em: 25/04/2017

<sup>34</sup> O Facebook considera membro ativo aquele que se logou no sistema pelo menos uma vez nos últimos 30 dias. (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011, p. 56)

dos EUA e da Índia. Ou seja, 8 em cada 10 brasileiros estão conectados nesta teia, com quase 60% de usuários entre 18 e 34 anos.<sup>35</sup>

Em termos de engajamento<sup>36</sup>, ou seja, a soma das reações, incluindo curtidas, mais os comentários e compartilhamentos, as imagens tem quase o dobro que os demais tipos de postagens nessa ferramenta virtual. Essa fotografia demanda como a imagem, mesmo com o surgimento de outras formas de linguagem para rede, ainda é preponderante para comunicação.

Dentro desses traços podemos caminhar para o aprofundamento construtivo. Mas, a amplitude de dados ainda era um obstáculo para qualquer trilha segura de reflexão. Entre idas e vindas, foi decisivo viver o cotidiano das páginas, recebendo notificações de cada postagem, acompanhando comentários e repercussões.

Além disso, levamos em consideração pesquisas já elaboradas, principalmente as que utilizaram o método de Análise em Redes Sociais (ARS). Perceber os posicionamentos dos nós dentro da complexa rede, observando os respectivos impactos diante da vida virtual abriu as portas para um novo processo, definir a página que será examinada empiricamente.

Uma rede social, por si, já é uma metáfora estrutural. Quando focamos um determinado grupo como uma “rede”, estamos analisando sua estrutura. De um lado estão os nós (ou nodos). De outro, as arestas ou conexões. Enquanto os nós são geralmente representados pelos atores envolvidos e suas representações na internet (por exemplo, um blog pode representar um ator), as conexões são mais plurais em seu entendimento. É possível compreendê-las como as interações que são construídas entre os atores (por exemplo, os comentários em um blog e as mensagens trocadas no *Twitter*) e como aquelas que são proporcionadas e mantidas pelo sistema (por exemplo, adicionar um amigo no “*Facebook*”). (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011, p. 115-116)

Uma rede ganha vida de acordo com os acontecimentos, sejam eles reais ou não. A teia virtual tem existência permanente, desde sua criação, mas seu impacto ou dinâmica é consequência dos fatos, do encadeamento, das construções diante de processos amplos ou específicos, “*on*” ou *off-line*.

---

<sup>35</sup> <http://www.allanperon.com.br/facebook-marketing/>

<sup>36</sup> O termo será explicado de forma mais detalhada posteriormente.

O Ativismo Digital<sup>37</sup>, encarado aqui como a utilização da Internet para criar ou organizar discussões e reivindicações sobre assuntos com relevância para determinados grupos sociais, é observado dentro do cenário brasileiro de forma peculiar, como mecanismo de atuação do novos e antigos movimentos sociais organizados.

Para Fábio Malini, coordenador do Laboratório de Estudos de Imagem e Cibercultura (LABIC) da Universidade Federal do Espírito Santo, dentro desse contexto,

O crescimento dessas redes (*Facebook, Twitter, Instagram, Whatsapp...*) produziu uma crise dentro da Internet brasileira. Discursos como o do deputado Jair Bolsonaro, com grande repercussão, esse discurso de ódio, de apologia à repressão, tem um grande impacto, por exemplo, sobre a situação das mulheres na rede. (MALINI apud VIANA, 2015, p. 2-3)

Em reportagem especial, a Rede Brasil Atual<sup>38</sup> destaca que Malini estuda cerca de 400 núcleos que ele considera de direita no *Facebook*, levando em consideração o espectro político. Entre estas, algumas ganham destaque, a exemplo da página oficial de Marco Feliciano (quase 4 milhões de seguidores)<sup>39</sup>, Jair Bolsonaro<sup>40</sup> (3,5 milhões de seguidores), Orgulho de Ser Hétero (São centenas de páginas com esse nome, a mais popular com 500 mil seguidores)<sup>41</sup> e o novo fenômeno, MCC – Movimento Contra Corrupção<sup>42</sup> (3 milhões de seguidores).

Para relacionar essas páginas a pautas conservadoras, devemos analisar o *grafo* que mostra a polarização dos *tuites* contra e a favor ao governo da então presidenta Dilma Rousseff.

---

<sup>37</sup> “Com efeito, o ativismo pode ser descrito como qualquer doutrina ou argumentação que privilegie a prática efetiva de transformação da realidade, através da formação de um grupo de pessoas organizadas para um determinado objetivo. Nesse sentido, o ativismo costuma se expressar na forma de militância ou ação continuada com vistas a uma mudança social ou política, privilegiando a ação direta, através de meios pacíficos ou violentos. Modos de protesto passivo, como a greve, também tem seu espaço no ativismo. O ativismo digital, ou ciberativismo, por sua vez, utiliza-se do mesmo conceito – a característica que o particulariza é a utilização da internet para criar e organizar essas discussões e reivindicações sobre assuntos de interesse de determinados grupos.” Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/ativismo-digital-%E2%80%93-mobilizando-sociedade-em-rede>> Acesso em: 29/04/2017

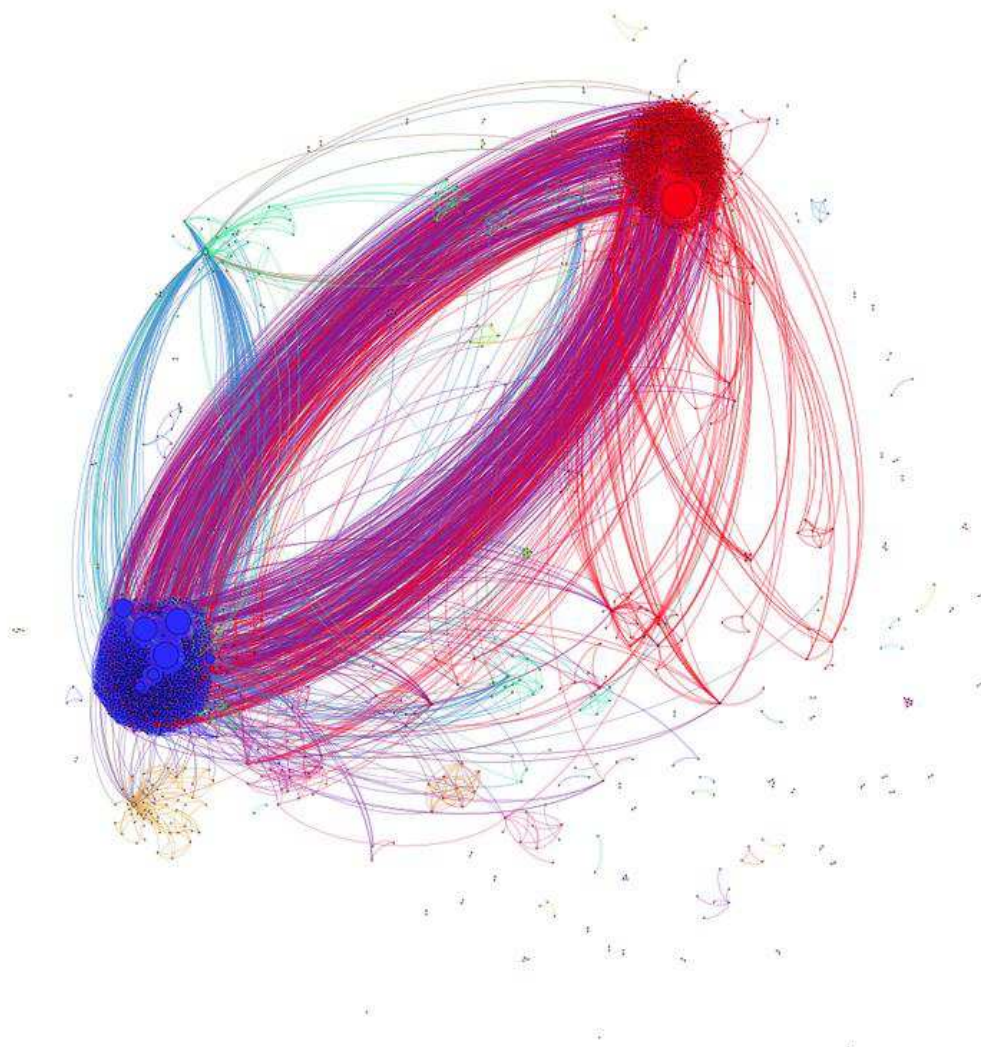
<sup>38</sup> Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/>> Acesso em: 01/06/2017

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/PastorMarcoFeliciano/?fref=ts>> Acesso em: 09/03/2017

<sup>40</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/?fref=ts>> Acesso em: 10/03/2017

<sup>41</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OrgulhodeserHetero/?fref=ts>> Acesso em: 10/03/2017

<sup>42</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/MovimentoContraCorrupcao/?fref=ts>> Acesso em: 10/03/2017



**Figura 2:** Grafo das interações no Twitter entre defensores e críticos do governo Dilma Rousseff na rede. Fonte: Rede Brasil Atual. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/06/a-direita-abraca-a-rede-1920.html>> Acesso em: 29/04/2017

O LABIC conseguiu identificar os grupos de acordo com as afinidades políticas, dentro de um nexos em “perspectiva”. Ou seja, através de programas de computadores foi possível aproximar perfis com pensamentos semelhantes, estabelecendo uma relação de proximidade.

Pontos de vistas, ou perspectivas, são princípios, ideias, agregados, visões de mundos – em suma: cosmologias - que organizam, diferem, individualizam e interligam os seres. E que se formam num fluxo contínuo de associações e dissociações entre si: estando, assim, em movimento, em transformação, em composição contínua. Pontos de vistas, são, portanto, efeitos nos sujeitos (DELEUZE, 1976), não pertencendo a um indivíduo, mas sendo constituinte

dele. Vivemos um momento da vida em que nossas predileções, nossa mobilização, nosso gosto, nosso afeto, nosso posicionamento crítico, são reunidos em interfaces virtuais de relacionamento que nos transformam em actantes, cuja forma subjetiva é materializada na figura do perfil, configurado para ser mais uma rede de seguidores e seguidos do que uma consciência individual, operando assim uma antropologia cujo sujeito se constitui como uma “pessoa plana”, se arranjando lado a lado com outras pessoas, formando assim processos onde estão “pessoas dentro de pessoas” (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p.102)”, (MALINI, 2016, p. 2)

Seguindo essa lógica trabalhada por Fábio Malini, o grupo representado pela cor vermelha, na figura 2, desenvolve nas redes o centro do antipetismo. Este feixe, que atua de forma performática com conteúdo conservadores, tem a defesa da família heteronormativa e a louvação constante de figuras divinas como nortes.

No grupo verde estão inseridas páginas que se orgulham do pertencimento ao campo político da direita. Aqui, encontram-se propagadores das temáticas de nacionalista, com uma negativa explícita às transformações sociais e com uma condenação do Estado de “Bem-Estar Social”.

No bloco lilás flutuam os identificados a conteúdos religiosos. Os azuis, mais isolados, é um público com alto percentual de jovens, principalmente ligados ao MBL – Movimento Brasil Livre (1,8 milhão de seguidores)<sup>43</sup>, que focou na pauta do *impeachment*.

É evidente o agrupamento por temáticas, mas sobretudo em núcleos que trabalham esses assuntos ou focos de interesse. Nesse sentido, os atores do campo político desenvolvem suas respectivas atuações nesse novo cenário de interatividade, sempre observando a potencialização de novas práticas para atuação política, mesmo que resgatando velhas temáticas.

Para o coordenador da última campanha presidencial do PSDB nas redes sociais, Xico Graziano, esses movimentos virtuais de direita sedimentaram o fortalecimento do embate contra Dilma no pleito de 2014, especialmente no segundo turno.

Nós contamos com grupos muito importantes que faziam apoio no segundo turno à candidatura do Aécio e que eram muito articulados em rede, que estão aí até hoje. Era um pessoal contra o PT, obviamente eles ajudaram muito na campanha e nós fomos capazes de

<sup>43</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/?fref=ts>> Acesso em: 10/03/2017

nos articular a esses grupos. Não fomos só nós, houve uma conjunção de forças contra o status quo, contra o PT, que a campanha do Aécio capitalizou. (GRAZIANO apud VIANA, 2015, p. 6)

Para o “tucano”, o ponto de fundamental importância foi, no primeiro momento, a construção do núcleo de direita, mas que possuía diferentes frentes, uma pulverização com elos em decorrência da campanha. Essa base foi além, aglutinou todas e todos aqueles que se posicionavam contra o Partido do Trabalhadores.

Esses grupos conseguiram articular uma direita que existe no Brasil. Isso é muito bom. Do ponto de vista democrático, é importante as coisas estarem mais claras. E aí você vê a predominância do Bolsonaro, do Caiado, como representantes políticos desses grupos. Mas ao mesmo tempo esses grupos acabaram diminuindo um pouco de tamanho. Porque eles se caracterizaram como grupos de direita e, na campanha, cresceram mais do que isso porque eram contra o PT. Ser contra o PT aglutina mais gente do que ser de direita e defender teses de direita radical. (GRAZIANO apud VIANA, 2015, p. 7)

Fica evidente, para compreendermos a dinâmica das redes sociais focando, aqui, no conteúdo conservador dentro do contexto atual do Brasil, que é de fundamental importância encontrarmos os caminhos e elementos que construíram performances que deslegitimaram o mandato, as pautas, ações, em especial, a figura feminina de Dilma.

As falas colocadas acima, reafirmam a hipótese trabalhada no artigo “LEVIANDADES ELEITORAIS: a abertura das cortinas para um espetáculo misógino”, que já apresentou,

Alguns discursos extraídos das redes sociais que não só caracterizam o caráter misógino da cultura e sociedade brasileiras, mas igualmente o machismo, o sexismo e os estereótipos dirigidos ao feminino, e como todas essas práticas têm servido para desconstruir, desrespeitar e achincalhar não só Dilma, mas todas as mulheres. (LIMA & ANTONINO, 2016, p. 266)

Um novo ativismo ganha visibilidade no debate político brasileiro antes mesmo da reeleição da ex-presidenta. Todavia, esses instrumentos ganham força no período pós-eleitoral, sendo instrumentalizados, principalmente, para legitimar o processo de *impeachment*.

Entender as pesquisas no campo da internet, foi colocado como algo introdutório no processo para construção metodológica, porém, a Análise em Redes Sociais posicionou os possíveis objetos dentro da teia estabelecendo limites claros para conseguirmos chegar a um equilíbrio consistente de análise.

A narrativa, o detalhamento e a construção desse processo ao mesmo tempo que legitimam escolhas, faz parte de nossa abordagem, é algo integrante do próprio método, facilitando e colocando em evidência elementos essenciais para compreensão do processo.

A questão do conservadorismo, a nova articulação desses setores através das redes, as formas de atuação, os alvos, a construção de personagens e a clareza das novas e velhas pautas vão sendo trabalhadas ao longo do texto. O que em alguns momentos é apresentado como algo instrumental, em outros aparece como elemento material da própria pesquisa.

Não só isso, outro ponto que deverá ser observado é a relação de aspectos *on-line* e *off-line*, como esses mundos não podem ser abordados de formas diferenciadas ou compartimentadas. Uma pauta, ou qualquer outro tipo de conteúdo para impactar na rede precisa de uma constituição, de uma relação com os fatos do universo real, ou seja, é um fenômeno social.

## **2.2 - A construção do método**

Com o quadro geral traçado anteriormente, o desenvolvimento das ferramentas de análise foi um longo percurso, com acertos e desacertos, montagens e remontagens, até a definição de um caminho, uma trilha mínima na tentativa de um diagnóstico mais preciso.

Além disso, como nossa pesquisa envolve fatos *on-line* e *off-line*, foi primordial trazer para o centro da discussão acontecimentos que desencadearam o processo de deslegitimação de Dilma Rousseff, que colocados de uma forma cronológica facilita a compreensão da relação entre o real e o virtual.

Ou seja, perceber, via veículos de comunicação, como o acúmulo de acontecimentos estão relacionados a sua repercussão nas redes sociais, e vice-versa, foi peremptório para legitimar o método, inovando na perspectiva, sistematizando as informações muito além de um mundo restrito à internet.

Definido alguns passos, entre os quais, o recorte do Facebook, sua relação com o universo real, o foco analítico foi estabelecido nas páginas de atuação no campo oposicionista ao governo da presidenta, que, como já verificado, tem uma atuação ostensivamente conservadora, com alguns casos de misoginia e práticas sexistas.

Desenhando esse cenário, o próximo passo foi mergulhar nos diversos núcleos que, cotidianamente, compartilhavam informações, imagens, vídeos, textos, links, entre outras formatações de conteúdo contrários ao mandato da presidenta Dilma.

Nesse momento foi constituído nosso primeiro banco de dados. Imagens, dos diversos “nós”<sup>44</sup> representativos da propagação do conteúdo de direita, seguindo o posicionamento estabelecido pelo método ARS (Análise em Rede Social), serviram para formar um quadro geral de abordagem.

Assim, foi percebido entre as várias páginas que atuam de forma conjunta, uma socialização simultânea do conteúdo direcionado para o público. Foram cerca de 1.500 imagens, durante todo o processo de observação preliminar.

Arelado a isso, aconteceu de maneira paralela a coleta de reportagens, matérias e artigos publicados nos principais veículos que atuam dentro do universo *online*, entre estes, os divulgados no UOL<sup>45</sup>, Globo.com<sup>46</sup> e *El País*<sup>47</sup> Brasil.

No dia 01 de abril de 2016, o jornal *El País* Brasil traz uma pesquisa realizada pelo laboratório de Mídias Sociais da USP, abordando o perfil de manifestantes com base em informações de suas páginas nas redes sociais. Ou seja, a atuação nas ruas relacionadas ao mundo virtual. É a produção de conteúdo na internet alimentando atividades *off-line*.

---

<sup>44</sup> Em redes de comunicação, um nodo ou nó (do Latim nodus, "nó") é um ponto de conexão, seja um ponto de redistribuição ou um terminal de comunicação. A definição de um nó depende da rede e da camada de protocolo referida. Um nó de rede física é um dispositivo eletrônico ativo que está ligado a uma rede, e é capaz de enviar, receber ou transmitir informações através de um canal de comunicação. Um nodo ou nó representa cada ponto de interconexão com uma estrutura ou rede, independente da função do equipamento representado por ele. Disponível em: <<http://www.webcitation.org/5kx5kPIKV>> acesso em: 26/06/2017

<sup>45</sup> Portal controlado pelo grupo Folha, que tem como acionista o empresário João Alves de Queiroz Filho, dono da Hypermarchas, o Banco Fator detém pouco mais de 9% e o restante das ações, negociadas na BM&FBovespa, está pulverizada nas mãos de outros acionistas. Informações <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral.dono-da-hypermarcas-compra-28-8-do-uol-imp-660114> Acesso em: 25/04/2017 Site: <https://www.uol.com.br/>

<sup>46</sup> Site ligado ao sistema Globo de Comunicação. <http://www.globo.com/>

<sup>47</sup> Propriedade do grupo Espanhol Prisa, tem acionistas mexicanos e espanhóis. Fonte: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2014/07/25/grupo-el-pais-amplia-capital.html> Acesso em: 25/04/2017 Site: <http://brasil.elpais.com/>

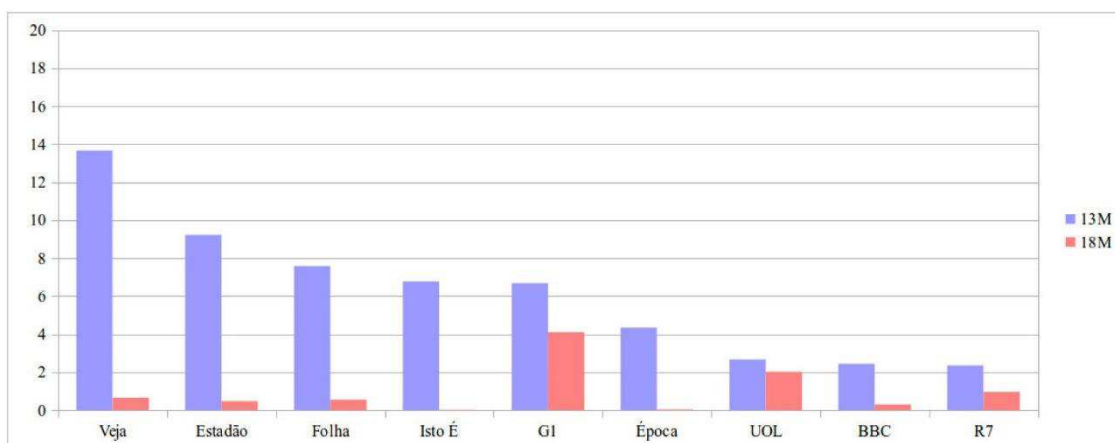


Dois momentos são marcantes nesta fotografia. Em 13 de março de 2016, manifestantes estiveram nas ruas de todo o país defendendo o *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff. Já no dia 18, foi a vez das ruas serem tomadas por defensores da ex-mandatária do país. Os frequentadores desses dois eventos subsidiaram um dos diagnósticos em âmbito virtual, um desenho geral, para avançarmos nos prognósticos analíticos.

Para conduzir a pesquisa, foi coletado um identificador único de cada usuário que anunciou publicamente sua intenção em participar do ato do dia 13 (cerca de 410.000 usuários) e do dia 18 (cerca de 24.000 usuários) confirmando presença em eventos no *Facebook*. Em seguida esses dados foram comparados com uma base de usuários que, entre os dias 13 de fevereiro e 13 de março, curtiram alguma publicação de uma série de páginas selecionadas pelos pesquisadores a partir do acompanhamento do debate político. Para cada página considerada foi possível verificar a porcentagem de manifestantes de cada ato que se interessou por seu conteúdo. (RIBEIRO E ORTELLADO, 2016, p. 1)

Nesse sentido, foi traçada as ferramentas de diálogo do *Facebook* com as ruas, percebendo como, através de pautas específicas e articulações, foram formatadas novas maneiras de mobilização e organização.

Ficou compreendido que existe uma aproximação entre determinados veículos de comunicação e as manifestações contra Dilma e suas plataformas de atuação. Alguns núcleos, predominantemente, eram seguidos por pessoas que estava nas ruas no dia 13 de março, aglomeração contrária ao então governo.



**Figura 3:** Porcentagem entre os manifestantes dos seguidores no Facebook de páginas dos veículos de comunicação. Azul, manifestantes defensores do impeachment que estavam nas ruas no dia 13 de março de 2016. Vermelho, contra o impedimento, que estavam na rua dia 18 de março de 2016.

As páginas da Veja<sup>48</sup>, Estadão<sup>49</sup>, Folha<sup>50</sup> Isto É e Época<sup>51</sup> exercem um diálogo direto com aqueles que ocuparam as ruas no dia 13 de março. Ou seja, personagens que, em sua maioria, faziam oposição efetiva à presidenta.

Já o G1<sup>52</sup>, ligado à globo.com, o UOL<sup>53</sup>, BBC Brasil<sup>54</sup> e R7<sup>55</sup> conseguem atrair os dois públicos, mas, com uma certa predominância para os manifestantes pró impedimento. Apesar de não estar no gráfico, o jornal *El País* Brasil<sup>56</sup> também é citado em proporção menor, 2,75% dos manifestantes do dia 13, e 2,64% dos presentes no dia 18<sup>57</sup>.

A construção desses núcleos de influência e informação com impacto na rede é algo longo, que necessita de uma alimentação constante, agregando seguidores e interações para o fortalecimento de uma base influente dentro da teia estabelecida. Além disso, essa formatação virtual depende do momento da opinião pública, do movimento das massas e das construções estabelecidas dentro do campo político.

Percebe-se no primeiro grupo, a formação de um ponto de apoio favorável ao impedimento, nesse sentido, para ser constituído, foi preciso um longo processo com publicações que atraíram esses seguidores para essas respectivas páginas no *Facebook*.

Ou seja, Veja, Estadão, Época e Isto É municiaram suas redes ao longo do tempo com conteúdo que fortaleceu esse tipo de posicionamento, atraindo seguidores que

<sup>48</sup> 7 milhões de curtidas na página do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/veja/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

<sup>49</sup> 3,5 milhões de curtidas na página do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/estadao/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

<sup>50</sup> 5,8 milhões de curtidas na página do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/folhadesp/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

<sup>51</sup> 2,2 milhões de curtidas na página do Facebook: Disponível em: <https://www.facebook.com/epoca/?fref=ts> Acesso em: 26/07/2017

<sup>52</sup> 9,3 milhões de curtidas na página do *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/g1/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

<sup>53</sup> 7,5 milhões de curtidas na página do *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/UOL/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

<sup>54</sup> 2,8 milhões de curtidas na página do *Facebook*: Disponível em: <<https://www.facebook.com/bbcbrasil/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

<sup>55</sup> 13 milhões de curtidas na página do *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/portalar7/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

<sup>56</sup> 780 mil seguidores na página do *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/elpaisbrasil/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

<sup>57</sup> Estudo completo disponível em: <<http://gpapai.usp.br/polarizacao.pdf>> Acesso em: 05/04/2016

simultaneamente era seduzido a esses “nós” e serviam de instrumentos propagadores das informações então produzidas.

Já os portais G1, UOL, R7 e BBC, ocuparam um papel que tenta atrair “curtidores” mais plurais, mesmo havendo uma predominância dos manifestantes anti-Dilma, uma maioria que acontecia nos diversos recortes sociais. Mesmo assim, verificamos que houve a construção desses núcleos com discursos, predominantemente, jornalísticos, com o caráter de imparcialidade, apesar da preponderância de conteúdo oposicionista aos governos petistas.

Diante desse cenário, é evidente, por diversos caminhos, inclusive por nós aqui apresentados, que a mídia de forma geral ocupou papel decisivo ao longo dos últimos anos. Pautou rotineiramente as diversas instituições brasileiras, foi o principal mecanismo oposicionista aos últimos governos, principalmente no momento de fragilização dos partidos e lideranças políticas.

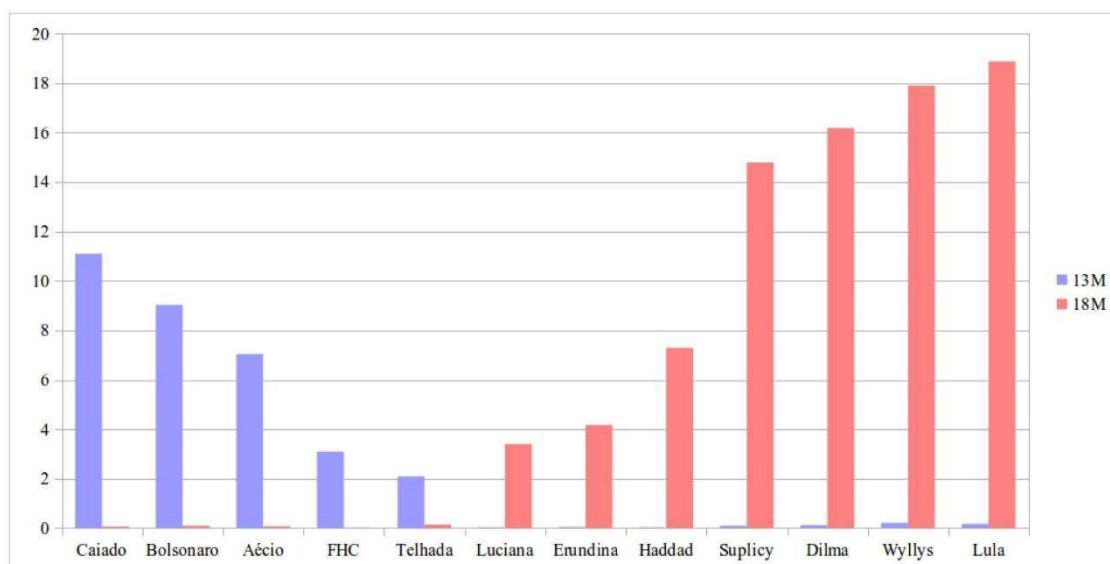
Esses tradicionais veículos de comunicação, que agora atuavam em outro campo, as redes, conseguiram produzir conteúdo que atraiu pessoas dos diversos setores sociais, ocupando espaços importantes no dia-a-dia do Congresso, do Judiciário e na relação conturbada com o Executivo, especialmente no governo Dilma.

**Quando resolvemos coletar o conteúdo compartilhado, diante desse quadro, definimos os portais com impacto nos dois universos da polarização desenhada. Assim, G1 e UOL, além do *El País*, esse por sua constante leitura de elementos misóginos e sexistas dos acontecimentos em curso no país, colocando sempre como parâmetro outros exemplos internacionais.**

Além do quadro midiático, outro ponto que devemos evidenciar são as figuras políticas com peso, influência e diálogo em meio às manifestações intensificadas durante o ano de 2016.

Esta questão ganha importância diante do fortalecimento de um discurso anti-político no seio da sociedade, especialmente nos mecanismos de atuação e deslegitimação dos governos progressistas e populares que chegaram ao poder em 2002, representados pelos ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff.

O mesmo levantamento que atuou sobre a mídia, fez o diagnóstico sobre lideranças que ainda dialogavam com as ruas durante aquele período. O quadro traçado traduz o cenário que é percebido por outros instrumentos da nossa pesquisa.



**Figura 4:** Porcentagem entre os manifestantes dos seguidores no Facebook de páginas das figuras relacionadas ao campo político. Azul, defensores do impeachment que estavam nas ruas dia 13 março de 2016. Vermelho, contra o impedimento, que estavam na rua dia 18 de março de 2016.

A partir de uma análise da figura acima é perceptível a sobreposição de personagens ligados à esquerda. Mesmo esses sendo os principais alvos, os manifestantes que foram as ruas dia 18, apesar do número menor de participantes, ainda preservam um contato maior com lideranças políticas.

Quando analisamos os seguidores de páginas de políticos, como esperado, quadros tradicionais do PT aparecem em destaque entre os manifestantes contra o impeachment: Dilma Rousseff, Lula, Eduardo Suplicy e Fernando Haddad. Do outro lado, quadros tradicionais do PSDB como Fernando Henrique Cardoso (3%) e Aécio Neves (7%) dividem o destaque com políticos de extrema-direita como o senador do DEM Ronaldo Caiado (11%), o deputado do PSC Jair Bolsonaro (9%) e o deputado estadual do PSDB Coronel Telhada (2%). (RIBEIRO E ORTELLADO, 2016, p. 4)

Observando os quadros ligados ao campo oposicionista naquele momento, percebemos o surgimento de novas figuras com influência nas redes virtuais, a exemplo do

Senador pelo Estado de Goiás, Ronaldo Caiado (DEM)<sup>58</sup> e do Deputado Federal do Rio de Janeiro, Jair Bolsonaro (PSC)<sup>59</sup>, que se sobrepõe a rostos tradicionais, como Fernando Henrique Cardoso (PSDB)<sup>60</sup> e Aécio Neves (PSDB)<sup>61</sup>.

Percebe-se que, mesmo com mais seguidores no *Facebook*, Aécio Neves não aparece liderando entre os manifestantes, posição ocupada por personagens da extrema direita, a exemplo de Caiado e Bolsonaro.

Já no campo de manifestações contra o *impeachment*, novas lideranças se sobressaem, a exemplo de Jean Wyllys (PSOL)<sup>62</sup>, Deputado Federal pelo Estado do Rio de Janeiro, com forte atuação na internet.

Além disso, à esquerda, também estão presentes quadros tradicionais do Partido dos Trabalhadores, como o hoje vereador pelo município de São Paulo, Eduardo Suplicy<sup>63</sup> (PT), o então prefeito da capital paulista Fernando Haddad<sup>64</sup> (PT), a presidenta Dilma Rousseff<sup>65</sup> (PT) e o ex-presidente Lula<sup>66</sup> (PT).

Ou seja, nas ruas, existe um diálogo muito mais próximo no campo da esquerda na política com suas lideranças. Não só isso, acontece uma sobreposição do ex-presidente Lula em relação a todas as outras figuras junto à população, tomando como base os que estiveram nessas batalhas campais ocorridas nas diversas cidades brasileiras no ano de 2016.

Esse é um ponto crucial que será melhor trabalhado, pois, acreditamos que a desconstrução política do ex-presidente foi um passo decisivo para deslegitimação do mandato presidencial de Dilma, desencadeando o seu processo de impedimento. Diversas frentes atuaram nesse sentido, a imprensa, os personagens políticos até então

<sup>58</sup> 890 mil seguidores em sua página no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ronaldocaiado25/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

<sup>59</sup> 4,1 milhões de seguidores em sua página no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

<sup>60</sup> 580 mil seguidores em sua página no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/presidentefhc/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

<sup>61</sup> 4,3 milhões de seguidores em sua página no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AecioNevesOficial/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/17

<sup>62</sup> 1,2 milhões de seguidores em sua página no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jean.wyllys/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

<sup>63</sup> 300 mil seguidores em sua página no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/EduardoSuplicy/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

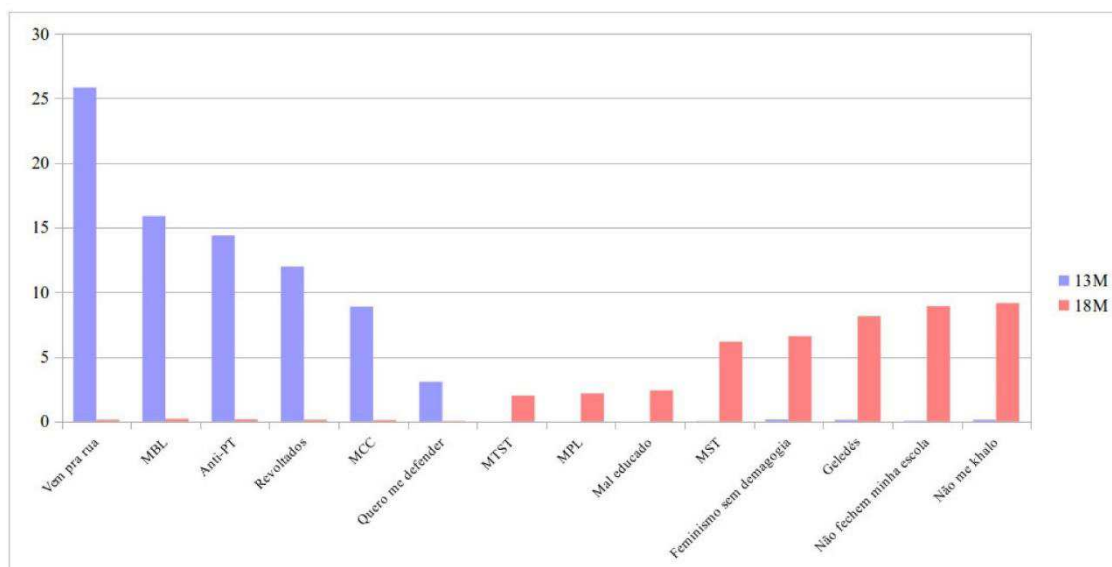
<sup>64</sup> 321 mil seguidores em sua página no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/fernandohaddad/?fref=ts>> Acesso em 26/04/2017

<sup>65</sup> 3,2 milhões de seguidores em sua página no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/DilmaRousseff/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

<sup>66</sup> 2,8 milhões de seguidores em sua página no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Lula/?fref=ts>> Acesso em: 26/07/2017

oposicionistas, e, principalmente, as páginas dos movimentos que emergiram nesse cenário pós eleições de 2014.

Adentrando no quadro quantitativo dos novos movimentos que mobilizavam para os grandes eventos nas ruas, percebemos que no âmbito da direita há uma predominância de novos movimentos, este que tem como base principal plataformas digitais.



**Figura 5:** Porcentagem entre os manifestantes dos seguidores no Facebook de páginas relacionadas aos movimentos com atuação nas redes e nas ruas. Azul, defensores do impeachment que estavam nas ruas dia 13 março de 2016. Vermelho, contra o impedimento, que estavam na rua dia 18 de março de 2016.

No quadro desenhado diante desses “nós”, impera a percepção do engajamento via páginas que surgiram e foram fortalecidas durante esse cenário recente. O Vem Pra Rua<sup>67</sup>, MBL<sup>68</sup> e Partido Anti-PT<sup>69</sup> formam uma tríade de mobilização, conforme podemos perceber no gráfico formado acima. Além destas, ganha destaque o MCC, Movimento Contra a Corrupção, que cumpre muito mais um papel de propagação das informações.

<sup>67</sup> 1,5 milhão de curtidas em sua página no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/VemPraRuaBrasil.org/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

<sup>68</sup> 2 milhões de curtidas em sua página no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

<sup>69</sup> 1,5 milhão de curtidas em sua página no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Partido-Anti-PT-1510625462536589/?fref=ts>> Acesso em 26/04/17

Como contraponto, figuram movimentos tradicionais que existiam pré-universo *online* e utilizam outras formas de organização e atuação. O MST<sup>70</sup> (Movimento Sem Terra), o MTST<sup>71</sup> (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), convivem com os recentes Feminismo Sem Demagogia<sup>72</sup> e Não Me Khalo<sup>73</sup>.

Dentre os manifestantes do dia 18, chama a atenção que páginas dos movimentos negro e feminista sejam mais relevantes do que páginas de movimentos tradicionalmente ligados ao governo como o Movimento dos Sem Terra (MST) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Uma chave de interpretação desse resultado é a diferença de atuação na internet desses atores, tendo apenas os primeiros assumido a disputa do discurso nas redes. Outra chave de compreensão é a tendência de moralização da política chamada de “guerras culturais”. Neste caso a proeminência de grupos identitários, bem como de grupos como o MCC e o Quero Me Defender, seriam indícios de que o Brasil passa por um fenômeno de moralização do debate político similar a que os Estados Unidos passaram no começo dos anos 1990. (RIBEIRO E ORTELLADO, 2016, p. 4)

Diante da construção desse quadro, percebemos que, mesmo focando no Facebook, ainda havia um amplo recorte que dificultaria qualquer percurso analítico. Assim, mesmo restringindo a análise às principais páginas de atuação contra o governo Dilma Rousseff, qualquer discussão quantitativa, em especial qualitativa, ficaria inviável.

É padrão dos instrumentos de propagação de informação nas redes o alto número de compartilhamento de conteúdo, são centenas e até milhares de telas, links, vídeos e texto publicados cotidianamente. Se passaram alguns meses convivendo com esse turbilhão de informações, na tentativa de apontar caminhos, uma luz que pudesse ilustrar os próximos passos metodológicos que facilitassem nossa jornada. Existia um desafio: perceber o todo, e ao mesmo tempo, aprofundar o necessário.

Nesse sentido, vivenciamos virtualmente uma constante interação nas páginas consideradas de direita, mencionadas acima, dentro de uma coleta empírica de imagens e

---

<sup>70</sup> 300 mil curtidas em sua página no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MovimentoSemTerra/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/17

<sup>71</sup> 100 mil curtidas em sua página no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mtstbrasil/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

<sup>72</sup> 1 milhão de curtidas em sua página no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/17

<sup>73</sup> 1,2 milhões de curtidas em sua página no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/NaoKahlo/?fref=ts>> Acesso em: 26/04/2017

informações. De acordo com esses dados e levando em consideração outras pesquisas já apresentadas, o núcleo MCC – Movimento Contra Corrupção, vinha se tornando a principal força do campo conservador na rede. Esse seria um novo fenômeno, nas palavras de Fábio Malini<sup>74</sup>.

Ao colocarmos como desafio a compreensão desta novidade em termos de atuação na internet, entendemos que abriríamos as portas para novas dimensões e faríamos um recorte inovador, facilitando o surgimento de novas compreensões e abordagens.

Todavia, como já colocado, o ponto fraco deste nó (MCC) é sua atuação mobilizatória fora da virtualidade para grandes eventos que marcaram o *impeachment*, isso de alguma forma fragiliza nossa escolha, principalmente por atribuirmos a relação entre facetas virtuais e reais, como algo fundamental para conquista de engajamento no mundo *online*.

Mesmo assim, seguimos com nossa escolha para tentar entender esse processo, ou seja, entender como milhões de pessoas seguiam uma página, compartilhavam e interagiam com seu conteúdo, mesmo sem essa atuar nas ruas, sem ter rostos conhecidos, ou ganhar notícias em veículos tradicionais de comunicação.

A página MCC, Movimento Contra Corrupção, teve como marco inicial, segundo seus registros, em 01 de janeiro de 2010<sup>75</sup>. É administrada por uma rede de atores, praticamente anônimos, que se autodenominam RFA, Raposo Fernandes Associados.

Estes personagens ainda aparecem na condução da página Gazeta Social<sup>76</sup>, com 236.647 (duzentos e trinta e seis mil seiscientos e quarenta e sete) seguidores, além do núcleo “pseudojornalista” Folha Política<sup>77</sup>, com 1.599.181 (Um milhão, quinhentos e noventa e nove mil cento e oitenta e um) de curtidas.

Qualquer forma de atuação deste conglomerado virtual deve-se levar em consideração os diversos perfis formados para fortalecer a atuação de cada instrumento individualmente. Esses núcleos são formados, muitas vezes, pelos mesmos protagonistas,

---

<sup>74</sup> Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/06/a-direita-abraca-a-rede-1920.html>> Acesso em: 02/06/2017

<sup>75</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/MovimentoContraCorrupcao/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/MovimentoContraCorrupcao/about/?ref=page_internal)> Acesso em: 23/04/17

<sup>76</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/PortalGazetaSocial/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/PortalGazetaSocial/about/?ref=page_internal)> Acesso em: 23/04/17

<sup>77</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/FolhaPolitica/about/>> Acesso em: 23/04/17



mas conseguem ir além, compartilham e atuam de forma conjunta com outros “nós” que hipoteticamente fogem de sua administração, a exemplo do MBL e do Vem Para Rua.

Um dos fatos marcantes do objeto específico em análise, MCC, é a não construção de personagens proprietários do movimento, algo que vai de encontro aos demais núcleos desse *holding* virtual, que produziram figuras como Kim Kataguri<sup>78</sup> (240.000 seguidores no *Facebook*) e Fernando Holiday<sup>79</sup> (338.000 seguidores no *Facebook*), este eleito vereador pelo DEM no município de São Paulo, ambos do MBL.

Já o “Vem Pra Rua” tem como rosto Rogério Chequer<sup>80</sup>, colunista do Jornal Folha de São Paulo, que é colocado em destaque nas plataformas de atuação do movimento, além de uma constante cobertura midiática de sua atuação, marcada por discursos de indignação para mobilização e posicionamentos políticos moralistas.

No MCC dificilmente encontramos rostos ou personagens proeminentes, que tivesse ganho algum destaque com a sua administração. Ao contrário das demais, os atores envolvidos no seu cotidiano tentam transmitir uma mensagem de caráter jornalístico, com facetas empresariais sem faces.

Não só isso, são poucas as aparições na mídia “tradicional”. Nas poucas vezes que emitem opinião, estas são compartilhadas no próprio *site* do movimento. Uma das figuras que ainda consegue emergir é Ernani Fernandes<sup>81</sup>, advogado, que na época da fundação do movimento era estudante de Direito do Largo São Francisco/USP.

Em 2013, Ernani concedeu uma rara entrevista catalogável, concedida a uma estudante de publicidade do SENAC, disponibilizada no sítio da organização.<sup>82</sup>O foco, fica evidente, é a produção de um portal de imprensa “imparcial”, já que os mecanismos tradicionais estariam, supostamente, todos corrompidos.

O MCC foi fundado em 16 de janeiro deste ano (2013). Entre as motivações, podem-se citar várias: a constatação do estado deletério do cenário político brasileiro coetâneo, a percepção do caráter tendencioso dos meios de comunicação, aventando a necessidade de uma forma de divulgação de informações isenta, a ausência de mecanismos e grupos contra a corrupção apartidários, impessoais,

<sup>78</sup> <https://www.facebook.com/kataguri.kim/> acessado em 23/04/17

<sup>79</sup> <https://www.facebook.com/fernandoholiday.mbl/?fref=ts> acessado em 23/04/17

<sup>80</sup> <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/03/26/lider-do-vem-pra-rua-cobra-posicao-de-temer-sobre-manobras-do-congresso.htm>

<sup>81</sup> <https://www.facebook.com/ernanifernandesbarbosa/?fref=ts>

<sup>82</sup> <http://www.contracorrupcao.org/2013/05/por-que-lutar-contr-a-corrupcao.html>

ativos, confiáveis e abertos, de modo a unir a população em torno do problema, ensejando formas de combate, a ausência de conscientização a respeito do problema, a demanda por uma atuação que externe e ensine valores como cidadania, apreço pela civilização, honestidade social, laboral e política, imparcialidade, a necessidade de uma estrutura organizada e perene para união da população no que toca a tais problemas, a necessidade de estruturas para o combate à corrupção em diversos âmbitos, tanto federais quanto estaduais ou municipais, a urgência de meios de divulgação, para o cidadão comum, de direitos, materiais legais e deveres, a necessidade de promoção de estudos focados, a necessidade de um meio livre para denúncias de corrupção, um corpo de apoio a testemunhas, conscientização a respeito da importância do voto e do funcionamento do sistema eleitoral, necessidade de grupos estaduais e municipais despidos de interesse partidário, colimando atuação em prol do bem comum, um modo de divulgação de obras a respeito da temática, entre muitos outros. Haja vista a gravidade do problema, cremos que os meios de contraposição a tais práticas são, ainda, incipientes, iniciais. Nosso intuito é colaborar para tal atuação política, de modo a minorar, ainda que não se erradiquem, todos os danos advindos. (Ernani Fernandes, entrevista disponível <http://www.contracorrupcao.org/2013/05/por-que-lutar-contra-corrupcao.html>, acesso em: 23/04/17)

Essa metodologia de atuação não é algo restrito ao nosso territorial nacional. Estamos falando em redes que tem impacto e conexões no mundo todo, servindo e sendo exemplo umas às outras. As democracias ocidentais têm convivido com dificuldade diante dessas novas ferramentas de comunicação, com amplas possibilidades para construções de narrativas.

A recente eleição de Donald Trump nos EUA colocou este tema em debate. Isto aconteceu em decorrência da estrutura de comunicação montada e a forma de atuação dos seus apoiadores virtuais. Diante disso, o mundo atual se encontra com a ideia de uma pós-verdade<sup>83</sup>. Para Javier Ayuso,

A verdade é incompatível com o populismo, que floresce ajudado pelos novos canais criados em torno da Internet. Centenas, milhares de ativistas, lançam suas mensagens em jornais digitais, blogs e, acima de tudo, contas em redes sociais como uma marreta batendo uma e outra vez contra a realidade, até que conseguem destruí-la. A intimidação digital é, hoje,

---

<sup>83</sup> O dicionário Oxford decretou a “pós-verdade” – a ideia de que fatos objetivos influenciam muito menos a opinião pública do que a emoção e crenças pessoais – como palavra do ano de 2016. Disponível em: <http://epoca.globo.com/mundo/noticia/2017/04/o-imperio-da-pos-verdade.html> Acesso em: 02/06/2017

uma profissão de futuro intimamente ligada aos movimentos populistas de um lado e de outro. As hostes do Podemos, ou dos independentistas, partem para o combate nas redes sociais quando recebem o mandato para atacar impiedosamente um político, um jornalista, um líder de opinião ou um cidadão comum que ousou criticar um dos seus líderes, ou que simplesmente pensa de forma diferente do que eles. O insulto, a calúnia e a mentira são as armas usadas para destruir o contrário, na maioria das vezes a partir de um anonimato covarde no qual vale tudo. (AYUSO, 2016, p.3)

O anonimato, ou uma atuação sem uma identidade pré-constituída, talvez, seja a principal marca da interação e desconstrução nas redes. Enfrentar essa questão pode ser colocado como um dos maiores desafios atuais. Indo além, uma abordagem profunda emerge da necessidade de sobrevivência dos próprios regimes e instituições a esses novos sistemas de agrupar ideias, emitindo-as na condição de anonimato.

Este conjunto de elementos tem colocado o tema em evidência, de forma constante e perene, desafiando o debate nos diversos campos, desde a política, até as relações individuais e personalíssimas. Todavia, esse processo de popularização da inverdade ou pós-verdade não é fruto, exclusivo, das redes sociais. Talvez esta tenham potencializado, colocando uma dimensão global a sua ação e seu impacto.

Procópio, o historiador bizantino do século VI, escreveu um livro cheio de histórias de veracidade duvidosa, *História Secreta* (Anedota no título original), que manteve em segredo até sua morte, para arruinar a reputação do imperador Justiniano, depois de ter mostrado adoração a ele em suas obras oficiais. Pietro Aretino tentou manipular a eleição do pontífice em 1522 escrevendo sonetos perversos sobre todos os candidatos menos o preferido por seus patronos, os Médicis, e os prendendo, para que todo mundo os admirasse, no busto de uma figura conhecida como Il Pasquino, perto da Piazza Navona, em Roma. Os pasquins se transformaram em um método habitual para difundir notícias desagradáveis, em sua maioria falsas, sobre personagens públicos. Ainda que os pasquins nunca tenham desaparecido por completo, no século XVII foram substituídos em grande parte por um gênero mais popular, o canard, a gazeta cheia de boatos e falsas notícias que circulou pelas ruas de Paris durante os 200 anos seguintes. Os canards eram jornais impressos em tamanho grande, às vezes ilustrados com gravuras chamativas para atrair os mais crédulos. Um dos mais bem-sucedidos, na década de 1780, anunciou a captura no Chile de um monstro que, aparentemente, estava sendo transferido de barco para a Espanha. Tinha cabeça de fúria, asas de morcego,

corpo gigantesco coberto de escamas e rabo de dragão.  
(DARNTON, 2017, p. 1-2)

Ou seja, a produção, divulgação e propagação de notícias falsas, ou até mesmo verdadeiras, mas que trabalham aspectos emocionais e são potencializadas de forma distorcida, faz parte da história da humanidade, das relações sociais em diversos contextos culturais.

Seja por jornais, viajantes, folhetos, pasquins ou, agora, nas redes sociais, a batalha pela verdade é inerente à própria ideia de conviver em sociedade, de estabelecer relações, de vivenciar o diferente.

Porém, a dimensão deste tipo de conteúdo para comunicação no mundo contemporâneo deve ser tratada como algo peculiar, diferente de tudo anteriormente estabelecido, com dimensões globais, impactantes no cotidiano de um amplo universo social, graças à conectividade em rede.

Arelado a estes pontos, a questão da sociabilidade deve ser ilustrada. Bauman trabalha com a ideia que as redes sociais são armadilhas, constituindo ilhas de indivíduos com um ativismo de sofá, obstaculizando as pontes para o diálogo.

A questão da identidade foi transformada de algo preestabelecido em uma tarefa: você tem que criar a sua própria comunidade. Mas não se cria uma comunidade, você tem uma ou não; o que as redes sociais podem gerar é um substituto. A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas. Mas, nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. Elas são desenvolvidas na rua, ou no trabalho, ao encontrar gente com quem se precisa ter uma interação razoável. Aí você tem que enfrentar as dificuldades, se envolver em um diálogo. O papa Francisco, que é um grande homem, ao ser eleito, deu sua primeira entrevista a Eugenio Scalfari, um jornalista italiano que é um ateu autoproclamado. Foi um sinal: o diálogo real não é falar com gente que pensa igual a você. As redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia... Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras. As

redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha. (BAUMAN, 2016, p. 6-7)

Independentemente do cenário pessimista ou otimista relacionado ao mundo *online*, nossa observação crítica parte do entendimento de um conjunto de fundamentos sociais *offline*, além da própria relação com a rede virtual, que conecta em novas dimensões antigas formas de interação.

Nesse sentido, compreende-se que as redes são um fenômeno que vai muito além de qualquer fronteira ou horizonte desenhado. É algo vivido de forma cotidiana por milhões, contaminada por grandes eventos de proporções incalculáveis, contaminando de uma forma ampla as relações reais.

Diante disso, podemos adentrar, um pouco, nos elementos constitutivos do MCC – Movimento Contra a Corrupção, precisamos compreender seus aspectos internos e externos, em termos numéricos, quantitativos.

Preliminarmente, a data inicial marcada na página é 01/01/2010, todavia, a primeira postagem só acontece em 24/01/2013. Ou seja, quase três anos depois de sua criação, a vida na rede começa a brotar. Além da atuação na plataforma aqui abordada, *Facebook*, o MCC tem conta no micro *blog Twitter*<sup>84</sup> com 5 mil seguidores, e um canal no *YouTube*<sup>85</sup> com 20 mil fiéis usuários.

Seguindo essa lógica multiforme, eles atuam em dois portais de comunicação com registros internacionais, a *folhapolitica.org* e o *contracorrupcao.org*, esta como mecanismo didático e interação com os usuários, a primeiro como plataforma “jornalística” de informação.

---

<sup>84</sup> É uma rede social que oferece um espaço de 140 caracteres para o usuário postar sua mensagem. Também conhecido como microblogging, devido ao seu pouco espaço disponível para postagem de informação. O twitter ganha cada vez mais adeptos na internet. Ao usar o Twitter de forma inteligente, você pode fazer parte das conversas mais relevantes no mundo online na hora em que elas acontecem. Disponível em [http://blogdemarketingdigital.com.br/o-que-e-twitter-para-que-serve/#Oque\\_e\\_Twitter](http://blogdemarketingdigital.com.br/o-que-e-twitter-para-que-serve/#Oque_e_Twitter) acessado em 23/04/2017

<sup>85</sup> A palavra “youtube” foi feita a partir de dois termos da língua inglesa: “you”, que significa “você” e “tube”, que provêm de uma gíria que muito se aproxima de “televisão”. Em outras palavras seria a “televisão feita por você”. Essa é justamente a principal função do fenômeno da internet: permitir que os usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital. O Youtube foi criado em fevereiro de 2005, por Chad Hurley e Steve Chen, dois funcionários de uma empresa de tecnologia situada em São Francisco, EUA. O site surgiu em virtude do inconveniente que era compartilhar arquivos de vídeo, já que estes eram muito grandes, o que dificultava seu envio por e-mail. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/informatica/youtube.htm> Acesso em: 23 de abril de 2017.

Além da página principal no “Face”, o MCC atua em núcleos estaduais, que funciona como espécies de facetas organizacionais próximas aos Estados, mas que também fortalece o compartilhamento de conteúdo na rede. Esta estruturação chega em aproximadamente 23 unidades da federação, das diferentes regiões do país.<sup>86</sup>

Diante desse quadro, situamos nosso objeto de pesquisa na teia virtual e no mundo “real”, todavia, o desafio foi a construção de um método capaz de criar as condições necessárias para uma análise condizente com a tentativa dessa abordagem, perfazendo um caminho sólido para compreensão.

Nesse sentido, além de dimensionar o objeto dentro de círculos maiores (internet, redes sociais e especificamente o *Facebook*), ao delimitá-lo, conseguimos avançar na construção do método, tomando como base abordagens já consolidadas, mas, sobretudo, criando conjunções de uma forma própria, diante do material empiricamente coletado.

Como podemos perceber, a decisão foi de focar nossa análise no Movimento Contra a Corrupção, peculiarmente na sua atuação no “face”. O fato de nos restringirmos a esse recorte, ainda não garantiu qualquer viabilidade metodológica, diante do vasto material publicado pelo movimento em sua principal base de atuação.

Assim, encontrar um caminho possível para coletar, armazenar, analisar e relacionar o conteúdo dessas publicações foi um ponto crucial. Algo que exigiu um contato direto com as fontes, percebendo singularidades, informações disponibilizadas e possíveis viabilidades de coleta.

Diante desse quadro, observamos cerca de 65 mil imagens disponibilizadas na página em questão, todas publicadas desde 23 de janeiro de 2013. Além dessas, ao longo desse período emergiu um outro mecanismo de comunicação, a produção e divulgação de quase 1.000 vídeos, inclusive alguns com transmissões ao vivo, com uma tela fixa e *jingles* exaltando a figura de Sérgio Moro e com convocações para ir às ruas.

As imagens apreciadas estavam/estão divididas em álbuns, ou seja, existe uma divisão da própria ferramenta de acordo com a temática utilizada, o que serve para aglutinar os quadros, de acordo com o assunto, a cada nova publicação.

---

<sup>86</sup> Disponível em: <<http://www.contracorrupcao.org/2013/02/projeto-seccionais.html>> Acesso em: 27/04/2017

Nesse sentido, conseguimos coletar informações referentes à cerca de 99 álbuns, de acordo, com uma ordem de ativação que conseguimos estabelecer. Ou seja, os últimos a receberem armazenamentos ficaram com numeração mais próxima a 100. Os primeiros, mais antigos, se aproximam do número zero.

Entre essas 99 bases, excluímos duas, “Arquivos de Dispositivos móveis”<sup>87</sup> e o “Fotos na linha do tempo”<sup>88</sup>. O primeiro por ser apresentado como um teste, sem nenhum impacto na rede. O segundo, por conter cerca de 56 mil imagens, impossibilitando qualquer tipo de abordagem no curto prazo. Além disso, percebemos que as fotos compartilhadas na linha do tempo estão sintetizadas no conteúdo dos álbuns, além da propagação de informações divulgadas em outras páginas dentro do conglomerado de atuação já desenhado.

O próximo passo foi armazenar as imagens em pastas, nomeadas de acordo com os álbuns da página, e numeradas de forma sequencial em consonância com nossa metodologia desenvolvida para fixar o nível de ativação.

Diante disso foi formado um banco de dados com cada imagem sendo arquivada na pasta relativa à sua fonte, com a anexação da data de publicação, número de reações (Curtidas, Amei, Uau, Ha há, triste, Gr), compartilhamentos e comentários.

---

<sup>87</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/pg/MovimentoContraCorrupcao/photos/?tab=album&album\\_id=323190121126596](https://www.facebook.com/pg/MovimentoContraCorrupcao/photos/?tab=album&album_id=323190121126596)> Acesso em 27/04/2017

<sup>88</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/pg/MovimentoContraCorrupcao/photos/?tab=album&album\\_id=257980104314265](https://www.facebook.com/pg/MovimentoContraCorrupcao/photos/?tab=album&album_id=257980104314265)> Acesso em: 27/04/2017

87_Lula	01/04/2017 22:24	Pasta de arquivos
88_Manifestações	01/04/2017 22:24	Pasta de arquivos
89_Eleições	01/04/2017 22:24	Pasta de arquivos
90_Ciro Gomes	01/04/2017 22:25	Pasta de arquivos
91_Polícia Federal, Ministério Público	01/04/2017 22:25	Pasta de arquivos
92_MCC_Março2017	01/04/2017 22:25	Pasta de arquivos
93_Propostas, PECs e Projetos de Lei	01/04/2017 22:26	Pasta de arquivos
94_Juiz Sergio Moro	20/04/2017 13:42	Pasta de arquivos
95_Dilma	01/04/2017 22:26	Pasta de arquivos
96_PMDB	01/04/2017 22:26	Pasta de arquivos
97_Março2017_2	01/04/2017 22:27	Pasta de arquivos



23\_03\_16\_3700cu  
rt\_15662comp\_13  
0comentários.pn  
g



23\_03\_16\_4500cu  
rt\_38404comp\_28  
2comentários.jpg



23\_03\_16\_4800cu  
rt\_27524comp\_24  
2comentários.pn  
g

**Figura 6:** Imagem 1, processo de organização das pastas, como podemos perceber, a última é referente ao mês de março de 2017, período final de armazenagem dos dados. Imagem 2, mecanismo de armazenamento das imagens dentro das pastas.

Assim, conseguimos criar um caminho para acumulação das informações, um banco de dados que servirá, inclusive, para outros olhares de estudos. Mas um outro passo era necessário. Aflorou a urgência em sistematização, possibilitando a construção de ferramentas para analisar as redes sociais. Ou seja, os dados estavam consolidados, agora era preciso aprofundar uma leitura, apontando a trilha metodológica para o processo de enfrentamento do problema.

A partir de cada numeração, em cada álbum, agregamos informações de uma forma que pudesse relacionar os diversos núcleos em programas de análise quantitativa. Iniciando,



do primeiro ponto de publicação, seguimos em ordem crescente nas pastas, ou seja, das mais antigas caminhando às mais recentes.

Em cada numeração que representava um álbum foi agregado a quantidade de fotos postadas naquele núcleo de imagens. Superada esta etapa, foi primordial construir um lapso temporal, então alguns pontos específicos foram trabalhados, começando com a datação da primeira, última e da imagem de maior engajamento em cada pasta.

Diante disso, surge um conceito que é preciso ser elucidado, engajamento. Segundo Recuero, é

uma medida que foca a qualidade da conexão dos atores com o serviço, em termos de sentimento, de capital social produzido pelo sistema e pelos atores que o utilizam. Um forte engajamento, por exemplo, pode resultar em uma maior retenção ou em um crescimento acentuado devido ao buzz em torno do serviço. Enquanto o engajamento é orgânico e depende da apropriação e dos valores construídos, a retenção não é. Esta última pode ser criada de forma artificial, por mecanismos de spam, medidas inadequadas e mesmo outras estratégias que podem mascarar os dados reais. Mas enquanto o engajamento pode influenciar a retenção, o inverso não é verdadeiro. Uma retenção maior não necessariamente significa um maior engajamento, portanto. (RECUERO, 2009, p.1)

Engajamento pode ser compreendido como um tipo de métrica que define o nível de envolvimento, no mundo virtual, com as publicações de determinada página ou perfil. Ou seja, indica que a pessoa estabeleceu algum tipo de atitude em relação ao conteúdo visualizado, conseqüentemente estabelecendo uma relação, curtindo, compartilhando ou comentando com alguma postagem.

Neste sentido, quanto maior for o engajamento, maior serão as possibilidades de disseminar determinado conteúdo na rede, resultando uma maior atração do público para o nó, ou melhor, para página. Assim,

O engajamento, por outro lado, é bem mais difícil de medir, pois trata-se de algo qualitativo e não quantitativo. Do meu ponto de vista, o engajamento é uma medida mais focada no capital social gerado pela apropriação da ferramenta. Seus valores estão relacionados com a utilidade, a percepção de valor para a rede social, o sentimento gerado em torno dos usuários que participam da ferramenta. Uma ferramenta com um bom engajamento é aquela que é apropriada de forma original e útil por uma determinada rede social e que mantém esse interesse,

normalmente ou através da própria apropriação, que cria novos usos, ou da inovação do sistema. No entanto, o engajamento não é criado de forma automática, mas o resultado da apropriação orgânica da ferramenta. E como medir esses elementos? É preciso, novamente, primeiro observar se eles existem e depois explorar como podem ser ampliados e melhorados para a comunidade que utiliza o sistema. (RECUERO, 2009, p.1)

Normalmente, cada tipo de rede tem uma forma de analisar e coletar o engajamento no conteúdo. Quando os trabalhos são relacionados ao *Facebook*, normalmente são estabelecidas quatro variáveis e somadas.

A primeira delas são as reações ou curtidas, depois o número de compartilhamentos, em seguida a soma dos comentários, e alguns ainda consideram os cliques na imagem ou em outras formas de publicação. Neste caso, não consideramos os cliques. Para estabelecer um tipo de envolvimento, traduzimos a soma das curtidas ou reações, dos comentários e, por fim, dos compartilhamentos.

Dessa forma, quatro tipos de envolvimento foram coletados. O primeiro, diz respeito à primeira postagem da pasta. O segundo, é relacionado à última postagem. O terceiro é referente ao próprio álbum. Por fim, o quarto e último faz referência à imagem de maior repercussão na rede do referido núcleo de acumulação.

Posteriormente, a cada álbum foi atribuída uma categoria. Com base nas observações incluímos Partidos<sup>89</sup>, Personagens<sup>90</sup>, Didáticos<sup>91</sup>, Eventos<sup>92</sup>, Instituições<sup>93</sup>, Pautas<sup>94</sup>, Mês<sup>95</sup> e outros<sup>96</sup>.

---

<sup>89</sup> A classificação partidos foi necessário diante da grande quantidade de imagens relacionadas a esse tipo de grupos organizados na referida página, sendo destaque os dois álbuns com imagens referentes ao Partido dos Trabalhadores, que somando, possui quase mil postagens. Em segundo vem o PMDB com cerca de 150 fotos, e assim por diante.

<sup>90</sup> São os referentes e focados em algumas pessoas com suas respectivas imagens trabalhadas, positiva ou negativamente, a exemplo de Sérgio Moro, Janaína, Lula e Dilma.

<sup>91</sup> Didáticos são aqueles álbuns com imagens explicativas, relacionando exemplo, explicando leis e impactos da corrupção no Brasil.

<sup>92</sup> Eventos são aqueles que são repercussões de atividades e mobilizações no mundo off-line. Instituições são os que fazem referência

<sup>93</sup> Aqui estão envolvidos o STF, Congresso, Polícia Federal e Ministério Público.

<sup>94</sup> São pautas que foram lançadas na rede através da páginas, corrupção, bolivarianismo, injustiças, cidadania e etc.

<sup>95</sup> Cada mês tem um álbum referente para mostrar a atualização da página. Esse núcleo fica sendo alimentado até a chegada do seguinte, surgindo outro ponto de postagem.

<sup>96</sup> Envolve as variadas formas de nomeação, entre as quais, humor, frases.

Album	Postagens	Primeira	Última	Engajamento1	Engajamento2	Engajamento3	Engajamento4	dataenga	tipo	
72	72	67	12-Apr-2016	21-Feb-2017	102271	399	203	358181	23-Apr-2016	Pautas
73	73	3	04-Oct-2016	23-Feb-2017	1343	12904	8	12904	23-Feb-2017	Outros
74	74	1	26-Feb-2017		678		1	678	26-Feb-2017	Mês
75	75	17	10-Jul-2016	04-Mar-2017	561	262	12	7007	02-Aug-2013	Outros
76	76	160	09-Feb-2017	06-Mar-2017	2503	420	220	51206	19-Feb-2017	Mês
77	77	431	29-Apr-2016	08-Mar-2017	28489	15818	886	119245	02-Oct-2016	Partido
78	78	34	14-Jun-2016	09-Mar-2017	353	667	13	14630	12-Feb-2017	Outros
79	79	13	12-Apr-2016	10-Mar-2017	30638	6088	19	84549	28-Jul-2016	Pautas
80	80	63	10-Apr-2016	11-Mar-2017	12808	2014	86	29837	13-Apr-2016	Didático
81	81	142	29-Apr-2016	15-Mar-2017	46957	1993	427	92868	28-Apr-2016	Personagem
82	82	54	29-Mar-2016	16-Mar-2017	158820	248	111	427685	16-May-2016	Pautas
83	83	191	27-Jan-2016	18-Mar-2017	8150	899	223	47050	15-May-2016	Pautas
84	84	154	24-Apr-2016	22-Mar-2017	1528	23470	214	361650	18-Aug-2016	Pautas
85	85	218	09-Apr-2016	22-Mar-2017	3782	6804	451	210311	11-May-2016	Instituições
86	86	150	24-Apr-2016	23-Mar-2017	2330	958	143	90060	25-May-2016	Didático
87	87	761	04-Jun-2016	25-Mar-2017	48992	417	1251	131188	22-Oct-2016	Personagem
88	88	30	17-Apr-2016	26-Mar-2017	1566	928	29	14960	04-Jul-2016	Evento
89	89	186	07-Apr-2016	27-Mar-2017	76299	5487	457	165106	06-Sep-2016	Pautas
90	90	4	27-Mar-2017		2277			2277	27-Mar-2017	Personagem

**Figura 7:** Quadro geral das informações coletadas referentes aos álbuns e às imagens armazenados no SPSS.

O processamento de consolidação destes números, além de usar outros métodos para construção de um caminho de abordagem, facilitou a própria análise. Ou seja, enquanto foi apresentado essa forma de pesquisar, enquanto era estabelecido a seleção das fontes, já estava em curso a própria abordagem.

Assim, desde a observação de números referentes ao próprio universo do *Facebook* no mundo e no Brasil, comparados a outras redes, observando sua força dentro da internet, passando pelo uso da Análise de Redes Sociais (ARS), sobre o posicionamento das páginas em dia de protestos, chegando a uma abordagem quantitativa, conseguimos delimitar onde seriam focadas nossas observações.

Superado este estágio, mostramos como conseguimos acumular e sistematizar as informações, números, dados, imagens relacionadas ao MCC – Movimento Contra a Corrupção que serão fruto de nossa abordagem, apontando caminhos conclusivos.

Todavia, foi preciso ir além das ferramentas virtuais. Como trabalhamos partindo da premissa que a internet seria um artefato cultural, estabelecendo lapsos temporais nas informações compartilhadas no meio digital, surgiu como necessário a construção de um quadro dos acontecimentos que sucederam a reeleição da presidenta Dilma Rousseff, em 2014.

Percebemos, ao longo da jornada, que os respectivos engajamentos, informações ou conteúdos presentes no mundo virtual, podem e, às vezes, devem ser relacionados com o contexto do mundo real. Mesmo havendo alguns eventos exclusivamente em modo *on-line*.

Nesses termos, para a consolidação do desenho metodológico e material empírica, foi necessário trazer o encadeamento de acontecimentos do universo *off-line*, estes que facilitaram a abordagem geral destas duas facetas da vida atual.

### **2.3 – O encadeamento de acontecimentos até o *impeachment* de Dilma Rousseff**

Doze de maio de 2016. O sol escaldante do planalto central marcava os rostos daqueles que ainda resistiam em frente ao símbolo do poder político brasileiro, o “Palácio do Planalto”. Chegava ao meio-dia, todas as redes de televisão transmitiam ao vivo. Junto à presidenta Dilma Rousseff poucos apoiadores, mas ganhava destaque o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Abatido, o mentor da eleição de uma mulher para Presidência da República acompanhava uma senhora firme, desabafando em tom duro para o país.

A tristeza é que vivemos uma hora de em que a jovem democracia está sendo alvo de um golpe. Porque chamo de golpe? Chamo de golpe porque o impeachment sem crime de responsabilidade é um golpe. Aqueles que não conseguiram chegar aqui ao palácio – por favor gente deixa eu ver o pessoal. Esse processo é um golpe porque é um impeachment sem crime. Eu não cometi crime de responsabilidade, estou sendo vítima de uma grande injustiça. Aqueles que não conseguiram chegar ao governo pelo voto direto do povo, aqueles que perderam as eleições tentam agora pela força chegar ao poder. E esse golpe está baseado nas razões as mais levianas, as mais injustificáveis. Primeiro porque os atos de que me acusam são atos corriqueiros, que se faz todo dia. Foram feitos por todos os presidentes que me antecederam. Se não era crime naquela época, não é crime agora. Além disso quem começou esse golpe o fez por vingança, porque nós nos recusamos a dar a ele, ao senhor Eduardo Cunha, os votos na Comissão de Ética para que ele fosse absolvido. A própria imprensa noticiou isso fartamente. A própria imprensa disse que ele estava fazendo chantagem contra esse governo. E eu não sou mulher para aceitar esse tipo de chantagem. (Dilma Rousseff, em 12 maio de 2016, disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/12/politica/1463066147\\_922654.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/12/politica/1463066147_922654.html)> Acesso em: 19/05/2016)

Naquele momento, o processo de impeachment afastava a presidenta de forma temporária, mudando sua residência oficial para o “Palácio da Alvorada”. O vice-presidente Michel Temer assumia, de forma interina, o comando do país, sustentado por partidos ligados ao centro, antiga base de sustentação petista, e pela oposição derrotada nas urnas, comandada pelo PSDB e DEM<sup>97</sup>.

Observando especificamente a questão de gênero, durante os processos eleitorais de 2010 e 2014, poucas vezes Dilma invocou o ser mulher e as conseqüentes dificuldades que isso impõe no campo político. Não só isso, a construção de sua imagem estava entre uma gerente dura, passando pela figura materna, chegando até um símbolo de resiliência e luta.

Sua primeira eleição foi marcada pela plataforma de continuação dos avanços sociais do então presidente Lula. Para o segundo mandato, o medo da volta ao passado, lembrado por privatizações e quebra dos direitos trabalhistas deram o tom da campanha, especialmente no segundo turno.<sup>98</sup>

Todavia, no seu último discurso enquanto presidenta, o fato de ser mulher foi destacado de forma enfática, por diversas vezes.

Eu fui a primeira mulher eleita presidenta da República. Honrei os votos que as mulheres me deram. Depois do primeiro operário presidente da República. Como qualquer pessoa humana, posso ter cometido erros, mas jamais cometi crimes. Honrei as mulheres deste país. As mulheres que são determinadas, esforçadas, trabalhadoras, que vivem em seu cotidiano desafiando todas as dificuldades. As mulheres mães, que hoje querem sua independência, sua autonomia, o controle de si mesmas. Essas mulheres, tenho a consciência que as honrei. Porque nós mulheres temos algo em comum. Nós mulheres somos dignas. Assim como todas as mulheres eu enfrentei desafios. (Dilma Rousseff, em 12 maio de 2016, disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/12/politica/1463066147\\_922654.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/12/politica/1463066147_922654.html)> Acesso em: 19/05/2016)

Percebe-se que boa parte da fala traz elementos de gênero para o centro da pauta política. Valores como a honra e dignidade feminina são invocados. Indo além, Dilma coloca

---

<sup>97</sup> Democratas, conhecido como DEM, antigo PFL, que descendi da Arena, partido de sustentação da ditadura militar.

<sup>98</sup> Imagens do debate presidencial nas eleições 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xNObEmpq8DE>> Acesso em 01/05/2017

as transformações das mulheres na casa, vivenciadas no trabalho e na vida, atreladas a um olhar para o futuro, algo incomum nas suas falas enquanto presidenta.

Enfim, finaliza revivendo momentos sofridos na ditadura, tentando trazer um parâmetro da história para o tempo atual.

Eu quero dizer a vocês que ao longo da minha vida enfrentei muitos desafios. Enfrentei o desafio terrível e sombrio da ditadura e da tortura. Eu enfrentei a dor indizível da doença. Agora o que mais dói, é esta situação que eu estou vivendo agora, a inominável dor da injustiça. A profunda dor da injustiça, a dor da traição. A dor diante do fato que eu estou sendo alvo são duas palavras terríveis: traição e injustiça. São talvez as mais terríveis palavras que recaem sobre uma pessoa. E esta hora agora, este momento que estamos vivendo, é um momento em que as forças da injustiça e da traição estão soltas por aí. Quero dizer pra vocês que eu estou pronta para resistir por todos os meios legais. Quero dizer a vocês... Quero dizer a vocês, que eu lutei a minha vida inteira e vou continuar lutando. Acredito que nós todos temos de estar juntos. E agradeço a todos os movimentos, a todas as pessoas que foram para as ruas todos os dias dizer um não imenso, um não do tamanho do Brasil ao golpe. Agradeço a cada mulher, a cada homem, a cada trabalhador trabalhadora, do campo e da cidade, profissionais liberais, artistas e intelectuais que estiveram do lado certo da história, do lado da democracia. Tenho certeza que juntos, vamos nos manter unidos, organizados e em paz. Somos aqueles que sabem lutar a luta cotidiana. Que sabem resistir e que não desistem nunca. Quero agradecer nesse momento triste, muito triste da minha vida. Obrigado. (Dilma Rousseff, em 12 maio de 2016, disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/12/politica/1463066147\\_922654.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/12/politica/1463066147_922654.html)> Acesso em: 19/05/2016)

Diante desse quadro, é pertinente destacar como chegamos a esse acontecimento, como caminhamos até o impedimento da presidenta Dilma Rousseff, como esse fato foi construído nas redes, na imprensa, no judiciário, no Congresso e nas ruas.

Poucos lembram, mas no fim do seu primeiro mandato, “a presidenta tinha 59% de aprovação – o maior índice para um presidente neste período desde a redemocratização – e era elogiada por ser responsável pela faxina ética, quando demitiu ministros envolvidos em casos de corrupção”.<sup>99</sup> (BBC, 2016, p. 1)

---

<sup>99</sup> Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37207258>> Acesso em: 29/08/2016

Todavia, ainda na primeira etapa de sua gestão, para alguns observadores com espaço midiático, a economia brasileira já dava sinais de desaceleração, principalmente quando comparavam com o crescimento de 7,5% que aconteceu no ano de 2010.<sup>100</sup>

Porém, o emprego formal se matinha em alta, pois, apenas 5% da população economicamente ativa estava desempregada. Paralelo a isso, o governo atuava desonerando setores da economia, o que aumentou a dívida pública e o problema fiscal da União.<sup>101</sup>

Em junho de 2013, durante a Copa das Confederações<sup>102</sup> realizada no país, evento que precedeu a Copa do Mundo, os protestos contra corrupção tomam conta do Brasil. O Congresso é colocado como o principal alvo. Saúde e educação eram cobrados como prioridades por uma multidão que tomavam as ruas.

Em 2014, o jornalista paraibano José Nêumane Pinto fez uma análise crítica dos movimentos de junho do ano anterior. Para ele, a péssima prestação de serviços públicos nas grandes cidades, atrelada a questões macroeconômicas foram decisivas para o estopim. (PINTO, 2014)

Outro fato chama a atenção no texto do “gazeteiro”, que coloca um elemento que lhe parece decisivo, a mudança no calendário de aumentos das passagens de ônibus, uma articulação do governo Dilma Rousseff.

Em 2013, a rotina de pasmaceira que permitia aos gestores públicos estaduais e municipais tratar o problema com desdém e ainda promover reajustes anuais das tarifas cobradas pelo serviço de transporte público foi quebrada por uma lambança do governo federal. Empenhada em empurrar o problema da inflação com a barriga, a presidente Dilma Rousseff pediu encarecidamente a governadores e prefeitos, amigos ou adversários, que adiassem os reajustes para o meio do ano. Eles o fizeram e deu no que deu: a mudança do calendário despertou o monstro da opinião pública, que deu o ar de sua graça. (PINTO, 2014, p. 99-100)

---

<sup>100</sup> Disponível em: <<http://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br/2013/04/12/dilma-anota-desaceleracao-da-inflacao-e-dos-juros-ao-prestar-contas-de-2012-ao-legislativo/>> Acesso em 01/05/2017

<sup>101</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/09/1678317-dilma-deu-r-458-bilhoes-em-desoneracoes.shtml>> Acesso em: 01/05/2017

<sup>102</sup> Evento preparatório para Copa do Mundo, realizado com um ano de antecedência ao maior evento futebolístico do mundo.

Em recente texto publicado pelo ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, o então mandatário da capital paulista na época das manifestações confirmou a leitura de Nêumanne Pinto, trazendo alguns fatos dos bastidores da política.

Minha expectativa era realizar um primeiro encontro com ministérios estratégicos para definir o que Brasília poderia fazer para mudar a cara de São Paulo. Mas o que ouvi foi a demanda exatamente oposta: o que São Paulo faria para ajudar o governo federal? Sem muitos preâmbulos, a audiência passou direto a uma questão bastante específica: o reajuste da tarifa de ônibus no município. Percebi na hora que o clima de celebração pela minha vitória tinha passado e que aquilo era um balde de água fria. Alguma coisa estava muito errada: não se pensa em controlar a inflação de um país continental pelo represamento de uma tarifa municipal sem atravessar estágios intermediários e sucessivos de uma compreensão equivocada. Não se chega a um erro deste tamanho sem ter feito um percurso todo ele equivocado. Não se produz estabilidade macroeconômica por intervencionismo microeconômico. Foi essa sensação que me tirou do sério naquela manhã em Brasília. (HADDAD, 2017, p.2-3)

Diante desse cenário, não há dúvidas de que o “ponta pé inicial”, ou o estopim da “crise”, foi o aumento das tarifas de transporte público. Todavia, naquele momento a presidenta Dilma Rousseff foi a única política que se manifestou publicamente. Na ocasião, fez um pronunciamento público em rede nacional convocando um pacto com parlamentares e governantes por reformas sobre mobilidade urbana e investimentos na educação.

Sou a presidenta de todos os brasileiros. Dos que se manifestam e dos que não se manifestam. A mensagem direta das ruas é pacífica e democrática. Ela reivindica um combate sistemático à corrupção e ao desvio de recursos públicos. Todos me conhecem. Disso eu não abro mão. Esta mensagem exige serviços públicos de mais qualidade. Ela quer escolas de qualidade; ela quer atendimento de saúde de qualidade; ela quer um transporte público melhor e a preço justo; ela quer mais segurança. Ela quer mais. E para dar mais, as instituições e os governos devem mudar. Irei conversar, nos próximos dias, com os chefes dos outros poderes para somarmos esforços. Vou convidar os governadores e os prefeitos das principais cidades do País para um grande pacto em torno da melhoria dos serviços públicos. (ROUSSEFF, Dilma. 21/06/2013, disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,leia-o-pronunciamento-de-dilma-rousseff-sobre-os-protestos-pelo-brasil,1045435>> Acesso em: 05/06/2017)



Depois do tsunami que representou 2013 para classe política, em especial, para o governo Dilma Rousseff<sup>103</sup>, o segundo semestre daquele ano foi marcado pela tentativa de reconstrução da imagem pública da presidenta. A imposição de uma agenda positiva, além da ativação de uma memória coletiva dos avanços nos governos petistas, contribuiu para apontar um caminho político e eleitoral para o ano seguinte, 2014.

Diante desse quadro, novas plataformas de atuação do governo são lançadas, sempre tentando dialogar com os resquícios das ruas, aquele junho conseguiu pautar o país de forma permanente no período posterior às “Jornadas”.

Nesse sentido, há uma estabilização das avaliações sobre o governo, depois de uma leve recuperação de sua imagem, 38% da população brasileira considerava a governança presidencial ótima ou boa. Quanto à reprovação, a rejeição (soma dos índices ruim e péssimo) ao mandato petista chegou a 25% no auge das manifestações de junho de 2013, caindo para 22% em agosto, atingindo 19% no dia 12 de outubro daquele ano<sup>104</sup>.

A imposição de uma agenda positiva foi algo decisivo àquela altura. Enquanto a oposição não conseguia consolidar um nome, o governo era colocado como principal palanque eleitoral para presidenta.

<b>Data</b>	<b>Ação do governo ou atuação política de Dilma</b>
06/09/2013	Em pronunciamento na TV por conta do 7 de setembro, Dilma cita protestos de junho e exalta recuperação da economia
27/09/2013	Dilma entra nas redes sociais e retorna ao Twitter
05/10/2013	Prazo final para que partidos e candidatos definam filiações para as eleições de 2014; Marina Silva se filia ao PSB de Eduardo Campos e ambos passavam a ganhar destaque no noticiário
07/10/2013	Exibição de entrevista de Dilma ao Programa do Ratinho
17/10/2013	Dilma lança Plano de Agroecologia
21/10/2013	Governo faz leilão do Campo de Libra do pré-sal; em pronunciamento na TV, Dilma exalta o programa

<sup>103</sup> Quando levamos em consideração as “jornadas de Junho”.

<sup>104</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/10/1355805-recuperacao-da-popularidade-de-dilma-perde-forca.shtml>> Acesso em: 21/05/2017

22/10/2013	Em clima de festa, Dilma sanciona lei que regulamenta o Mais Médicos
------------	--

**Tabela 1:** principais ações políticas e administrativas do governo Dilma no segundo semestre de 2013<sup>105</sup>.

Mesmo com esse tipo de agenda, e com uma recuperação paulatina da imagem de gestora atribuída à Dilma Rousseff, não haviam dúvidas, a eleição seria carregada de tensão, com aspectos subjetivos ganhando cada vez mais peso no campo político, sendo elemento decisivo para o transcurso de 2014, com efeitos permanentes até os dias atuais.

Na quinta-feira anterior ao pleito presidencial, a revista *Veja* antecipa sua edição semanal, normalmente publicadas aos domingos. A capa do magazine destacava Dilma e Lula na suposta delação do doleiro Youssef na “Lava Jato”. Segundo as manchetes, o ex-presidente e a presidenta sabiam de todo esquema de corrupção na Petrobrás<sup>106</sup>.

Mesmo com esse fato, em 26 de outubro de 2014 Dilma Rousseff é reeleita com 51,64% dos votos, ou seja, 54.501.118 (cinquenta e quatro milhões quinhentos e um mil cento e dezoito votos) contra 48,36% do seu opositor Aécio Neves, com 51.041.155 (cinquenta e um milhões quarenta e um mil e cento e cinquenta e cinco votos).

Impressiona os sufrágios nulos, brancos e abstenções no pleito. Quase 2 milhões de brasileiros votaram em branco, 5 milhões anularam, e outros 30 milhões se ausentaram das urnas, totalizando 27% que não votaram em nenhum dos dois candidatos no segundo turno de 2014.<sup>107</sup>

Anunciado o resultado, “militantes do PSDB gritaram “*Impeachment*”, “Vai para Cuba” para os eleitores petistas que também estavam no vão livre do Masp<sup>108</sup>. Alguns

<sup>105</sup> Disponível em: <[https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/10/22/analise-dilma-recupera-  
imagem-e-tira-proveito-eleitoral-com-pre-sal-e-mais-medicos.htm?mobileDev&width=600?mobile](https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/10/22/analise-dilma-recupera-imagem-e-tira-proveito-eleitoral-com-pre-sal-e-mais-medicos.htm?mobileDev&width=600?mobile)> Acesso em: 21/05/2017

<sup>106</sup> Fonte *Veja*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/a-cap-a-de-veja-ou-se-dilma-for-reeleita-o-presidente-do-brasil-acabara-sendo-michel-temer-ou-alem-de-dizer-que-a-governanta-sabia-da-roubalheira-na-petrobras-doleiro-diz-que-pode-ajudar-policia-a-iden/>> Acesso em: 29/04/2017

<sup>107</sup> Fonte G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/apuracao-votos-presidente.html>> Acesso em: 28/04/2017

<sup>108</sup> Localizado no coração da cidade, Avenida Paulista, o Masp – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – é um dos mais importantes museus do hemisfério Sul e um dos principais cartões-postais da cidade. Está na lista das dez atrações turísticas mais visitadas de São Paulo. Aqui é o local tradicional de grandes manifestações políticas. Disponível em: <<http://www.cidadedesao Paulo.com/sp/museus/4081-masp>> Acesso em: 13/06/2017

chegaram a defender uma nova intervenção militar: "Isso não vai ficar assim, os militares vão assumir o poder"<sup>109</sup>(G1, 2014)

Nesse meandro estão as ações comandadas pelo juiz Sérgio Moro. Iniciada em março de 2014 na Justiça Federal de Curitiba, a operação começa a ganhar a cena política brasileira. O nome da ação do judiciário é decorrente do uso de um "lava a jato" para movimentação de recursos ilícitos para, supostas, estruturas criminosas.

Segundo o Ministério Público Federal, o foco da investigação fica dividido em quatro frentes, assim, são inquiridas as empreiteiras, os funcionários da Petrobrás, os operadores financeiros e os agentes políticos.<sup>110</sup>

A operação anticorrupção mais famosa da história do Brasil não se restringiu a atuação das instituições, foi além, criou personagens, figuras que ocuparam a mídia em busca de apoio popular para suas atuações muitas vezes questionada no mundo jurídico.

O rosto de Sergio Moro ganhou as ruas, redes, manchetes em jornais e capas de revistas. Símbolo do combate à corrupção, o magistrado conseguiu ir muito além da esfera do direito, transformando-se no personagem central dos movimentos que defendiam o *impeachment*.

Nesse cenário, antes mesmo da posse para o segundo mandato, o senador Aécio Neves (PSDB), candidato derrotado à Presidência da República, e outros parlamentares da oposição, aparecem fazendo convites para uma manifestação programada para o dia 05 de dezembro de 2014, na Avenida Paulista, em São Paulo.

"Já dizíamos que escândalo da Petrobras será o maior caso de corrupção no país. A coisa não para de crescer, e agora sabemos que não era apenas na Petrobras. Portanto, mais do que nunca, temos que estar mobilizados"<sup>111</sup>, afirmava categoricamente o senador mineiro.

No dia 18 de dezembro de 2014 o PSDB pede ao TSE a cassação do registro de Dilma e do vice, Michel Temer (PMDB), e requer que Aécio assuma a Presidência. Algo que trouxe consequências categóricas dentro de cenário político pós *impeachment*.

---

<sup>109</sup> Fonte G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/eleicoes/2014/noticia/2014/10/na-paulista-tucanos-gritam-impeachment-e-petistas-pedem-choro-no-cantareira.html>> Acesso em: 28/04/2017

<sup>110</sup> Fonte MPF. Disponível em: <<http://lavajato.mpf.mp.br/entenda-o-caso>> Acesso em 29/04/2017

<sup>111</sup> G1, disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/aecio-e-oposicionistas-fazem-pela-web-convocacao-para-ato-de-protesto.html>> Acesso em: 28/04/2017

A eleição de Eduardo Cunha (PMDB) para presidência da Câmara dos Deputados deve ser colocada como marco nesse processo. Apoiado pela oposição e por setores do governo Dilma, Cunha chega em posto estratégico do poder, algo que se mostrará ainda mais decisivo com o desenrolar do jogo.

As denúncias de corrupção contra o governo se aprofundam, principalmente o escândalo da Petrobras, desencadeando uma CPI mista do Congresso e uma exclusiva na “Casa do Povo”.

No dia Internacional da Mulher, em 8 de março de 2015, Dilma faz um pronunciamento sobre as dificuldades econômicas enfrentadas pelo país. Os famosos panelaços começam a surgir. Ou seja, pessoas ocupam suas varandas e as janelas de suas casas batendo em panelas enquanto a presidenta se pronunciava em rede nacional de rádio e TV. Segundo o G1,

Gritos, vaias, panelas batendo e buzinas foram ouvidos em algumas cidades do país na noite de domingo durante o discurso da presidente Dilma Rousseff em rede nacional de televisão. Em São Paulo, isso aconteceu em bairros como Aclimação, Pinheiros, Santana, Vila Leopoldina, Brooklin, Vila Mariana, Perdizes, Moema, Itaim Bibi e Morumbi; em Brasília, em Águas Claras, no Sudoeste, em Guará, nas Asas Norte e Sul e Eixo Monumental; no Rio de Janeiro, no Recreio dos Bandeirantes e em Ipanema; em Goiânia, no Jardim Goiás, no Alto da Glória, em Bueno, em Bela Vista, em Pedro Ludovico e Marista; em Curitiba, no Batel, Água Verde e Bigorriho; em Vitória, na Praia do Canto e Mata da Praia; em Vila Velha (ES) na Praia da Costa e Itapuã; em Belo Horizonte, nas regiões Centro-Sul; Noroeste e Oeste. (G1, 2015, disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/03/dilma-pede-paciencia-e-diz-que-sociedade-precisa-dividir-esforco.html>) Acesso em 28/04/2017)

Esse momento desencadeou dois fatos importantes. Primeiro, a indicação de Michel Temer como articulador político do governo. O outro é o fortalecimento para novas ações de rua contra Dilma, com discursos morais e nacionalistas. Neste contexto, os atos realizados no dia 15 de março de 2015 ficaram marcados pela amplitude da mobilização,

Levantamento feito por repórteres do G1 em todo o país indica que ocorreram protestos em ao menos 160 cidades, que mobilizaram, ao todo, 2,3 milhões de pessoas, segundo a PM, e 2,9 milhões, segundo os organizadores. (Há cidades que não tiveram estimativa de público feita pela polícia ou por organizadores). As mobilizações foram organizadas pelas redes sociais

nas últimas semanas. No geral, os atos foram pacíficos. Em Brasília, houve um princípio de confronto quando o protesto já havia acabado. Em São Paulo, um grupo foi detido com fogos de artifício e soco-ínglês, segundo a PM. A cidade de São Paulo teve o maior público: 1 milhão, segundo a polícia, e 210 mil, segundo o instituto Datafolha. (G1, 2015, disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/03/manifestantes-antes-protestam-contradilma-em-estados-no-df-e-no-externo.html> Acesso em: 31/08/2016)

Esse método de protesto se tornou algo recorrente. Não demorou para um novo acontecimento tomar as ruas, no dia 12 de abril do mesmo ano, segundo informações da imprensa, os movimentos conseguiram reunir cerca de 700 mil pessoas, em pelo menos 224 cidades do país<sup>112</sup>.

Diante deste quadro, alguns elementos foram contribuindo para o desenrolar dos fatos. No mês de maio integrantes do MBL protocolam um dos pedidos de *impeachment* que ganharam o noticiário e deixaram a sensação nas redes que o fim do governo estaria próximo.

Em junho de 2015, o TCU<sup>113</sup> reprovava as contas da presidenta, fato que vem a embasar, com outras fundamentações, novos pedidos oficiais pela saída da presidenta. Já em agosto, o governo atinge um dos mais baixos níveis de aprovação, com 71% da população avaliando como péssimo ou ruim a gestão presidencial.<sup>114</sup>

Seguindo essa linha, no dia 16 de agosto de 2015, uma nova onda de manifestações ganha corpo. Com o discurso contra a corrupção, manifestantes pediam a saída de Dilma Rousseff, independente da forma, em todos os Estados e no Distrito Federal.<sup>115</sup>

Em 21 de outubro de 2015, parlamentares da oposição entregam a Eduardo Cunha um pedido de *impeachment* elaborado pelos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e

---

<sup>112</sup> Fonte: G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/04/df-e-estados-tem-atos-contrao-governo-dilma-e-corrupcao.html>> Acesso em: 31/08/2016

<sup>113</sup> O TCU é o órgão de controle externo do governo federal e auxilia o Congresso Nacional na missão de acompanhar a execução orçamentária e financeira do país e contribuir com o aperfeiçoamento da Administração Pública em benefício da sociedade. Para isso, tem como meta ser referência na promoção de uma Administração Pública efetiva, ética, ágil e responsável. O Tribunal é responsável pela fiscalização contábil, financeira, orçamentária, operacional e patrimonial dos órgãos e entidades públicas do país quanto à legalidade, legitimidade e economicidade. Disponível em: <<http://portal.tcu.gov.br/institucional/conheca-o-tcu/competencias/>> acesso em: 20/07/2017

<sup>114</sup> Fonte G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/08/71-reprovam-governo-dilma-diz-datafolha.html>> Acesso em: 31/08/2016

<sup>115</sup> G1, disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/08/manifestantes-protestam-contrao-governo-dilma-em-cidades-do-brasil.html>> Acesso em: 31/08/2016

Janaína Paschoal. Este fato jurídico embasou todo o discurso oposicionista na tentativa de colocar o processo de saída da presidenta dentro da legalidade, tomando como base constitucional a decisão do TCU sobre as “pedaladas fiscais”<sup>116</sup>.

Enquanto o desgaste contra o governo avançava, o cerco em relação a Eduardo Cunha ganhava corpo. Depois de ser delatado com dinheiro no exterior, o Conselho de Ética da Câmara instaura um processo para investigar o presidente da Câmara Federal por quebra de decoro parlamentar, pois o mesmo negou na CPI da Petrobrás a existência de contas secretas na Suíça.

No início de dezembro daquele ano, a bancada do PT na Câmara dos Deputados no Congresso decide votar pela continuidade do processo de Eduardo Cunha (PMDB) na Câmara. No mesmo dia, Cunha autoriza a abertura do processo de saída da presidenta Dilma Rousseff.<sup>117</sup>

O encadeamento de alguns fatos impressiona. Percebemos que as manifestações de rua funcionaram como combustível para aceleração dos passos dentro da seara política, facilitando, abrindo portas e destruindo obstáculos para chegada de Michel Temer ao Palácio do Planalto.

Nas redes, páginas, “nós” e núcleos de atuação com a propagação de informações negativas relacionadas ao governo petista ganhavam cada vez mais força. Na mídia, uma cobertura diuturna. No meio do povo, a retirada do então governo, não importando o que viria, conquistava o apoio popular.

Em março de 2016, explodem, de maneira ainda mais exponencial, movimentos de rua no Brasil. Segundo informações repassadas pelos grandes veículos de comunicação, com base em dados da Polícia Militar, quase 4 (quatro) milhões de pessoas ocuparam as ruas, alamedas e praças das principais cidades do país. Com base em comunicados dos

---

<sup>116</sup> A "pedalada fiscal" foi o nome dado à prática do Tesouro Nacional de atrasar de forma proposital o repasse de dinheiro para bancos (públicos e também privados) e autarquias, como o INSS. O objetivo do Tesouro e do Ministério da Fazenda era melhorar artificialmente as contas federais. Ao deixar de transferir o dinheiro, o governo apresentava todos os meses despesas menores do que elas deveriam ser na prática e, assim, ludibriava o mercado financeiro e especialistas em contas públicas. Disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/economia/pedaladas-fiscais/>> acesso em: 26/06/2017

<sup>117</sup> G1, disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/eduardo-cunha-informa-que-autorizou-processo-de-impeachment-de-dilma.html>> Acesso em: 28/04/2017

organizadores, foram 6 milhões de brasileiros “lutando por mudanças na política da nação”.<sup>118</sup>

A defesa da operação Lava Jato e do juiz Sergio Moro são presenças marcantes nessas manifestações. Não só isso, os pedidos pelo impedimento da presidenta é o abre alas desse desfile apoteótico de setores da população contra a política brasileira. Lula na cadeia e a saída de Dilma são os estandartes principais.

Tentando reagir ao momento, Dilma nomeia o ex-presidente Lula ministro do governo. Todavia, uma série de liminares suspendem sua posse. A principal delas é a do Ministro do Supremo Tribunal Federal, STF, Gilmar Mendes, atendendo ao pedido do PSDB e PPS. Para Haddad (2017), “se junho de 2013 foi o estopim do *impeachment*, em março de 2016 viria a pá de cal”.

Segundo os relatos do ex-prefeito de São Paulo, havia uma tentativa recorrente de levar Lula à condição de ministro, na tentativa de colocar rumo no governo Dilma, algo que foi rechaçado por diversas vezes pelo ex-presidente.

Vivi os bastidores de um episódio que merece relato. No dia 10 de março de 2016, participei de uma reunião com o ministro da Fazenda Nelson Barbosa, à qual estavam presentes diversas lideranças sindicais, alguns economistas, assessores e o ex-presidente Lula. O tema era economia, mas o debate enveredou pela política. Muitos de nós acreditávamos que o governo Dilma agonizava e não resistiria por muito tempo. Por semanas, tentávamos convencer Lula a assumir o governo na condição de ministro-chefe da Casa Civil e ouvíamos sempre a mesma resposta dele próprio: “Não cabem dois presidentes num só palácio.” Outro argumento contrário era de que a mídia tentaria caracterizar o gesto como busca de foro privilegiado, mesmo que àquela altura Lula não fosse réu. A relutância do ex-presidente à ideia foi enorme. Apenas depois de insistentes apelos, Lula concordou em conversar com Dilma sobre as condições da uma eventual ida para o governo – aceitas apenas depois de longa negociação. Anúncio feito, história conhecida: grampo ilegal de um telefonema impróprio, vazamento ilegal de uma conversa surreal e uma liminar que impede a posse. A Justiça fazendo política. (HADDAD, 2017, p.15)

---

<sup>118</sup> Fonte: G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contras-governo-dilma-ocorrem-pelo-pais.html>> Acesso em 28/04/2017

Um ponto que deve ser aprofundado nesse cenário são as escutas telefônicas do ex-presidente autorizadas pelo juiz Sérgio Moro, divulgadas em rede nacional durante esse processo de nomeação de Lula para Casa Civil. “Gravações feitas com autorização do juiz federal Sergio Moro indicam que a presidente agiu para evitar a prisão do antecessor. Série de grampos revela Lula em sua essência”, (Veja, 2016)

O Brasil que acordou nesta quarta-feira indignado dormiu assustado. Ou dormiu sem saber quem é, de fato, seu presidente. De tudo o que foi desnudado pela Lava Jato até aqui, nada é mais revelador de que Lula e Dilma pensam mais na própria sobrevivência política do que no futuro de um país quanto as escutas reveladas hoje. Diante do choque, uma multidão voltou às ruas para gritar: fora PT. O diálogo foi gravado hoje às 13h32. Pouco mais tarde, por volta das 16 horas, Dilma Rousseff concedeu entrevista coletiva em que negou enfaticamente que a nomeação de Lula tivesse por objetivo garantir-lhe o foro no STF e tirar seu caso da alçada de Moro. Dilma afirmou que a transferência do processo de Lula para o Supremo não lhe traria qualquer proteção especial e qualquer ideia em contrário seria mera intriga das “oposições”, incomodadas com a ideia de que o retorno do ex-presidente ao Palácio do Planalto fortaleceria o seu governo. Os áudios comprovam: Dilma mentiu. Tudo não passou de um habeas corpus presidencial ao antecessor. (Veja, 16 de março de 2016, disponível em: <http://veja.abril.com.br/politica/grampos-revelam-golpe-de-lula-e-dilma-contr-lava-jato-e-multidao-volta-as-ruas/>) Acesso em: 29/04/2017)

Em abril de 2016 acontecem as grandes disputas dentro da Comissão que discute o *impeachment* na Câmara. De forma paralela, partidos situados no centro do esquadro político desembarcam do governo, entre os quais, PP<sup>119</sup> e PSD<sup>120</sup>.

No dia 17 de abril de 2016, o plenário da Câmara dos Deputados, por 367 a 137, abre o processo nas duas casas legislativas. Transmitido pelas grandes redes de televisão brasileira, o “evento” repercutiu fortemente nas redes sociais, sendo consequência do acúmulo de conteúdo propalado nos campos virtuais e reais, causando novos acontecimentos.

<sup>119</sup> Partido Progressista. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/12/politica/1460490184\\_222652.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/12/politica/1460490184_222652.html) Acesso em: 01/05/2017

<sup>120</sup> Partido Social Democrático. Disponível em: <http://fernandorodrigues.blogosfera.uol.com.br/2016/04/13/depois-do-pp-partido-de-kassab-psd-deve-anunciar-desembarque-hoje/> Acesso em: 01/05/2017



O quadro que se repete no senado em 12 de maio de 2017, com 55 votos favoráveis ao afastamento de Dilma, e 22 contrários. Algo previsível diante do cenário construído, estabelecido e trabalhado pelas diversas frentes de atuação.

A desconexão do presidente interino com a sociedade brasileira ganha repercussão internacional. No dia 13 de maio de 2016, o jornal El País Brasil traça o perfil do governo Temer, fazendo uma análise dos ministros nomeados pelo novo chefe de Estado.

Numa análise apenas superficial, vários aspectos se sobressaem. O grupo de ministros é exclusivamente masculino, de meia idade, majoritariamente branco. Contém um nome investigado e dois citados em delações na Operação Lava Jato e um ministro da Justiça que não se constrange em expor sua restrita visão sobre liberdade de manifestação e que há menos de dois anos era nada menos do que advogado do agora afastado presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha. De muitas maneiras é uma afronta ao país que praticamente não saiu das ruas desde as históricas manifestações de junho de 2013. O novo ocupante do Planalto sequer pensou na repercussão negativa da escolha apenas de homens para o primeiro escalão que substitui o escolhido pela primeira presidenta eleita do Brasil e apenas meses depois de o país assistir a massivas mobilizações de mulheres nas ruas e nas redes sociais. (MARREIRO, 2016, p.2)

O discurso de Dilma no dia 12 de maio de 2016, na sua saída do Palácio do Planalto, colocando de forma enfática elementos de gênero, traça os parâmetros de disputa política com a gestão que assumiu.

De um lado, setores mais ligados ao campo progressista tentam dialogar com a população. Do outro, um governo busca se fechar com a classe política e esferas do mercado financeiro. Nesse contexto, as disputas, democráticas ou não, nunca ganham pontos finais, sempre haverá mais uma página a ser escrita.

O jornal foi além, publicou um editorial analisando o cenário da crise e um novo capítulo que iniciara, a “era” do PMDB.

É preciso lembrar que, em nenhum caso, Dilma será julgada pelos propalados casos de corrupção política e empresarial que destruíram a reputação do país aos olhos de sua própria população e da opinião pública internacional. E não o será porque as autoridades judiciais não encontraram provas que permitam processar por tão graves crimes a presidenta afastada a partir de hoje. Durante os próximos 180 dias – e até 2019, no caso de Dilma ser definitivamente destituída

– ocupará o mais alto cargo do Brasil o vice-presidente Michel Temer, do PMDB. Um partido liberal de centro-direita – infestado por escândalos judiciais – que em 29 de março abandonou a coalizão de Governo sem que por isso Temer – que dava por certa a destituição de Dilma em gravações agora conhecidas – deixasse a vice-presidência. Também é preciso recordar que Temer pertence ao mesmo partido do verdadeiro motor do impeachment de Rousseff, Eduardo Cunha, que impulsionou o processo na presidência do Câmara. Cunha – segundo na linha institucional de sucessão à presidência do país – foi afastado na semana passada por corrupção e lavagem de dinheiro. Sem esquecer que a presidenta perdeu a confiança das duas Casas Legislativas, não se podem estranhar as acusações de conspiração lançadas por Rousseff e sua equipe, nem as dúvidas sobre a adequação de um presidente que chega ao cargo com a classe política dividida e um eleitorado irritado, dividido e estupefato diante do espetáculo que assiste. Enquanto isso, Temer enfrenta uma tarefa colossal em um país que não pode permitir-se mais paralisia. Há vários problemas prioritários a tratar: com urgência, a recessão econômica que ameaça destruir a uma classe média que viu seu bem-estar crescer nas últimas décadas e que é a base da estabilidade do país; depois, a profunda crise de credibilidade da classe política ante a chuva diária de escândalos, processos e revelações de novos casos de corrupção; por fim, a fragmentação parlamentar que torna o país ingovernável. Embora sua arrancada tenha sido muito questionável, Temer é obrigado a abordar com seriedade esses desafios. (EL PAÍS, 2016, p. 1)

No dia 31 de agosto, por 61 votos a favor e 20 contra, o Senado afasta Dilma Rousseff definitivamente do cargo; em outra votação, senadores decidem, por 42 a 36 (e três abstenções), que ela não ficará inabilitada a exercer cargos públicos.<sup>121</sup>

O nosso próximo desafio é analisar o quadro geral de postagens da página MCC, discursos, conteúdo desse material, percebendo os mecanismos de deslegitimação da política como um todo, mas, especialmente focados nos sustentáculos da então presidenta.

Como percebemos, Lula é parte essencial nesse processo, não só isso, existe uma exaltação de períodos ditatoriais, e a construção de personagens morais, a exemplo de Janaína Pascoal e o Juiz Sergio Moro.

---

<sup>121</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/senado-aprova-impeachment-dilma-perde-mandato-e-temer-assume.html>> Acesso em: 02/05/2017

Dilma é o ponto final dessa desconstrução, com ataques constantes que passam pelo campo político, chegando ao universo do ser mulher, especialmente ela que foge dos padrões e performances imperados socialmente.

Mas, antes disso precisamos compreender as origens desta dinâmica. Como um governo, relativamente bem avaliado, que atingia bons índices na economia e no social, de repente, desmoronou.

Para estabelecer o percurso que chega até 2016, precisamos voltar ao ano de 2013. Como estes dois momentos estão conectados, e de forma peculiar, suas existências se aproximam por uma série de eventos que serão abordados em seguida.

## CAPÍTULO III: O LONGO PROCESSO ATÉ A QUEDA DA PRESIDENTA

### 3.1 – 2013, o ano que não acabou para os brasileiros.

Poderia ser mais um 6 de junho, mais um dia de frio para os paulistanos ou aquele mês junino para os nordestinos. Todavia, acontecia algo especial, histórico, pela primeira vez, a Copa da Confederações era realizada em solo brasileiro. O evento colocava o país na vitrine mundial.

Estádios eram construídos com “padrão Fifa” esperando o maior evento futebolístico do planeta, a Copa do Mundo. A cidade do Rio de Janeiro era preparada para receber as Olimpíadas, algo memorável não só para o Brasil, mas para todos os países sul-americanos.

No sexto dia, do mês seis, cerca de mil manifestantes do MPL<sup>122</sup> – Movimento Passe Livre de São Paulo protestaram contra o aumento das tarifas nos transportes públicos<sup>123</sup>. A reação truculenta da Polícia Militar despertou a atenção dos grandes veículos de comunicação do país, uma grande plateia se formou em todo território nacional.

No mesmo dia, a agência de classificação internacional, *Standard & Poor's*, rebaixa a avaliação da economia brasileira, argumentando que o país passava por um baixo crescimento do PIB com altos gastos governamentais.

O lento crescimento do PIB do Brasil e o contínuo risco de uma política fiscal expansionista (incluindo as medidas fora do orçamento) que enfraquecem o perfil financeiro do país poderiam, na ausência de ações corretivas, resultar em um desempenho fiscal mais fraco e aumento na carga de endividamento do governo. Alteramos a perspectiva dos ratings de longo prazo do Brasil, de estável para negativa.

---

<sup>122</sup> O Movimento Passe Livre (MPL) é um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada. O MPL foi batizado na Plenária Nacional pelo Passe Livre, em janeiro de 2005, em Porto Alegre. Mas antes disso, há seis anos, já existia a Campanha pelo Passe Livre em Florianópolis. Fatos históricos importantes na origem e na atuação do MPL são a Revolta do Buzu (Salvador, 2003) e as Revoltas da Catraca (Florianópolis, 2004 e 2005). Em 2006 o MPL realizou seu 3º Encontro Nacional, com a participação de mais de 10 cidades brasileiras, na Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra].

<sup>123</sup> Tradicionalmente, os reajustes nos transportes eram realizados no mês de janeiro, período de recesso, “diminuindo os impactos” negativos. Todavia, naquele ano, a presidenta Dilma pediu aos prefeitos e governadores para segurar o aumento, por conta da inflação, só acontecendo no mês de junho.

Reafirmamos os ratings de crédito soberano em moeda estrangeira de longo e curto prazos ‘BBB/A-2’ e o rating de crédito soberano em moeda local de longo e curto prazos ‘A-/A-2’ atribuídos ao Brasil. Poderemos rebaixar os ratings de crédito nos próximos dois anos se o crescimento da economia brasileira continuar lento, se seus fundamentos fiscais e externos se enfraquecerem e se sua política econômica sofrer alguma perda de credibilidade, dados os sinais ambíguos, diminuïrem a capacidade do Brasil de gerenciar um choque externo. (*Standard&Poor’s*, 2013, disponível em: [http://www.standardandpoors.com/pt\\_LA/web/guest/article/-/view/type/HTML/sourceAssetId/1245352821217](http://www.standardandpoors.com/pt_LA/web/guest/article/-/view/type/HTML/sourceAssetId/1245352821217)) Acesso em: 17/05/2017)

Como um rastro de pólvora, as manifestações eclodiram nas diversas partes do Brasil. As ruas foram tomadas, cidades transformadas em praças de guerra e gritos de ordem ecoavam no silêncio da noite nos quatro cantos do país.

Para André Singer (2013), esse processo conhecido como “Jornadas de Junho” deve ser dividido em três momentos. O primeiro, vai do dia 6 de junho ao dia 13 do mesmo mês. Aqui nos deparamos com manifestantes defensores de pauta bem específica, a redução do preço das passagens nos transportes.

O público mobilizado nessa circunstância chega ao patamar de 5 mil pessoas, havendo o fechamento das principais ruas de São Paulo. A consequência desses ingredientes é o uso ostensivo da força policial contra os movimentos, que nesse momento tem um perfil social e econômico bem diferente da ampla maioria que viria para ruas no momento subsequente.

Uma segunda etapa, segundo Singer, se avoluma do dia 17 de junho, estendendo-se pelos três dias seguintes. Aqui há uma potencialidade mobilizatória, primeiro na capital paulistana, em seguida, como um barril explosivo, o movimento eclode por todo o Brasil.

Inicialmente, 230 mil pessoas ocuparam as ruas de 11 Estados da Federação. O principal alvo eram símbolos da política representacional, o Congresso em Brasília, Assembleias Legislativas e prefeituras no diversos estados e Distrito Federal.

A mudança na postura de alguns personagens políticos e da mídia começa a ser percebida, de “bandidos e vagabundos” os discursos mudaram para o repetitivo

“fortalecimento da democracia”, sempre enfatizando que os participantes representavam “as vozes das ruas”.

No dia 20 de junho, mais de um milhão de pessoas já estavam nas vias e avenidas brasileiras, ocupando cerca de 75 cidades em boa parte do território nacional. A batalha do Itamaraty<sup>124</sup> em Brasília é transmitida ao vivo, e repercutida em tempo real nas redes sociais.

Placas como “o gigante acordou”, “queremos hospitais padrão Fifa”, “Fora Dilma”, “Fora Alckmin”, “Dirceu, tua hora vai chegar” e “PT= Pilantragem e traição”, ganharam as ruas, redes e telas de TV.

O uso desmedido da força atraiu a atenção e a simpatia do grande público. Inicia-se, então, a segunda etapa do movimento, com as manifestações de 17, 18, 19 e 20 de junho, quando alcança o auge. Agora outras frações da sociedade entram espontaneamente em cena, multiplicando por mil a potência dos protestos, mas simultaneamente tornando vagas as suas demandas. De milhares, as contas de gente na rua passam a centenas de milhares. Na segunda, 17, quando o MPL chama a quarta jornada, que juntou em São Paulo 75 mil pessoas, ela é replicada nas maiores capitais do país da maneira espontânea. Surge quase um cartaz por manifestante, o que leva a uma profusão de dizeres e pautas: "Copa do Mundo eu abro mão, quero dinheiro pra saúde e educação", "Queremos hospitais padrão Fifa", "O gigante acordou", "Ia ixcrever augu legal, maix fautô edukssão", "Não é mole, não. Tem dinheiro pra estádio e cadê a educação", "Era um país muito engraçado, não tinha escola, só tinha estádio", "Todos contra a corrupção", "Fora Dilma! Fora Cabral! pt = Pilantragem e traição", "Fora Alckmin", "Zé Dirceu, pode esperar, tua hora vai chegar", foram algumas das inúmeras frases vistas nas cartolinas. Diversos outros temas também compareceram, como a atuação do deputado Feliciano (PSC - SP) na Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, a Proposta de Emenda Constitucional 37, vetando a possibilidade de o ministério público fazer investigações independentes, o voto distrital e o repúdio aos partidos. Um pouco daquele "que se vayan todos" argentino de 2001 apareceu no ambiente. A depredação de edifícios públicos (Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, Congresso Nacional, Itamaraty) pareceu ser expressão de um clima de repúdio aos políticos em conjunto. (SINGER, 2013, p.2)

---

<sup>124</sup> Batalha do Itamaraty é nome utilizado por nós de denominar a luta campal e tentativa de invasão do órgão em Brasília. A impossibilidade de chegar aos palácios pela proteção militar, manifestante focaram sua atuação em outras frente, incluindo o Congresso.

A terceira e última etapa das jornadas, segundo Singer, se estendeu do dia 21 de junho até o final do mesmo mês. Acontece um processo de fragmentação, com mobilizações parciais e com objetivos específicos, a exemplo da PEC 37<sup>125</sup>. Nesse contexto, o cunho nacionalista é fortalecido, setenta mil pessoas cantam o hino nacional, à capela, durante a final da Copa das Confederações entre Brasil e Espanha, no Maracanã.<sup>126</sup>

Diante desse quadro, não há qualquer dúvida de um novo processo em curso. Existe uma alteração profunda do desenho para o futuro brasileiro. Mesmo com limites culturais, a visibilidade do desenho social começou a ser alterada naquele junho de 2013.

Uma multidão transformou o tradicional quadro de ativismo político no país, até então, quase sempre mobilizados por sindicatos e partidos políticos ligados ao espectro político da esquerda. Não só isso, essa atuação foi paulatinamente legitimada por setores da sociedade e pela mídia. A indignação, supostamente difusa, conseguiu mobilizar emoções.

A multidão é a multidão, identidade temporária e provisória que esgota sua significação e sua função na fração de tempo em que se manifestam nas ruas e no modo como se expressa. É um sujeito que se dissolve no fim da festa. Pela frequência e pelas peculiaridades de suas demandas, vai ficando claro que a multidão é novo sujeito da sociedade brasileira. Novo sujeito do processo político em conflito com os velhos sujeitos, os da política como ação de estereótipos, os do cidadão aprisionado na camisa de força de conceitos rígidos forjados ainda na cultura da luta de classes. Mas multidão não é classe nem é raça. A multidão desconstrói o regime político dualista das facções antagônicas (MARTINS, 2015 *apud* GOHN 2016, p. 131).

Essa nova conjuntura de agentes políticos em movimento pode ser explicada, segundo Maria Glória Gohn (2016), pela ação dos indivíduos (isolados ou em grupo) e pelas questões econômicas e ideológicas colocadas pela conjuntura nacional e internacional.

---

<sup>125</sup> Uma das bandeiras levantadas pelos manifestantes que tomaram as ruas de diversas capitais do país durante o mês de junho pedia o arquivamento da Proposta de Emenda Constitucional 37/2011. Nesta terça (25), ela foi rejeitada pelo plenário da Câmara dos Deputados, com por 430 votos contrários e 9 favoráveis, além de duas abstenções. Se fosse aprovada, o poder de investigação criminal seria exclusivo das polícias federal e civis, retirando esta atribuição de alguns órgãos e, sobretudo, do Ministério Público (MP).

A PEC 37 sugeria incluir um novo parágrafo ao Artigo 144 da Constituição Federal, que trata da Segurança Pública. O item adicional traria a seguinte redação: "A apuração das infrações penais de que tratam os §§ 1º e 4º deste artigo, incumbem privativamente às polícias federal e civis dos Estados e do Distrito Federal, respectivamente".

<sup>126</sup> Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5IXN6HmsdH4>> Acesso em: 20/05/2017

Para Rubens Figueiredo (2014), algumas motivações para eclosão de 2013 devem ser traçadas. Nesse caminho, ele desenha um caráter multicausal, colocando o encadeamento de fatos como algo decisivo.

O primeiro ponto, seria uma “escalada de esperteza” do governo Dilma. Na faceta econômica as desonerações<sup>127</sup>, consideradas oportunistas, atreladas a medidas paliativas para ativar nosso mercado interno, criaram, segundo ele, um cenário pantanoso para economia.

Associado a isso, havia uma “empáfia debochada” atribuída à presidenta, que não atuava com humildade suficiente para reconhecer erros. Dentro desse contexto, as notícias de “corrupção destrambelhada”, algo exibido rotineiramente pela grande mídia, em especial, no julgamento do mensalão<sup>128</sup>, contribuiu para mover sentimentos e pessoas às ruas.

O famoso julgamento conduzido por Joaquim Barbosa no STF, Supremo Tribunal Federal, só foi encerrado em 17 de dezembro de 2012<sup>129</sup>, depois de um longo processo iniciado em 26 de julho de 2005<sup>130</sup>.

A narrativa de inaptidão do Governo Federal também deve ser observada para Figueiredo (2014), ou seja, “as sucessivas demonstrações de incompetência de alto impacto”. Nesse aspecto, ganha destaque o caso da transposição do rio São Francisco, que foi algo explorado nesse momento com diversas reportagens televisivas, em especial na revista semanal da Rede Globo de Televisão, o Fantástico, exibida em 20 de janeiro de 2013, durante 15 minutos.<sup>131</sup>

---

<sup>127</sup> A desoneração da folha de pagamento foi instituída pela Lei nº 12.546/2011, e consiste na substituição da incidência da contribuição previdenciária patronal sobre folha de salários pela incidência sobre o faturamento. A Receita Federal é responsável por apurar a renúncia decorrente dessa medida, para fins do repasse do Tesouro ao Fundo do Regime Geral de Previdência Social, como forma de compensar as perdas com essa renúncia. Disponível em: <<http://idg.receita.fazenda.gov.br/dados/receitadata/renuncia-fiscal/renuncia-fiscal-setorial/desoneracao-da-folha-de-pagamento-1>> Acesso em: 31/05/2017

<sup>128</sup> O mensalão é o nome do principal escândalo que atingiu o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2005 - durante o primeiro mandato - e que consistia em um esquema de pagamento de propina a parlamentares para que votassem a favor de projetos do governo. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/brasil/noticias/entenda-o-escandalo-do-mensalao-20101007.html>> Acesso em 17/05/2017

<sup>129</sup> STF declara encerrado o julgamento do mensalão. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Brasil/noticia/2012/12/stf-declara-encerrado-o-julgamento-do-mensalao.html>> Acesso em: 17/05/2017

<sup>130</sup> Roteiro cronológico da Ação Penal 470. Disponível em: <<http://www2.stf.jus.br/portalStfInternacional/cms/destaquesNewsletter.php?sigla=newsletterPortalInternacionalNoticias&idConteudo=214544>> Acesso em: 17/05/2017

<sup>131</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/videos/t/edicoes/v/transposicao-do-rio-sao-francisco-esta-mais-cara-e-atrasada/2357169/>> Acesso em: 17/05/2017



Paralelo a isso, para o autor, havia uma “autolouvação” exagerada ao governo, com gastos exorbitantes em publicidade, dentro de um contexto de irritação nos grandes centros, diante da sensação de “insegurança pública”, com a ideia de uma volumosa vulnerabilidade, que aumentava em escalada exponencial.

Não só isso, ainda devemos colocar nesse caldeirão de insatisfação, segundo o autor, o “inferno privado”. A população enfrentava dificuldades cotidianas no uso-fruto dos serviços prestados pelo setor privado, germinando diuturnamente nas pessoas a incapacidade individual diante dos grandes setores do mercado, fazendo brotar um misto de frustração e indignação.

Traçar um quadro daqueles que estavam nas ruas pode facilitar uma melhor compreensão do momento. O retrato, o rosto, a foto coletiva das pessoas pode mostrar um Brasil fruto de transformações sociais: urbano, escolarizado, que tinha como principal foco aspecto morais. Para Singer,

Houve dois pontos de vista sobre a composição social dos acontecimentos de junho. O primeiro identificou neles uma extração predominante de classe média, enquanto o segundo tendeu a enxergar uma forte presença do precariado: "a massa formada por trabalhadores desqualificados e semiqualeificados que entram e saem rapidamente do mercado de trabalho". Analisando as pesquisas disponíveis, gostaria de sugerir uma terceira hipótese: a de que elas possam ter sido simultaneamente as duas coisas, a saber, tanto expressão de uma classe média tradicional inconformada com diferentes aspectos da realidade nacional quanto um reflexo daquilo que prefiro denominar de novo proletariado, mas cujas características se aproximam, no caso, daquelas atribuídas ao precariado pelos autores que preferem tal denominação: trata-se dos trabalhadores, em geral jovens, que conseguiram emprego com carteira assinada na década lulista (2003-2013), mas que padecem com baixa remuneração, alta rotatividade e más condições de trabalho. (SINGER, 2013, p.3)

Outros elementos importantes destacados por alguns analistas são aqueles que envolvem o universo do desemprego. Talvez essa seja o fato econômico com maior impacto no senso comum, criando, constantemente, uma incerteza em relação ao futuro.

Inflação e desemprego podem ser destacados como os dois grandes fantasmas da economia brasileira, algo marcante na memória popular, que foi reativado para desencadear novas ações políticas.

Abaixo conseguimos estabelecer qual era a taxa de desemprego nos períodos próximos à eclosão das jornadas. Os números estão entre os mais baixos da história, porém, o medo do desemprego é colocado em constante crescimento.

<b>Taxa de Desemprego</b>	<b>Em %</b>
Janeiro de 2013	5,4
Março de 2013	5,7
Junho de 2012	6
<b>Acreditam que o desemprego vai diminuir</b>	<b>Em %</b>
21 de março de 2013	41
7 de julho de 2013	27
28 de julho de 2013	19

**Tabela 2:** desemprego e expectativa do desemprego em 2013. Dados coletados pelo IBGE e DATAFOLHA, sendo sistematizados Rubens Figueiredo. (FIGUEIREDO, 2014, p. 30)

Ou seja, apesar da queda contínua na taxa de desemprego no Brasil, havia um aumento contínuo do desconforto relacionado ao tema. À medida que o povo foi ganhando as ruas, a ideia que economia se fragilizava foi aumentando.

Quando chegamos ao nível de escolaridade dos manifestantes, especialmente, os que ocuparam a Avenida Paulista, percebemos um caráter diferenciado, um recorte específico diante do restante da população. Para Figueiredo,

É bom notar: quem foi à rua não foi o fã de Lula-Dilma – embora as manifestações não fossem especificamente contra o governo federal. O eleitor típico de Dilma em meados de 2013 era mulher, com mais de 55 anos, escolaridade e renda baixas e morador de pequenas cidades do Nordeste. Ou seja, a antítese sociodemográfica do manifestante de junho de 2013: jovem, universitário e morador de grandes centros. (FIGUEIREDO, 2014, p. 30-31)

A discrepância do perfil social e econômico daqueles que ocupavam as ruas, especialmente a Paulista, em junho de 2013, não acontece só em relação ao eleitor médio de Dilma e Lula. As diferenças são perceptíveis comparados à sociedade brasileira de uma maneira geral.

	<b>Brasil</b>	<b>Cidade de São Paulo</b>	<b>Avenida Paulista</b>
Ensino Fundamental	48%	34%	2%
Ensino Médio	36%	42%	20%
Ensino Superior	16%	24%	78%

**Tabela 3:** perfil dos manifestantes na avenida paulista durante junho de 2013, em comparação ao nível de escolaridade do brasileiro e do morador da capital paulista. Fonte IBOPE e DATAFOLHA. (FIGUEIREDO, 2014, p. 31)

Tomando como base os números apresentados acima, ao recortarmos o nível de escolaridade focando no ensino fundamental e superior, percebemos um abismo entre as ruas e o desenho da sociedade brasileira como um todo. Uma diferença entre níveis de insatisfação, algo que é conduzido por um nicho bem específico do corpo social.

A baixa presença daqueles que possuíam “apenas” o ensino fundamental deu um norte para um “novo Brasil ativista”. Esses passaram a ocupar ruas motivados por uma gama ampla de fatores, mas movidos, sobretudo, por um sentimento de indignação constante.

Um “país escolarizado” iria tomar o protagonismo dos movimentos nas ruas e nas redes sociais neste século. A organização desses setores em candidaturas tradicionais antipetistas foi algo consequente, sempre pautando nossa sociedade em momentos decisivos. A construção do discurso da antipolítica prevaleceu aos demais sentimentos no turbilhão da necessidade do novo.

Dessa forma, esses “*new*” atores conseguiram ir além, a política era colocada como principal alvo, sua destruição, para eles, era inevitável, e a construção de personagens que representassem esse público específico era uma necessidade, começava a odisseia dos *outsiders*.

A grande questão colocada seria o construto de uma referência para o estabelecimento de pontes muito além do universo político, ou mesmo que pudesse unificar esse público nas urnas, usando com um discurso restaurador que já tinha seu germen plantado.

Nesses termos, se a eleição fosse realizada naquele momento entre os manifestantes que ocupavam o asfalto, Joaquim Barbosa poderia ser eleito presidente do Brasil. O julgamento do mensalão e a postura do então ministro do STF, ocupavam o vazio moral, a lacuna de discursos e personagens.

	<b>Eleitores Brasil / 6 e 7 de junho de 2013</b>	<b>Eleitores São Paulo / 6 e 7 de junho de 2013</b>	<b>Manifestantes na avenida Paulista / 20 de junho de 2013</b>
Dilma Rousseff	49%	40%	10%
Marina Silva	14%	15%	22%
Aécio Neves	12%	16%	22%
Joaquim Barbosa	8%	11%	30%
Eduardo Campos	5%	5%	1%
Branco/nulo/nenhum	6%	11%	27%
Não sabe	5%	2%	5%

**Tabela 4:** Intenções de votos para presidente da República no mesmo período em ambientes diferentes segundo o Datafolha. (FIGUEIREDO, 2014, p.32)

Alguns pontos devem ser observados dentro de um processo que desenha o renascimento do conservadorismo no Brasil. O cenário para a presidenta Dilma, até aquele momento, era apresentado como algo tranquilo, deveria ser reeleita sem maiores obstáculos.

Todavia, mesmo com as manifestações e a consequente queda nas avaliações, a consolidação de um adversário consistente parecia algo distante. A pulverização de nomes

dificultava a unificação em atores que ecoassem esses discursos que aclamassem as indignações moralistas.

Como o nascimento de uma planta, que ainda deve produzir muitos frutos, na Avenida Paulista estava um quadro do futuro, algo que ganharia muita força, que foi aperfeiçoando a utilização de métodos, e que de forma viral, aos poucos ia tomando conta do mapa brasileiro.

Assim, a diferença das intenções de votos para Marina Silva e Aécio Neves no nosso coração financeiro com relação ao resto da própria cidade paulista, é um grande sintoma. Esse movimento é proeminente quando relacionamos esse prognóstico com outras regiões.

Esses dois personagens já começavam a despontar como possíveis adversários da então presidenta, algo que ainda não tinha sido despertado para o resto da nação. Marina e Aécio cultivavam, naquele momento, uma certa legitimidade entre os manifestantes. Ou seja, havia, e há, dependendo do personagem, uma faceta de diálogo com a política em meio a seus discursos de destruição.

O outro componente presente nos dados abordados acima, são os caminhos abertos para figuras que estavam fora do campo político. Barbosa liderava na avenida, ficando à frente de rostos ligados ao campo oposicionista do governo. Não, ainda não existia o personagem Sérgio Moro.

Como já colocado, o então ministro do STF ganhou destaque com sua postura na apreciação do mensalão. Desde aquele momento, passou ser referência moral, foi repercutida suas performances de combate à corrupção, simbolizando a possível moralidade no mundo político e na sociedade como um todo.

Dentro dessa abordagem, não podemos deixar de destacar aqueles que não votariam em ninguém. Cerca de 27% dos manifestantes diziam não a tudo e todos, independentemente da plataforma que representassem.

Quando somamos esse último percentual ao do *outsider* Joaquim, chegamos aos 57% que já negavam qualquer tipo de relação com figuras tradicionais da política. Ou seja, havia algo difuso, representacional do que estava por acontecer nos próximos anos.

Além disso, aspectos subjetivos, dentro da categoria indignação começavam a permear a política. Nesse sentido,

É necessário utilizar também a categoria da indignação para observar as emoções e comoções que levam milhares de pessoas a se mobilizarem, a sair de suas zonas de conforto, de suas práticas habituais ou dadas rotinas, e aderirem a causas coletivas, como ir a uma manifestação. (HESSEL, 2011; e MOORE, 1987 apud GOHN, 2016, p. 132)

Ou seja, muito além do que qualquer racionalidade, o mundo moral começou a desenhar novos contornos nas cenas do campo político, e essa plataforma passou a ser colocada como algo fundamental para sobrevivência dentro das estruturas tradicionais em disputas eleitorais.

No posfácio à edição brasileira de “Redes de Indignação e Esperança”, Manuel Castells<sup>132</sup> coloca que as manifestações de junho no Brasil foi um grito de indignação que se difundiu pelas redes sociais, sendo transformado, em tempo real, no projeto de esperança de uma vida melhor.

Para o sociólogo espanhol isso seria reflexo da estrutura política brasileira. “A democracia (brasileira) foi reduzida a um mercado de votos em eleições realizadas de tempos em tempos, mercado dominado pelo dinheiro, pelo clientelismo e pela manipulação midiática”. (CASTELLS, 2013)

De forma confusa, raivosa e otimista, foi surgindo por sua vez essa consciência de milhares de pessoas que eram ao mesmo tempo indivíduos e um coletivo, pois estavam – e estão – sempre conectadas, conectadas em rede e enredadas na rua, mão a mão, tuítes a tuítes, post a post, imagem a imagem. Um mundo de virtualidade real e realidade multimodal, um mundo novo que já não é novo, mas que gerações mais jovens veem como seu. Um mundo que a gerontocracia dominante não entende, não conhece e que não lhe interessa, por ela encarada com suspeita quando seus próprios filhos e netos se comunicam pela internet, entre si e com o mundo, e ela sente que está perdendo o controle. (CASTELLS, 2013, p. 179 – 180)

Diante desse quadro, a multidão virou espetáculo nas redes sociais virtuais e nas emissoras de TV. A narrativa foi mudando, legitimando os movimentos. Afinal, era a

---

<sup>132</sup> O sociólogo espanhol Manuel Castells é um pioneiro quando se trata de pesquisar os reflexos da sociedade em rede na economia e na convivência social em todo o mundo a partir do fenômeno da internet. Desde 1979, na Universidade da Califórnia e, portanto, vizinho há décadas do Vale do Silício, é um tradutor sofisticado das transformações do mundo proporcionadas pela web. Disponível em: <<http://www.fronteras.com/entrevistas/manuel-castells-a-comunicacao-em-rede-esta-revitalizando-a-democracia>> Acesso em: 19/05/2017

sociedade que estava lutando para retomar o Brasil. Esse discurso ganhou força, traduziu uma nova crença, “podemos lutar por dias melhores”.

Logo o apoio popular foi conquistado, no dia 29 de junho de 2013, 81% dos brasileiros eram favoráveis às manifestações. Esses novos atores queriam melhorias que envolviam os serviços públicos, além do essencial combate à corrupção<sup>133</sup>.

Nesse meandro, um novo fato deslanchou. Os movimentos que antes nasciam e morriam nas redes sociais, sem nenhuma repercussão na mídia tradicional, ganharam uma sobrevida em outros meios de comunicação.

Essa sobrevivência representou um processo de potencialização, de exposição. Ou seja, 2013 mudou a história, atuações em redes conseguiram serem transformadas em eventos, movimentos ou jornadas, além de pautar a mídia rotineiramente com uma amplitude nacional. (FIGUEIREDO, 2014)

Além disso, tradicionalmente, é colocado que partidos políticos foram expulsos dessas atividades.

Os protestos de junho de 2013 deixaram os políticos e seus partidos fora da festa, porque ficou evidente sua total desconexão com as ruas – sejam elas ruas reais ou virtuais. A grande maioria dos políticos não entende, não gosta e não quer saber de redes sociais, mídias sociais, ferramentas digitais ou até mesmo um simples e-mail. (TOGNOZZI, 2014, p. 82)

Vou além, normalmente os partidos que incitavam manifestações eram aqueles mais ligados à esquerda, dentro de um campo político. Não só eles, MST, CUT entre outras organizações de sociais, ocuparam esse espaço na história do Brasil.

Deixar esses dividir as ruas era abrir espaço para outras narrativas. Era fechar as portas para um futuro que estava sendo aberto. Era não permitir novas possibilidades de condução do país.

Assim, diversos mecanismos foram utilizados dentro de um procedimento de legitimidade para esse discurso. Para o filósofo Denis Rosenfield,

Uma coisa são as manifestações pacíficas, mediante a ação autônoma da sociedade, que está dizendo que não

---

<sup>133</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/116497-8-em-cada-10-brasileiros-apoiam-protestos.shtml> Acesso em: 19/05/2017

mais suporta a corrupção vigente, o fisiologismo dos partidos políticos e o preço dos serviços públicos, com destaque para o transporte, além de sua baixa qualidade; outra são as ações de grupos que depredam e saqueiam, parecendo ser meros criminosos comuns quando, na verdade, são agremiações políticas cujo propósito é levar o país a uma crise institucional. Esses grupos são de ideologia anarquista/socialista/comunista, de espírito nitidamente contrário à economia de mercado, do direito de propriedade, ao estado de direito. (ROSENFELD, 2014, p. 139-140)

Já havia, inclusive no mundo acadêmico, mas sem qualquer restrição a este, uma defesa de valores conservadores dos movimentos e nas suas respectivas análises. Aos poucos, tijolo a tijolo, foi claramente sendo construído um muro entre os legitimamente indignados e aqueles que, simplesmente, eram “contrários a ordem”.

Do lado verde e amarelo do tapume, não havia, supostamente, qualquer intenção à instabilidade institucional, só um sentimento de indignação que explodia naqueles que representavam a verdadeira sociedade, eram os rostos da população, mas não tinha a cara do povo brasileiro.

O tripé, economia de mercado, direito de propriedade e Estado de direito, formatavam uma base, mostrando a predominância das defesas liberais na seara econômica. Esse tipo de discurso transcende barreiras, sendo reverberado, constantemente, nas redes e nas ruas.

Não só isso, percebe-se uma variável que resgata os valores conservadores para construções de horizontes culturais e sociais, com um forte discurso de criminalização de movimentos que estão distantes do perfil social traçado anteriormente: brancos, classe média e escolarizados. Assim, isso ganhou força.

A mídia em geral e os formadores de opinião continuam fazendo uma grande confusão conceitual ao atribuir as jornadas (de junho/2013) à atuação dos movimentos sociais, quando deveríamos fazer uma distinção entre movimentos sociais autônomos e movimentos sociais heterônomos. Os primeiros são fruto de uma ação independente da sociedade, não subordinada ao Estado, partidos políticos e agremiações político-ideológicas; os segundos são aparelhados pelo Estado e por partidos políticos, recebendo às vezes a denominação de movimentos sociais organizados. Os primeiros caracterizam uma ação autônoma de sociedade civil; os segundos, um aparelhamento delas. Ademais, o próprio PT borra



essa distinção com o propósito específico de guardar o seu controle da sociedade civil, por meio da utilização de seus próprios movimentos sociais (ROSENFELD, 2014, p. 140)

Este tom foi basilar para o pós 2013. Essa construção foi decisiva para narrativas que nasceram das jornadas de junho. Em outras palavras, parece-nos que já existia um direcionamento muito forte das críticas aos governos petistas, mas conseguem ir além, era fundamental construir plataformas de ideias liberais/conservadores e criminalizar qualquer outro método ou conteúdo que fosse de encontro a essa perspectiva histórica.

Apesar do estopim ser um movimento considerado heterônomo, usando os conceitos acima apresentados, os movimentos autônomos são os que têm legitimidade para cobrar melhorias morais no país, segundo essa forma de pensar construída diante daqueles fatos.

Esse norte foi decisivo para aglutinação de forças contrárias ao governo Dilma Rousseff. Essa narrativa seria fundamental para a eleição de 2014, e, principalmente, para o pós período eleitoral, algo que desencadeou o *impeachment*.

Segundo o jornalista Marcelo Tagnozzi,

Podemos dizer que existiram dois governos Dilma. Um durou até o dia 6 de junho de 2013. O Segundo começou no dia seguinte. O mais incrível nisso tudo é que a maioria dos políticos brasileiros foi incapaz de enxergar o que aconteceu, pelo simples motivo de não acreditar que algo chamado Facebook pudesse balançar o país da noite para o dia. (TOGNOZZI, 2014, p. 84)

Aquele momento não era um simples divisor de águas para o governo. Mais do que isso, vozes silenciosas começaram a ecoar. Inovadores núcleos de mobilização se organizaram. Velhos discursos ressurgiram, e as narrativas políticas foram constantemente ressignificadas nesse novo cenário.

A ativação e o engajamento, nas ruas de forma momentânea, com consequências permanentes nas redes, empunharam nas mãos de uma massa as bandeiras com sensibilidades patrióticas.

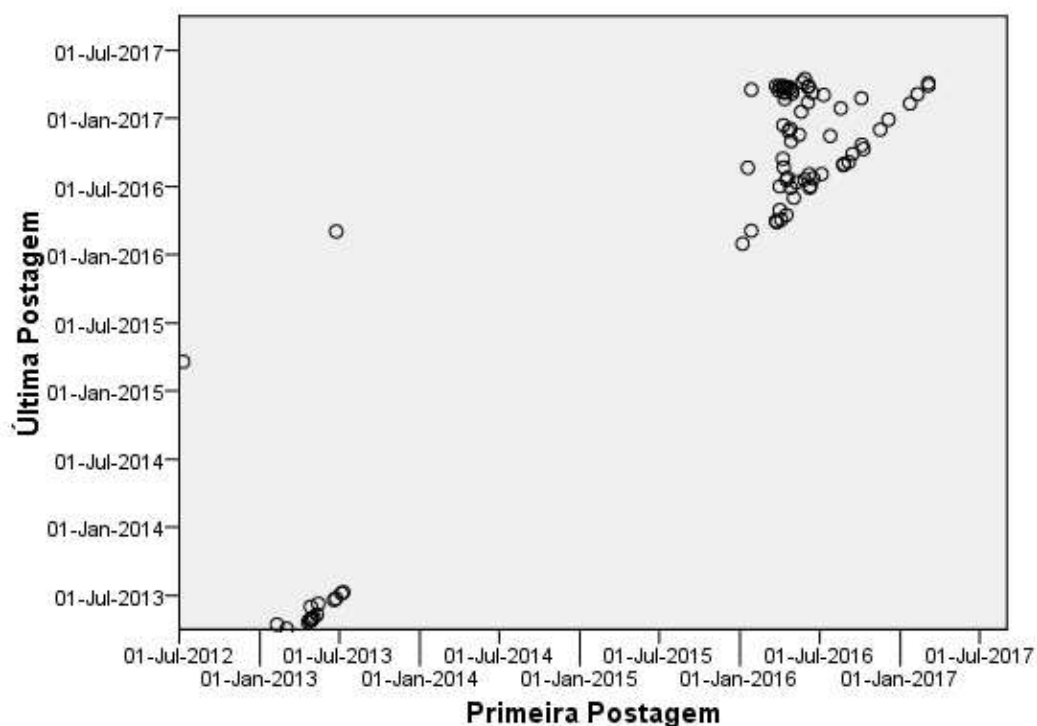
Em 2014, os novíssimos atores que entraram em cena em junho de 2013 continuaram nas redes sociais online e saíram às ruas em tímidos atos contra a Copa do futebol no Brasil e seus grandes gastos, não atraindo a maioria da população. Durante o período eleitoral para

a presidência da república em 2014 ocorreu intensa mobilização das redes sociais e alguns grupos criados tiveram grande atuação nas manifestações de março de 2015. (GOHN, 2016, P.137)

Não há qualquer dúvida que os movimentos surgidos em “março de 2015” são filhos daquele “junho de 2013”. Pelo perfil dos manifestantes, especialmente em sua segunda etapa, quando ganha uma legitimidade por, supostamente, falar pela população brasileira; pelo perfil social, uma classe média escolarizada; e pelas bandeiras morais, percebemos que o ano 2013 ainda não acabou no Brasil.

É esse grupo social que se organiza em torno da candidatura de Aécio Neves (PSDB). São esses que pós eleições, especialmente em 2015, ocupam as ruas com manifestações carregadas de subjetividades, movidos por causas morais e sentimentos de indignação. Neste quadro, a pauta econômica fica em segundo plano, não é trabalhada como elemento de proa. Todavia, é pano de fundo, é algo que condensa, que legitima as ações.

Quando mergulhamos nos dados coletados da página MCC – Movimento Contra a Corrupção, percebemos em elementos empíricos algo que estava nas entrelinhas. A relação entre os anos de 2013 e 2015 é bem próxima, não só isso, as consequências permanentes deixou um grande rastro de pólvora no país.



**Figura 8:** demonstra a existência dos álbuns na página MCC. Na parte de baixo a data da primeira postagem; na parte lateral a cronologia da última publicação em cada álbum. Assim, é estabelecido o momento e duração de cada núcleo de postagem. Dados coletados e sistematizados entre janeiro e março de 2017 pelo autor da dissertação.

Ao cruzar as datas das primeiras postagens com a últimas de cada álbum existente na página, percebemos, que, de forma predominante, o MCC tem dois momentos no *Facebook*. O que circunda junho de 2013, especialmente, com boa parte incidindo em 27 de abril daquele ano; e o seu ressurgimento no final de 2015, início de 2016, quando eclodem os encaminhamentos para o *impeachment*.

Ou seja, aconteceram postagem previamente às jornadas de junho. As fotos fazem recorrência a mobilizações espalhadas por algumas cidades brasileiras e no exterior, mas sem maiores impactos na rede e na mídia. Lembrando que naquele momento, as manchetes que ocupavam a imprensa era a tentativa do Congresso de limitar a decisão do STF sobre o “Mensalão”.

Pautando eixos que serão trabalhados em maior potencial posteriormente, a exemplo do combate à corrupção, serviços públicos e impunidade, uma nova rede começa a ser constituída como ferramenta de mobilização e engajamento virtual.

Havia um debate político sobre o processo judiciário depois do recente julgamento final dos “mensaleiros”. Manchetes eram estampadas nos jornais, e o sentimento de impunidade era reativado. Além disso, as recorrentes notícias negativas sobre a economia misturavam-se ao mundo corrupto da política.<sup>134</sup>

---

<sup>134</sup> Disponível em: <<https://www.portalcambe.com.br/manchete-nos-jornais-deste-sabado-27-de-abril-de-2013/>> Acesso em 20/05/2017



**Figura 9:** imagens da página MCC postadas no dia 27 de abril de 2013. A primeira é vinculada ao álbum 13, referente às manifestações em Campinas – SP, com 24 engajamentos. Já a segunda encontra-se no núcleo 11, que retrata protestos na cidade de *Nova York* – EUA, com 1.261 engajamentos. Dados coletados e sistematizados entre janeiro e março de 2017 pelo autor da dissertação.

Na primeira imagem estão estudantes do ensino médio de uma cidade do interior paulista. A pauta principal são os serviços públicos. A sensação de vulnerabilidade relacionada à segurança pública já dava sinais de eclosão. Além disso, a referência ao um movimento famoso nas redes sociais, o *Anonymous*,<sup>135</sup> indica as cenas dos próximos capítulos.

<sup>135</sup> Anonymous (palavra de origem inglesa, que em português significa anônimo) é uma legião que se originou em 2003. Representa o conceito de muitos usuários de comunidades online existindo simultaneamente como um cérebro global. O termo também é comum entre os membros de certas subculturas da Internet como sendo

Esse perfil se aproxima daqueles representados na primeira etapa das “jornadas”. Jovens, secundaristas, que tem como pauta principal a ineficácia do Estado, especialmente em grandes centros urbanos. O verde e amarelo não são as cores predominantes. A pauta moral fica em segundo plano, mesmo repercutindo naquele momento todo o processo de julgamento de políticos réus na Suprema Corte.

Já a segunda imagem, mesmo sendo postada no mesmo dia, traz elementos completamente diferentes para nossa visualização. Primeiro, tem um maior engajamento (1.261), quando observamos essa etapa que circunda o surgimento da página, essa foto é uma das mais repercutidas.

As cores brasileiras são destaques, mesmo, ou sobretudo, sendo fotografados em uma das avenidas mais famosas do mundo, a *Times Square*<sup>136</sup>, em *Nova York*. Além disso, o eixo principal da imagem é a cruzada moral. Segurança, saúde e educação não tem a proeminência da indignação diante da roubalheira presente no país que estão distantes.

Diante disso, percebemos dois eixos que serão basilares em pouco tempo nas ruas e nas redes. Todavia, o segundo se sobressaiu ao primeiro, pautando permanentemente a sociedade nos últimos anos.

Os primeiros vão sendo silenciados aos poucos, dentro de um processo constante de deslegitimação. Já aqueles que representam a classe média, branca, escolarizada, vão sendo nomeados, paulatinamente, como portas vozes do povo brasileiro.

Chegando aos meses de junho e julho (2013) no MCC, percebemos uma atuação burocrática desse nó, com poucas imagens das ruas, focando suas postagens em mensagens didáticas do impacto da corrupção na vida do “cidadão de bem”.

---

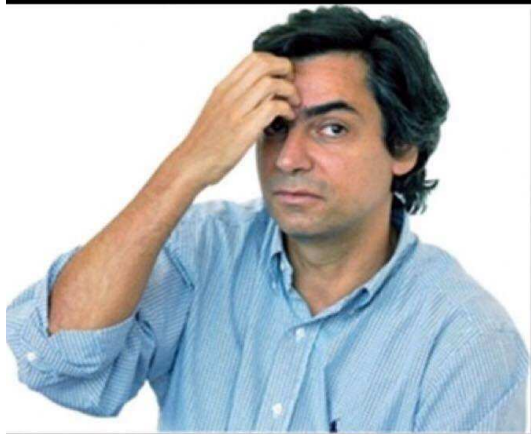
uma forma de se referir às ações de pessoas em um ambiente onde suas verdadeiras identidades são desconhecida.

<sup>136</sup> Conhecida mundialmente por seus letreiros luminosos e pela contagem regressiva do Ano Novo, a Times Square é um dos pontos turísticos mais famosos de Nova York e do mundo, recebendo mais de 39 milhões de turistas por ano. Disponível em: <<https://novayork.com/times-square>> Acesso em: 20/052017





## MÍDIA



**Aprenda como não se faz jornalismo**

“Essa é como toda agitação no Brasil. O povo aí já fez quebra-quebra até para defender o vírus da varíola e sair quebrando balança. Agora, descobriram que depredar ônibus e saquear lojas é mais legal que WhatsApp”.

**Diogo Mainardi, em programa da GLOBO News**

Outro comentarista afirmou, no mesmo programa, que provavelmente as manifestações irão acabar quando acabarem as férias, pois os jovens terão algo para fazer.



## 7 de setembro



**Participe da manifestação sendo organizada para 7 de setembro! Já somos mais de 100 mil confirmados! Você faz a diferença!**

**Figura 10:** primeiras postagens da página MCC pós Junho/2013. Imagem 1, álbum 24, relacionado à mídia postada em 24 de junho de 2013, 1848 engajamentos; imagem 2, álbum 23, organização, postado em 10 de julho de 2013, com 9.321 engajamentos. Dados coletados e sistematizados entre janeiro e março de 2017 pelo autor da dissertação.

Percebe-se como a página dialoga de forma direta com os discursos de criminalização de alguns acontecimentos relacionados aquele período. Nestes termos, termina por repercutir o posicionamento de setores da grande mídia.

Com pautas didáticas, aglutinando seguidores que focavam o combate à corrupção como causa principal, a página começa a ganhar vida. Todavia, a tela dos movimentos de rua, ainda, não é algo proeminente.

A primeira imagem mostra a posição de um jornalista do Grupo Abril, especificamente com seu nome relacionado à Revista Veja, Diogo Mainardi<sup>137</sup>, que ao sair da famosa revista semanal, fundou o site Antagonista<sup>138</sup>, esse que é protagonista nos vazamentos da operação “Lava jato”.<sup>139</sup>

Depois a página tenta mobilizar manifestações para 7 de setembro de 2013. Algo que não ganha repercussão, inclusive sem nenhuma postagem sobre este suposto evento no próprio núcleo. Naquele momento a MCC tinha 100 mil seguidores, e não conquistava maiores impactos na rede.

Ou seja, depois do aprendizado de junho, ficou evidente que setores da sociedade brasileira poderiam ser mobilizados por uma pauta moral. Todavia, os métodos ainda não estavam claros, os caminhos estavam abertos, mas não consolidados.

Então, há um silêncio. A rede MCC fica sem vida, com emissões esparsas sem maiores efeitos. Havia um aprendizado, ensaios, exemplos, mas nada com maiores proporções. O ressurgimento, com o seu ativismo, só vem a acontecer no final de 2015 e nos primeiros meses de 2016, conforme a **figura 10**, demonstrada acima. Esse novo momento, com uma reinvenção nas formas de atuação, como veremos a seguir.

### **3.2 – O renascimento do MCC: Movimento Contra a Corrupção.**

---

<sup>137</sup> Diogo Briso Mainardi é intitulado escritor, produtor, roteirista de cinema e colunista brasileiro. Durante o governo Lula, tornou-se um nome conhecido no Brasil, principalmente devido à sua coluna semanal na Revista VEJA. É um crítico constante de governos petistas, como o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, sobre quem escreveu o livro Lula É minha Anta, que reúne uma coletânea de crônicas sobre o escândalo do mensalão publicadas pelo autor na VEJA.

<sup>138</sup> <<http://www.oantagonista.com/sobre>>

<sup>139</sup> Disponível em: <<https://www.brasil247.com/pt/colunistas/eduardoguimaraes/290321/Moro-presenciou-vazamento-ilegal-em-tempo-real-para-Antagonista.htm>> Acesso em: 26/06/2017

No dia 1º de janeiro de 2011, a primeira mulher presidenta do Brasil recebe a faixa presidencial, em evento realizado na capital federal. Dilma Vanna Rousseff (PT) foi eleita no segundo turno das eleições presidenciais de 2010, derrotando José Serra (PSDB), com quase 56 milhões de votos. Já em 2014, Dilma é reconduzida ao cargo. Com uma campanha marcada pelo acirramento, Dilma vence Aécio Neves (PSDB) com 54.501,118 milhões de votos contra 51.041,155 milhões de votos, entrando para a História como a representante de um projeto político que consegue sua quarta vitória consecutiva, acumulando sucessos, fracassos, enfrentamentos e o consequente desgaste do embate político. (LIMA & ANTONINO, 2016, p.1)

Como já destacado no capítulo anterior, alguns núcleos nas redes sociais, remanescentes das jornadas de junho, aturam na campanha de Aécio Neves (PSDB). Outros, que também emergiram naquele momento, se posicionaram na defesa de Dilma Rousseff (PT), a exemplo da Mídia Ninja<sup>140</sup>.

Passado o período eleitoral, os palanques continuaram armados e o foco passou a ser o impedimento da então presidenta. Todavia, no nosso ponto de vista, ainda havia um grande obstáculo, a força do governo Lula na memória coletiva de alguns setores da sociedade brasileira. Qualquer possibilidade de retirada do Partido dos Trabalhadores do governo passava por uma fragilização política do ex-presidente. A desconstrução da sua imagem era etapa decisiva para o desfecho do *impeachment*.

Em pesquisa realizada no mês de fevereiro de 2016, segundo o IBOPE,

Luiz Inácio Lula da Silva ainda é considerado o melhor presidente da história do País por 37% dos brasileiros, seguido por Fernando Henrique Cardoso, com 15%; desde a última pesquisa, realizada em novembro do ano passado, até hoje, Lula oscilou dentro da margem de erro, caindo de 39% para 37%; a pesquisa Datafolha também revela que, para a maioria dos brasileiros. (BRASIL247, 27/02/2016)<sup>141</sup>

Em janeiro de 2016, quando o Movimento Contra a Corrupção começa sua atuação de forma mais ostensiva, a pauta principal foi substanciada com a marca “Lula na cadeia”. Diversas notícias também eram compartilhadas, nesse sentido, pela “mídia tradicional”,

---

<sup>140</sup> 1,5 milhões de seguidores, disponível em: <<https://www.facebook.com/MidiaNINJA/>> Acesso em 21/05/2017

<sup>141</sup>Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/poder/218844/Datafolha-Lula-%C3%A9-o-melhor-presidente-para-37.htm>> Acesso em: 21/05/2017



cotidianamente. Vazamentos de delações e possíveis provas que incriminavam o ex-presidente viralizavam, literalmente, nas redes.

A narrativa predominante foi sendo propalada, “quando Lula será preso?” Para muitos, uma questão de tempo. Os acontecimentos, eventos, exposição e sensações trabalhadas alicerçavam essa possibilidade.

Paralelo a isso, um novo personagem era fortalecido como símbolo de combate aos corruptos no Brasil, a figura do juiz Sérgio Moro começa a ganhar uma proeminência muito além do judiciário. Sua imagem é constantemente explorada, principalmente como contraponto ao ex-presidente. A opinião pública fica em disputa, sedimentando, constantemente, os caminhos da “Lava Jato” e, conseqüentemente, da política brasileira.

Moro ocupa as páginas dos jornais, as telas de TV e os cartazes em manifestações, e, aos poucos, vai se tornando o rosto do antipetismo e da moralidade conservadora. A recorrência a grandes eventos, gerando acontecimentos que repercutem em todos os meios de comunicação, vai se tornando algo rotineiro.

Percebemos como aqui a moral é legitimada como verdade pela legalidade. Usando ferramentas de Foucault (1996), percebe-se como o sistema penal, que tem como suporte de veracidade o direito, serve como cortina para destruição da política e, sobretudo, de alguns dos seus personagens.

Grandes operações comandadas pela Polícia Federal em consequência de fases da força tarefa de Curitiba eram transmitidas ao vivo, espetacularizando notícias e especulações nas redes sociais e nos meios televisivos.

Além disso, de forma complementar, a narrativa dos crimes cometidos por Dilma começava a ser construída. Era de fundamental importância mostrar que a presidenta estava no campo da ilegalidade, sendo um dos sustentáculos no seu processo de deslegitimação.

Em meio a esse cenário, acontece o ressurgimento do MCC e sua atuação no *Facebook*. Os primeiros álbuns desse momento são Destaques (25)<sup>142</sup>, #EstamosComMoro (26), os crimes de Dilma (27), e março (28). Esses núcleos trazem suas diretrizes de atuação nos primeiros meses de 2016. Lula na cadeia, a defesa de Sérgio Moro, os crimes de Dilma

---

<sup>142</sup> Numeração do álbum na sequência de ativação usada na metodologia.

e o “duelo” Moro X Lula são assuntos predominantes nas postagens do Movimento Contra a Corrupção.

No dia 23 de fevereiro de 2016, o marqueteiro petista nas últimas eleições, João Santana<sup>143</sup> e, sua esposa, Mônica Moura, são presos em decisão do conglomerado operacional e jurídico que combate os corruptos, a Lava Jato.

A notícia coloca no centro da crise, de forma irreversível, Dilma Rousseff, pois, além disso, de forma próxima acontece o acordo de delação premiada<sup>144</sup> do Senador Delcídio Amaral<sup>145</sup>, que foi preso enquanto liderava o governo no Senado Federal.

Sem conseguir implementar uma agenda, algo que é decisivo no mundo da política, Dilma fica refém das notícias negativas que avançam sobre seu núcleo mais próximo. O governo vai transmitindo à população a ausência de rumo. O capital político do ex-presidente Lula começa a ser fragilizado e o discurso de ressaltar os feitos do passado vai perdendo efeito.

---

<sup>143</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/02/joao-santana-chega-ao-brasil-apos-ter-prisao-decretada-na-lava-jato.html>> Acesso em: 21/05/2017

<sup>144</sup> Como o próprio nome já diz, a delação é premiada uma troca entre o delator que conta o que sabe e as autoridades que o premiam com uma possível redução da pena. No âmbito da Lava Jato, os primeiros grandes delatores foram o doleiro Alberto Youssef e o ex-diretor de abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa. As informações e provas apresentadas pelos dois delatores permitiram que a Lava Jato abrisse novas frentes de investigação. A principal delas resultou na prisão de diretores e executivos das maiores empreiteiras do Brasil, que agiam como corruptores e revelou acusações de pagamentos a políticos e partidos em contas no Brasil e no exterior. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/entenda-o-que-e-a-delacao-premiada.ghtml>> Acesso em: 21/05/2017

<sup>145</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2016/03/delcidio-acerta-acordo-de-delacao-premiada-na-lava-jato.html>> Acesso em: 21/05/2017



**Figura 11:** Primeiras postagens da página MCC, Movimento Contra Corrupção, no ressurgimento do núcleo no início de 2016. Imagem 1, álbum 25, Destaques, postada em 03/02/2016, 10.125 engajamentos; Imagem 2, álbum 26, #EstamosComMoro, postada em 25/03/2016, 2.854 engajamentos; Imagem 3, álbum 27, os crimes de Dilma, postada 04/04/2016, 54 engajamentos; Imagem 4, álbum 28, março, postada em 23/03/2016, 9.492 engajamentos. Dados coletados, sistematizados e ordenados entre janeiro e março de 2017 pelo autor da dissertação.

No primeiro plano, um dos assuntos mais recorrentes da página do Movimento Contra a Corrupção. A ideia de Lula ser preso foi batida, repetida, compartilhada e comentada por um longo período de tempo. O discurso que o ex-presidente era o chefe de uma quadrilha, e que poderia ser encarcerado a qualquer momento é, ainda, constantemente jogada na rede.

Diversas outras páginas que trabalham especificamente esse tema emergem, a exemplo da “Lula no xadrez”<sup>146</sup>, que tem seu conteúdo repetidamente compartilhado por outras páginas, a exemplo do próprio MCC.

É perceptível que na imagem 1 (figura 7), é exposto um conteúdo produzido por outro nó, mas que foi publicado pelo núcleo, objeto de estudo nosso. Nesse sentido, o “Avança Brasil”<sup>147</sup>, ligado a maçonaria, entra na plataforma de atuação digital com bandeiras conservadoras, além da desconstrução do símbolo de seu antídoto, Luiz Inácio Lula da Silva.

Todavia, a ideia de aprisionamento não era trabalhada de forma isolada nas redes virtuais, diversos veículos de imprensa, cotidianamente, traziam e, ainda, destacam informações que levam a pensar que essa possibilidade, a prisão de Lula, pode acontecer em breve. Eventos foram criados, conduzindo a opinião pública a desejar essa situação.

No dia 04 de março de 2016, o Brasil amanhece com as notícias de que a Operação Lava Jato, finalmente chegou ao ex-presidente operário. Transmitindo ao vivo, canais de TV e as redes especulavam que o seu cárcere já estava acontecendo.<sup>148</sup>

Entendemos esse episódio como um divisor de águas dentro do processo analisado. Nessas circunstâncias, as críticas com tom político aos métodos do judiciário surgiram com mais força. Lula começou a tentar trazer Moro para a seara política na tentativa de desqualificar determinadas práticas instrumentais dos personagens ligados à justiça, especialmente aqueles que conduziam a operação.

Me senti prisioneiro hoje de manhã, afirmou diante de militantes. Já passei por muita coisa na minha vida. Não sou homem de guardar mágoa, mas nosso país não pode continuar assim. Nosso país não pode continuar amedrontado. Jamais se recusaria a prestar depoimento. Não precisaria ter mandado uma coerção. Era só ter convidado. Antes deles, nós já éramos democratas. Se o juiz [Sérgio] Moro e o Ministério Público quisessem me ouvir, era só ter me mandado um ofício e eu ia como sempre fui porque não devo e não temo. (Lula, 2016, disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/03/jamais-me-recusaria-prestar-depoimento-diz-lula.html> Acesso em: 22/05/2017)

---

<sup>146</sup> Com 230 mil seguidores. Disponível em: <<https://www.facebook.com/LulaNoXadrez/>> Acesso em: 22/05/2017

<sup>147</sup> Com 1 milhão de seguidores. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AvancaBrasil.site/>> Acesso em: 22/05/2017

<sup>148</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/03/policia-deflagrada-nova-fase-da-lava-jato-na-casa-do-ex-presidente-lula.html>> Acesso em: 22/05/2017

Outro eixo dessa retomada da página é o juiz com atuação em Curitiba, imagem 2, figura 11. Moro passa a ser exemplo às futuras gerações do país, e isso é trabalhado para atrair público ao nó (núcleo dentro da rede) que, ao mesmo tempo, reverbera esse tipo de informação. Assim, as pessoas eram convocadas a serem protagonistas, algo que já é muito forte na internet. A população era chamada para colocar seus filhos em destaque, transmitindo mensagens de apoio ao magistrado de Curitiba.

Outro traço desse desenho é a antecipação dos crimes cometidos pela então presidenta Dilma Rousseff. De pronto percebemos o baixo engajamento nessas imagens (3, figura 11), entre outros elementos, podemos concluir que o tema não estava sendo trabalhado por outras ferramentas de comunicação. Isto ainda não era atrativo, não constituiu algo difuso na opinião pública, ainda.

Ou seja, apresentar os supostos crimes de uma presidenta não conseguiu, naquele momento, ser instrumento de desqualificação da mesma, os ataques ao PT e ao ex-presidente ganham com mais ênfase, a simpatia dos seguidores da página. Não importavam os delitos, a ocupação do Palácio do Planalto pelo Partido dos Trabalhadores já constituía a infração.

Dilma, nesse momento, não é colocada como figura principal, ela vem a ocupar essa posição em momento posterior, sofrendo com mecanismos diversos de ataques. A ideia de uma gestora incompetente, com inconstância emocional, algo que se aproxima da loucura, dariam o tom.

Nesse momento, o duelo “Moro x Lula” é o prato principal dentro dos acontecimentos, e, de forma eficaz, serve para colocar em campos diferente a construção e desconstrução de personagens fundamentais, que eram posicionados como referências para o país.

O juiz, fora da política, ocupa o papel principal. “Ele é responsável pela maior operação de combate à corrupção na história do país. Ameaçado de morte diariamente, difamado e até ameaçado de prisão pela presidente. Tem apoio de todo o povo brasileiro”. (Imagem 4, figura 11)

Ou seja, vítima da presidenta, Moro representaria a capacidade em moralizar o imoral, e que, nessa jornada, já contava com o apoio do povo brasileiro. Do outro lado estava Lula, que “sempre se orgulhou de não gostar de ler. Ele era o presidente no mensalão. Ele

era o presidente no petrolão. Está afundando em todo tipo de corrupção e ainda há alguns trouxas que o defendem”. (Imagem 4, figura 11)

Vale salientar que quem é colocado na arena é Lula, e não Dilma. Nesse centro gravitacional, política e judiciário são misturados e divorciados de acordo com a necessidade de legitimações e deslegitimações de ambos os lados.

Além do que já foi observado, é perceptível que esse ressurgimento da página acontece com muita força, com muitos seguidores e repercussão na rede, mesmo o núcleo ficando praticamente morto durante o período entre 2013 e 2016.

Não fica evidente os instrumentos utilizados para esse fortalecimento do nó ao longo do período de inércia. Se foi inflada por patrocínios<sup>149</sup>, robôs<sup>150</sup>, ou *fakes*<sup>151</sup>, não tem como dimensionar, mas, de fato, percebemos que o ressurgimento aconteceu de forma ostensiva, nas diretrizes de conteúdo traçadas.

A interatividade foi retomada em outro patamar. Esse conglomerado digital, com atuação conservadora, em especial o MCC, vai ganhando força e seguidores à medida que um encadeamento de eventos aconteciam. Páginas de jornais e imagens no *Facebook* se entrelaçavam entre a realidade virtual e a virtualidade real.

O crescimento passou a ser uma constante, fazendo com que as publicações sedimentassem maior repercussão. Um novo ciclo positivo atraindo mais adeptos aos métodos e conteúdo do movimento é criado.

---

<sup>149</sup> Promover sua Página é uma forma de criar anúncios que serão exibidos no Feed de Notícias e no lado direito do Facebook e no Instagram. O valor que você paga para promover sua Página depende da quantidade de pessoas que você deseja atingir. Ao escolher um orçamento maior, mais pessoas verão os anúncios incentivando-os a curtir sua Página. Consequentemente, existe uma probabilidade maior de que mais pessoas curtam sua Página. Disponível em: <<https://www.facebook.com/business/help/209213872548401>> Acesso em: 22/05/2017

<sup>150</sup> Chamados de bots, robôs que geram contas falsas e espalham conteúdo em escala industrial. Aquele novo seguidor que não tem foto de perfil e compartilha uma mensagem aleatória apenas uma vez ao dia, provavelmente é uma dessas contas automatizadas. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/robos-dominam-debate-politico-nas-redes-sociais>> Acesso em: 22/05/2017

<sup>151</sup> Fake é uma palavra da língua inglesa que significa falso ou falsificação. Pode ser uma pessoa, um objeto ou qualquer ato que não seja autêntico. Com as redes sociais, o termo passou a ser muito utilizado para designar uma conta na internet ou o perfil em uma rede social de alguém que pretende ocultar a verdadeira identidade. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/fake/>> Acesso em: 22/05/2017

<b>Data da publicação</b>	<b>Engajamento da postagem</b>	<b>Curtidas na página MCC</b>	<b>Personagens na Imagem</b>
10/07/2013	9.321	100.000	Manifestante
27/03/2016	1.909	1.994.400	Páginas: Lula x MCC
28/03/2016	20.448	2.000.000	Sérgio Moro
15/04/2016	2.398	2.169.216	Páginas: Lula x MCC
21/04/2016	15.388	2.228.261	Joaquim Barbosa e Sérgio Moro
10/05/2016	14.783	2.305.386	Joaquim Barbosa, Janaína Paschoal e Sérgio Moro
29/05/2016	15.205	2.400.111	Janaína Paschoal e Sérgio Moro
31/08/2016	9.414	2.600.000	Janaína Paschoal e Sérgio Moro
11/10/2016	16.642	2.700.132	Janaína Paschoal e Sérgio Moro
16/11/2016	45.339	2.800.000	Sérgio Moro
01/12/2016	7.914	2.900.000	Sérgio Moro
06/12/2016	8.831	3.000.000	Sérgio Moro
09/01/2017	4.952	3.100.000	Sérgio Moro
26/02/2017	2.678	3.200.000	Sérgio Moro

**Tabela 5:** informações relacionadas às postagens que mostram o aumento no número de seguidores da página MCC. Dados coletados, sistematizados e ordenados entre janeiro e março de 2017 pelo autor da dissertação.

Nesses termos, acompanhamos o crescimento do ponto no *Facebook* por suas próprias postagens, uma exaltação em quadros das conquistas do movimento no mundo virtual. Cada linha acima representa um “retrato”, com sua respectiva data de publicação, engajamentos, patamar de seguidores alcançados, e os personagens exaltados.

Percebe-se que no período imediatamente posterior às jornadas de junho/2013, a imagem de um manifestante é colocada como algo central, naquele momento, “apenas” cem



mil seguidores se aglutinavam. Esse marco temporal, 10 de julho de 2013, foi a única vez que o MCC usa um “anônimo” para elencar seus feitos.

Chegando à nova fase, posterior ao hiato 2013/2016, as imagens das publicações exaltam as diferenças de seguidores entre as páginas de Lula e do próprio MCC. Ou seja, superar o ex-presidente é colocado como alvo, forçando uma implementação ostensiva performática.

Algo pode contribuir para compreender a importância de Luiz Inácio nesse processo. Mesmo a então presidenta possuindo mais seguidores que seu “tutor” político, algo que persiste ainda hoje (Dilma Rousseff<sup>152</sup>, 3,2 milhões de seguidores; Lula<sup>153</sup> 2,8 milhões), em nenhum momento, nesse cenário, o contraponto acontece em relação a ela.

Isso fortalece nosso ponto vista que a desconstrução do presidente petista foi algo instrumental para o impedimento de Dilma, e isso passou, necessariamente, pela construção de personagens, referências e figuras que aglutinassem forças muito além do campo político.

Nesse diapasão, a memória com símbolos passados é resgatada. Todavia, diante da efemeridade dos acontecimentos, as figuras ressignificadas não podem ser distantes da história presente. Não há espaço para desconexões.

Assim, aconteceu uma mudança no protagonismo de atuação da página. O foco passou a ser a construção e Joaquim Barbosa ainda representava algo atual no imaginário coletivo antipetista. Desde o julgamento do mensalão, passando pelas ruas em 2013, até aquele momento (abril e maio de 2016), boa parte do público seguidor do MCC, tinha este *outsider* como escudo moral para o debate político.

Barbosa<sup>154</sup> e Moro são colocados lado a lado. O passado bem-sucedido diante do futuro, assim é estabelecida a continuidade do combate à corrupção no país. Um sucessor no campo do judiciário, alguém que vive fora de performances “oficiais” políticas, mas que é colocado constantemente nas disputas pelo poder institucional.

---

<sup>152</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/DilmaRousseff/>> Acesso em: 22/05/2017

<sup>153</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/Lula/>> Acesso em: 22/05/2017

<sup>154</sup> “Nome forte para 2018, Joaquim Barbosa aproveita férias em NY”. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/nome-forte-para-2018-joaquim-barbosa-aproveita-ferias-em-ny/>> Acesso em 23/05/2017. “Joaquim Barbosa cria perfil no Twitter e ‘escala’ seleção”, disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/nome-forte-para-2018-joaquim-barbosa-aproveita-ferias-em-ny/>> Acesso em: 23/05/2017



Moro<sup>155</sup> é o amanhã de Barbosa. Representa o aprimoramento do método, personas midiáticas adotadas por setores da imprensa em delongadas reportagens. Seus familiares, seu cotidiano, seus gestos passam a ser objeto de interesse, são constantes as notícias de atuações, algo que preenche o vazio da destruição.

Passado esse resgate da lembrança recente, eclode uma nova figura, Janaína Paschoal. É perceptível a fase de transição. Em 21 de abril o MCC atinge 2.228.261 (dois milhões, duzentos e vinte e oito mil, duzentos e sessenta e um) seguidores, como símbolo desta conquista aparecem dois rostos, Barbosa e Moro.

Já no dia 10 de maio de 2016, a página atinge 2,3 milhões de curtidas, dessa vez, é incluída a figura de Janaína Paschoal<sup>156</sup>, entre o ex-ministro do STF e o juiz que comanda a Lava Jato.

Em 29 de maio já são 2,4 milhões de adeptos ao MCC. Barbosa é retirado do papel de protagonista, prevalecendo a figura feminina da advogada paulista e o magistrado curitibano.

Superado o calor do impedimento, o núcleo vai aos poucos personificando as conquistas na imagem de Moro. Todas as postagens relacionadas às curtidas, posteriores ao mês de outubro/16, centram na figura do juiz. O processo de *impeachment* vai aos poucos sendo colocado em patamar secundário, a jornada de trincheiras morais aponta as armas para novos alvos, enfatizando o “heroísmo” de alguém distante do mundo sujo da política, que o próprio está limpando.

Para a pesquisadora alemã Elisabeth Noelle-Neumann (1995), o clima da opinião é estabelecido diante de duas variáveis, aqueles que falam e os que permanecem quietos. Para

---

<sup>155</sup> “A história de Sergio Moro, o juiz que sacudiu o Brasil com a Lava-Jato”, disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/04/a-historia-de-sergio-moro-o-juiz-que-sacudiu-o-brasil-com-a-lava-jato-5784184.html>> Acesso em: 23/05/2017. “Mulher de Sergio Moro é capa de revista e fala sobre a Lava Jato”, disponível em: <<http://www.tribunadabahia.com.br/2017/02/06/mulher-de-sergio-moro-capade-revista-fala-sobre-lava-jato>> acesso em: 23/05/2017

<sup>156</sup> A advogada Janaina Conceição Paschoal se tornou personagem de destaque nos meses que antecederam a aprovação do processo por crime de responsabilidade contra a petista pelo Senado. Suas acaloradas defesas da ação, seja no Congresso ou em eventos públicos, e as críticas ao Partido dos Trabalhadores renderam infundáveis – e impagáveis – memes nas redes sociais. Aclamada por grupos pró-impeachment e duramente atacada pela militância de esquerda, Janaina viu sua rotina se alterar drasticamente. Quinze dias após o afastamento de Dilma, contudo, a advogada submergiu – e tem de conviver com a ira de militantes petistas. Ela está ideologicamente isolada na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), de cujo Departamento de Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia é professora associada. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/politica/janaina-paschoal-rotina-de-isolamento-pos-impeachment/>> Acesso em: 22/05/2017

ela, “a língua se solta quando alguém se sente em harmonia com o espírito da época em que vive”. (NOELLE-NEUMANN apud FIGUEIREDO, 2014, p, 33)

De maneira geral, as pessoas ficam em silêncio até aparecer uma zona confortável para emissão de opiniões. Ou seja, normalmente essa exteriorização acontece diante do reflexo social de si.

Lembrando que a autora trabalha esse conceito em momento anterior a existência das redes, o que termina por apontar métodos diversos para aproximação dos semelhantes em performances de atuação.

Trazendo para o mundo contemporâneo, esses mecanismos devem ser atualizados. O que antes você expressa atrás de broche, camisa ou boné, agora acontece através do Facebook. “As redes sociais (...) acabaram com o silêncio, o medo, a timidez e a acomodação. O broche é o Facebook – ao alcance da mãe, sem sair de casa, sem exposição física”. (FIGUEIREDO, 2014, p. 2014)

Usando essa premissa, alguns temas serviram de instrumento para aglutinar iguais, pessoas que atuavam na mesma direção, com o mesmo intuito, e com isso, conseguiam ampliar a força de propagação de ideias nas redes, com impactos nas ruas. Todavia, isso não poderia acontecer de forma espontânea, pautas centrais atraíam multidões para aqueles determinados centros, e esses redirecionavam, apontavam um caminho, um norte de atuação dos próprios pontos de aglutinação.

A página MCC é um exemplo disso, de como um núcleo pode atuar para aproximar iguais, fazendo estes ganharem um peso maior em cima de suas posições, atuando sobre o divergente. É evidente que Lula foi o grande alvo, esse processo de destruição sem alicerçar algo poderia deixar sequelas incontroláveis, emergindo a necessidade constante da construção de símbolos.

Diante disso percebemos a importância de Janaína, Barbosa e, sobretudo, Sérgio Moro no processo que é filho de junho/2013. Essa ação tem efeitos decisivos e permanentes para o *impeachment*.

As informações coletadas nos mostram que a ampla maioria do conteúdo compartilhado nas redes, em especial no MCC, tem um direcionamento negativo contra alvos bem específicos. Movimentos sociais, sindicatos, PT, Lula e Dilma concentram o maior número de postagens.

Porém, mesmo que o volume de conteúdo produzido tenha um direcionamento desconstrutivo, os símbolos positivos conseguem maior engajamento, atraem mais público, chegando a internautas que estão além daqueles alvos já trabalhados.

Percebemos isso quando recortamos os principais núcleos ordenados pela quantidade de imagens em cada álbum. Ou seja, quais foram aqueles que receberam mais atenção do movimento virtual, de forma negativa ou positiva, observando o lapso temporal de atuação.

Posição	Quantidade de fotos	Ordem de ativação <sup>157</sup>	Nome	Maior engajamento de uma foto	Data da foto de maior engajamento	Dias de duração do álbum	Positivo e/ou negativo
1º	761	87	Lula	131.118	22/10/2016	294	Negativo
2º	581	25	Destaques	104.571	04/03/2016	38	Ambos
3º	538	93	Proposta, PEC, projetos de lei	487.624	31/03/2016	362	Ambos
4º	506	42	PT	93.303	12/05/2016	94	Negativo
5º	431	77	PT/2ª galeria	119.245	02/10/2016	313	Negativo
6º	423	94	Sérgio Moro	1.908.672	18/04/2016	370	Positivo
7º	344	95	Dilma	102.357	09/06/2016	295	Negativo
8º	309	71	STF	89.149	05/04/2016	92	Ambos*
9º	253	58	Governo Michel Temer	129.360	17/05/2016	186	Ambos**
10º	218	85	Militantes, sindicatos e MST	210.311	11/05/2016	347	Negativo

**Tabela 6:** álbuns da página MCC ordenados pela quantidade de imagens postadas. (\*) com predominância negativa. (\*\*) com predominância positiva. Dados coletados, sistematizados e ordenados entre janeiro e março de 2017 pelo autor.

<sup>157</sup> Quanto mais próxima a cem, mais ativo nos últimos meses. Ordenado de forma crescente.

Como já colocado anteriormente, Lula é o grande alvo, seja quando analisamos por álbuns, seja na ocasião em que monitoramos outras pautas e telas. De forma disparada é o núcleo com mais postagens, superando inclusive Sérgio Moro. O conteúdo publicado relacionado ao ex-presidente é de forma homogeneia extremamente negativo. De maneira geral, o relaciona à prisão, crimes e problemas que o país enfrenta.

Mudando a óptica, mesmo com uma enxurrada de conteúdo, o seu engajamento fica aquém de outros temas. Nesse sentido, a foto com mais adesão dessa pasta chega a 131 mil “interações” (22/10/2016). O número parece expressivo, mas, quando comparamos a outros centros de atuação, percebemos como esse seria um teto desconstrutivo, mesmo com o maior alvo em jogo.

Seguindo esse recorte, os álbuns seguintes com maiores números de postagens são de temática ampla. A pasta “Destaques” concentrou a ação do MCC no momento inicial do seu ressurgimento, esse núcleo é composto de um campo vasto de conteúdo, sendo ampla as suas possibilidades de atividades.

É perceptível que nesse momento, os proprietários ainda não tinham uma estratégia clara, mas presavam por colocar em evidência os materiais produzidos e assuntos gerais do seu interesse. Mesmo marcado por uma curta duração, 38 dias, uma das imagens “destacadas” consegue o patamar superior a cem mil “interações”, algo conquistado no dia 04 de março de 2016.

Com 538 imagens postadas, o álbum “Propostas, Pecs e projetos de lei” é o mais longevo do Movimento Contra a Corrupção individualmente, com posição bastante ativa, 93. Lembrando que quanto mais próximo a 100 (cem), mais postagens recentes tem a pasta. Dentro dessa seara, no dia 31 de março de 2016, a imagem do ex-deputado Clodovil<sup>158</sup>, que protocolou enquanto parlamentar a PEC 280/08 propondo a redução do número de deputados, consegue atingir quase meio milhão de atenções.

Com 506 e 431 telas, os dois álbuns sobre o PT ocupam as posições seguintes, ao todo, são quase mil postagens, algo que se estende por um período de 400 dias. Nenhuma

---

<sup>158</sup> A trajetória do deputado Clodovil Hernandes (PR-SP) começou longe de Brasília. Nasceu em 17 de junho de 1937 no município de Elisiário (402 km de São Paulo), na região de São José do Rio Preto (SP). Clodovil tornou-se conhecido, na década de 1960, como estilista de alta costura, rivalizando com Dener Pamplona de Abreu (1936-1978) a atenção para a primeira geração de importantes estilistas brasileiros. Disponível em: <[https://noticias.uol.com.br/especiais/reportagens/2009/03/17/morre\\_clodovil.jhtm](https://noticias.uol.com.br/especiais/reportagens/2009/03/17/morre_clodovil.jhtm)> Acesso em: 23/05/2017

outra abordagem chega próximo a esses números. Quando fazemos uma comparação com os núcleos destinados a outros partidos, as disparidades são ainda maiores.

A outra sigla partidária que também ocupa um certo espaço, ainda que sem maior força, é o PMDB, com 148 ilustrações no seu álbum. A Rede com 30, o PSDB 12, PSOL 12, e DEM com 3 quadros, completam a lista de agremiações pautadas pelo MCC.

Perceba o contraste entre o Partido dos Trabalhadores e as demais instituições partidárias. É uma avalanche de informações negativas sobre uma única sigla, as outras, com exceção do PMDB, ocupam posição insignificante.

Todavia, mesmo com essa forte atuação rotineira, cotidiana, o engajamento do principal núcleo partidário trabalhado fica limitado ao teto desconstrutivo que já destacamos, algo perto 120 mil interações. Ou seja, mesmo acontecendo de maneira ostensiva, compreendemos que a desconstrução atinge um certo limite, seja ela focado em algo partidário, institucional, ou até mesmo em personagens como Lula e Dilma.

A sexta pasta com maior número de quadros é a denominado de “Sérgio Moro”. São aproximadamente de 423 telas, todas, sem exceção, tratando o magistrado de forma positiva, desenhando o juiz federal como um símbolo de combate à corrupção, que devido a sua coragem precisa do apoio popular.

Em termos de ativação, esse núcleo é um dos mais destacados, são 370 dias de atuação, ou seja, conseguem superar um ano de vida na rede, sempre ocupando o papel principal, já que é um dos mais atuais em movimentação, 94.

O álbum sobre Moro, em termos de sobrevida em lapsos temporais, só fica atrás do núcleo sobre a Mídia e Fotos de Perfil, que remetem à primeira fase da página, e do álbum “Bolivarianismo, Socialismo, Comunismo”, que começa sua atuação em janeiro de 2016, se estendendo até os dias atuais.

Ou seja, o magistrado é um dos personagens indispensáveis nos mais variados aspectos e isso é refletido em ativações. A imagem com maior peso na rede figura justamente nesse ponto, são quase 2 milhões (1.908.672) de curtidas, comentários e compartilhamentos na foto que traz seu rosto, postada em 18 de abril/16, a maior do nó.

Não há dúvida, se fosse para definir faces, Moro e Lula estariam presentes, seriam duas facetas da mesma moeda, uma negativa e outra positiva. Porém, a construção conseguiu

estabelecer uma atração maior dentro da rede, mesmo não sabendo dimensionar os efeitos da desconstrução.

Corroborando com essa análise, vem o álbum da presidenta Dilma. São 344 imagens, durante 295 dias, ou seja, a temporalidade coincide com a atuação contra o ex-presidente Lula. Mesmo assim, sua maior ativação, fica na casa dos 100 mil, algo que ocorreu no dia 09 de junho/16.

O peso desse ponto recai no conteúdo e nas estratégias de atuação que serão melhor analisadas em seguida. Estamos falando da então presidenta, que em termo quantitativos, não ocupa o foco principal, mas, com um olhar qualitativo, podemos perceber a importância de discursos legitimados e naturalizados contra a mulher, a mãe, a avó e a política.

O STF e o governo Temer também delineiam os principais traços do MCC, com uma peculiaridade, existe uma dupla posição, são exaltados aspectos negativos e positivos dessas temáticas, de acordo com o momento e os acontecimentos que são posicionados na relação com os ex-presidentes petistas.

Quanto ao STF os principais alvos são os ministros Dias Toffoli, Ricardo Lewandowski e Teori Zavascki, os três magistrados tem constantemente sua imagem relacionada ao PT, sendo o último criticado por sua postura como relator da Lava Jato.

Além desses elementos, as críticas a Teori consistiam em comparações tomando como base a atuação de Moro, ambos atuando em instâncias diferentes na mesma operação, todavia, com métodos diversos. Os pontos positivos atrelados à Suprema Corte foi o julgamento do mensalão e, por alguns momentos, Gilmar Mendes.

Em 17 de janeiro de 2017, o relator no STF da “maior operação” do Brasil morre em acidente aéreo<sup>159</sup>. Nesse momento, os ataques são cessados, surgindo uma especulação se, de fato, havia acontecido um acidente.

Paralelo a isso, o governo Temer é pauta, sempre apoiado em medidas que vão de encontro aos governos populares e progressistas, e criticado quando há qualquer recuo. Um dos pontos altos é o processo que envolve o Ministério da Cultura<sup>160</sup>, extinto no início do governo pós *impeachment*, mas recriado depois de pressão da classe artística.

---

<sup>159</sup> Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38685700>> Acesso em: 24/05/2017

<sup>160</sup> Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,apos-polemicas--temer-decide-recriar-o-ministerio-da-cultura,10000052671>> Acesso em: 24/05/2017

Uma semana depois da admissão do impeachment de Dilma Rousseff no Senado e de sua substituição por Michel Temer como chefe do Executivo brasileiro, a resistência ao Governo interino já ganhou corpo – e na área da Cultura. O setor, o primeiro a sentir o golpe do machado que Temer empunha para controlar gastos públicos, é tradicionalmente visto no país como enfraquecido diante de outros melhor articulados, mas demonstrou engajamento suficiente para criar uma resistência que pretende nublar o panorama dos que acabam de chegar ao poder. Com isso, o país viveu nesta terça-feira, 17 de maio, uma jornada de protestos e ocupações promovidos pelo meio cultural em várias cidades do país – e inclusive no exterior. (MORAES, 2016, p. 2)

Outro ponto relacionado ao governo presidencial do PMDB, que teve atuação do MCC, foram as críticas ao perfil ministerial do novo governo. Naquele momento, setores da sociedade se posicionaram contra a ausência de negros e mulheres no primeiro escalão da gestão Temer.

Michel Temer busca urgentemente uma mulher para ocupar a chefia da secretaria nacional da Cultura – pasta antes independente e que agora, com os cortes ministeriais do novo Governo, passará a operar dentro do Ministério da Educação. Desde que anunciou seu gabinete, na última quinta-feira, o presidente interino vem enfrentando fortes críticas à nomeação dos novos ministros, uma vez que entre eles não há mulheres. É a primeira vez que isso acontece no Brasil desde o governo desde o mandato do ditador Ernesto Geisel (1974-1979). (MORAES, 2016b, p.1)

O MCC sai em defesa das ações conservadoras do presidente interino, refletindo algo difuso, que já vinha sendo construído ao longo do percurso constitutivo do núcleo. A defesa de pautas liberais em âmbito econômico se sobrepõe a qualquer ação que leve em consideração elementos sociais ou culturais.

É perceptível também que a figura do presidente é exaltada como contraponto aos seus antecessores. Quando ocorre algum tipo de crítica ao presidente filiado ao PMDB, esta acontece relacionada ao contexto do seu partido, ou vinculada ao seu governo, ocorrendo uma proteção da figura pessoal do “comandante da nação”.

De forma exclusivamente negativa só existem os álbuns que circunda personagens com algum tipo relação política com o ex-presidente Lula e a então mandatária Dilma, a



exemplo de Waldir Maranhão (álbum 40), que tentou anular a votação do *impeachment* na Câmara dos Deputados.

Mais do que pessoas, é perceptível que a página em análise traz representantes de pautas, sejam elas econômicas ou sociais, positivas ou negativas, o alvo depende do norte apontado. Não só isso, necessita dos eventos, do momento, do impacto da mídia, das disputas por narrativas.



**Figura 9:** Imagens postadas no álbum “Governo Michel Temer”. Imagem 1, postada em 15/05/16, 3.656 engajamentos. Imagem 2, 16/05/16, 2.028 engajamentos. Imagem 3, 16/05/2016, 10.612. Imagem 4, 17/05/2016, 1.931. Imagem 5, 16/05/16, 2.000. Dados coletados, sistematizados e ordenados entre janeiro e março de 2017 pelo autor da dissertação.



A defesa temática do governo e do “Estado Neoliberal” é algo explicado pelo surgimento e aglutinação histórica dos seguidores, desde 2013, como já abordado. Temer representa, nesse momento, a retomada do poder para os seus verdadeiros donos, colocando em evidência pautas liberais em âmbito econômico e conservadoras no aspecto social.

Um homem culto, branco e pai de família representa “as vozes das ruas” que estavam órfãs de referências na política. Todavia, temos que observar que essa representação é algo efêmero, inconstante, fluído, assim como os diversos outros pontos de convergência, que estão além do campo político.

Por fim, entre os dez álbuns mais ativos na página MCC, encontramos o “Militantes, sindicatos e MST” que corrobora com a narrativa traçada em junho 2013, ou seja, a criminalização dos movimentos sociais organizados.

CUT, MST, UNE são comumente chamados de “marginais”, “vândalos” e “vagabundos”, além de serem associados, constantemente, aos personagens políticos do Partido dos Trabalhadores. Assim, eles não representam a legítima sociedade brasileira, estão dentro da marginalização que envolve a política como um todo, mas com a potencialização de alvos bem específicos.

Nessa linha, são 347 dias de atuação, com 218 fotos, chegando a atingir um engajamento de 210 mil interações em 11/05/2016. Diante desse quadro, qualquer movimento mobilizado por esses canais, automaticamente, passa por um processo de destruição virtual.

Superada essa análise temática, consideramos outra variável analítica fundamental, o momento da postagem e o contexto de atuação para repercussão e aglutinação de forças dentro da rede.

Dessa forma, quando algo é postado, na maioria das vezes, o tema contido nesta imagem é fruto de eventos midiáticos, acontecimentos, coberturas jornalísticas, performances de personagens, entre outros elementos, alicerçando um maior envolvimento na publicação, atrelado ao crescimento do nó.

À medida que avançamos na coleta dos dados, percebemos isso e direcionamos uma abordagem levando em consideração essas duas variáveis, a data da foto de maior engajamento de cada álbum e seu respectivo número de interações.

Quando cruzamos, percebemos que três fotos distorciam os dados, o que acabou forçando a exclusão das mesmas para um melhor enquadramento e comparações reais entre os diversos pontos. A primeira delas pertence à pasta 60, referente ao mês de novembro/16, com as fotos de Sérgio Moro e Dallagnol<sup>161</sup>. Essa postagem, publicada em 30/11/2016 atingiu 646.638 interações.

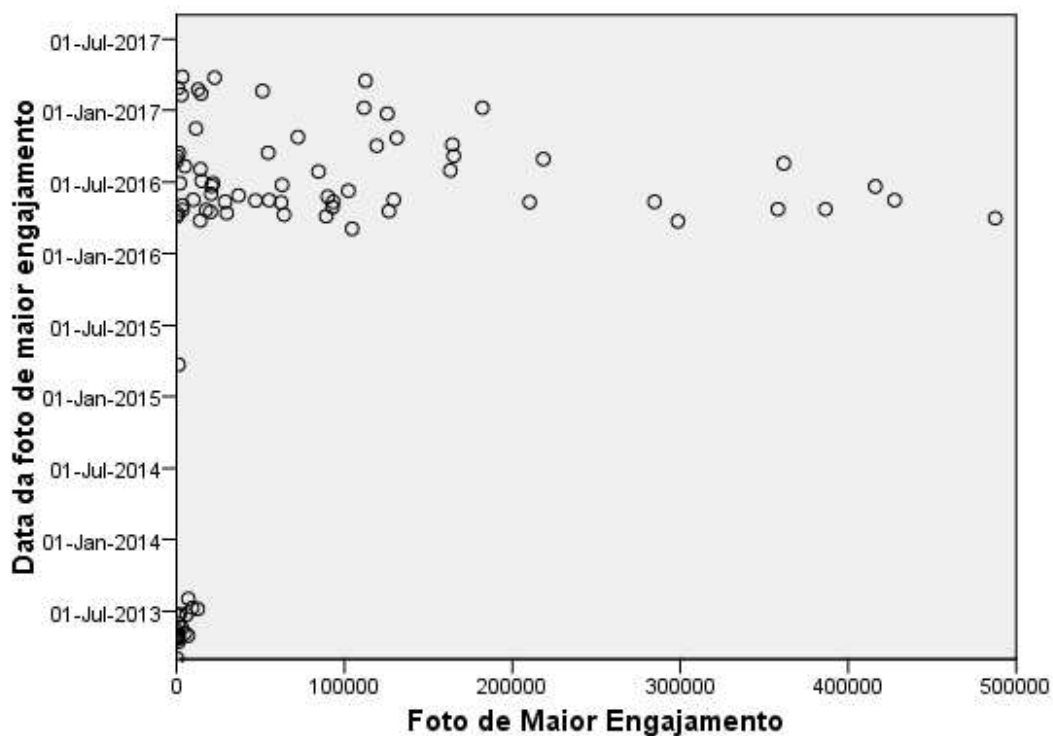
A outra seria no álbum “Propostas e Debates”, 66, aqui, a tela contém os ex-presidentes, postada em 24/08/2016, e transmitia a mensagem de necessidade da queda dos seus privilégios, chegou a atingir 1.078.639 engajamentos.

Por fim, entre essas três que superaram o patamar de 500 mil participações, está aquele com maior repercussão na página. Mostrando o rosto de Moro e solicitando apoio e compartilhamento, a publicação no núcleo do magistrado (álbum 94) atingiu quase 2 milhões de ativações.

Dessa forma, excluindo essas, conseguimos traçar um paralelo melhor entre as datas das postagens e o patamar de interação atingindo na publicação. O que evidencia que relação entre contexto, momento, eventos, crescimento da página e conteúdo é determinante para repercussão na rede.

---

<sup>161</sup> Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/politica/noticia/2016/09/religioso-surfista-e-chefe-da-lava-jato-quem-e-deltan-dallagnol-7484296.html>> Acesso em: 25/05/2017



**Figura 10:** a relação entre a data de postagem e o número de engajamentos atingidos nas fotos com maior interação em cada álbum. Dados coletados, sistematizados e ordenados entre janeiro e março de 2017 pelo autor da dissertação.

Como já colocado, a página pode ser dividida em dois momentos. O que circunda os movimentos de junho/2013, e o seu ressurgimento entre o final de 2015 e início de 2016.

No primeiro instante, percebemos um baixíssimo envolvimento de internautas, mesmo com as manifestações tomando conta do noticiário, entendemos que o núcleo não estava preparado em número de seguidores. Os métodos ainda não estavam definidos, muito menos o público alvo para atuar.

Com o ressurgimento, algo destacado acima, percebemos uma maior repercussão de suas publicações no período que vai de maio de 2016 a julho do mesmo ano. Ou seja, no auge dos acontecimentos do *impeachment*. As fotos com maior engajamento não estão no canto superior direito da figura 10, posicionando-se um pouco abaixo, sendo relacionado diretamente aos meses citados, dentro do contexto abordado.

Em seguida, podemos analisar uma pequena queda no número de interações das fotos de maior destaque em cada álbum. À medida que nos aproximamos dos primeiros meses do

ano de 2017, existe uma regressão de “grandes envolvimento”, mesmo com o constante crescimento do número de seguidores do núcleo.

Esses elementos referendam uma discussão já lançada, os mundos *on* e *off* não estão isolados, não devem ser compartimentados. Existe uma relação bilateral, de mão dupla. Por isso, entendemos, desde o princípio, a internet como artefato cultural. Outros meios de comunicação, conteúdos produzidos em sítios tradicionais e grandes eventos da operação anticorrupção contribuíram para a potencialização de interatividade.

Ou seja, assim quando algo é notícia, ocorrendo a circulação de informação no trabalho, na cidade ou em outros ambientes, as pessoas exprimem e ficam confortáveis para expor o seu ponto de vista. Dessa forma também acontece com a internet, este sendo “apenas” mais uma forma de aglutinação.

O que é compartilhado por perfis em redes sociais, além do caráter pessoal, deve ser levado em consideração dentro de uma estrutura maior, que envolve narrativas, concepções, disputas pela opinião pública e seus efeitos, além do forte impacto dos eventos midiáticos.

Invertendo o caminho, alguns elementos podem surgir na rede e ganhar as ruas, serem potencializados de outras formas além do mundo *on-line*, não havendo uma desconexão, ocorrendo uma correlação bastante próxima.



**Figura 11:** Busca pelo termo impeachment no Google. Fonte: Google Trends.<sup>162</sup>

Conforme observado, existe uma congruência, núcleos temporais de impacto. Ou seja, o momento contribui para relacionar aspectos fora da internet com a própria. O interesse

<sup>162</sup> Disponível em: Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/politica/2016/processo-de-impeachment-de-dilma/da-eleicao-ao-impeachment/>> Acesso em: 25/05/2017

de ampla parcela da população por determinado tema é momentâneo, específico, relacionado a acontecimentos.

A procura do termo *impeachment* no *site* de pesquisa *Google* coincide com eventos que coloram o tema em evidência, de acordo com a figura acima. Isso corrobora com o que colocamos acima sobre o engajamento na página MCC. Além do aprimoramento do método de comunicação, com a exposição de figuras políticas, os pilares de repercussão coincidem com o lapso temporal de atuação fora do mundo *online*.

Diante desse quadro, traçamos eixos conclusivos. O conteúdo publicado, o momento dessa publicação e sua consequente interação estão intimamente correlacionados. Esses lastros devem convergir para uma maior repercussão na rede.

Assim, o “*time*” é estabelecido por ações que colocam em evidência determinados temas, personagens ou instituições. O isolamento, em qualquer âmbito, não combina com as conexões do mundo atual.

### **3.3 – A grande batalha conservadora, uma presidenta no caminho**

O céu iluminado com fogos de artifícios marcava a chegada de 2017 em todo Brasil. Todavia, na cidade de Campinas, localizada no estado de São Paulo, as marcas de um novo ano eram fincadas muito além do horizonte resplandecente.

O técnico em laboratório Sidnei Ramis de Araújo, de 46 anos, invadiu o ambiente onde estavam sua ex-mulher, seus filhos e os respectivos familiares, assassinando 12 pessoas, em sua maioria, mulheres.

As investigações concluíram que essas mortes estavam vinculadas a motivos que vão muito além de problemas familiares. O assassino suicida deixou um vasto material que apontou os caminhos que o país já vinha percorrendo, ou seja, estamos diante de mais um caso sexista, com forte conteúdo misógino.

“A justiça brasileira é igual ao Lewandowski<sup>163</sup> (um marginal que limpou a bunda com a constituição no dia que tirou outra vadia do poder) um lixo”, exclamava em folhas de

---

<sup>163</sup> Ricardo Lewandowski, então presidente do STF, que conduziu o julgamento de Dilma Rousseff no senado.

papel o autor dos crimes. Além disso, a lei Maria da Penha<sup>164</sup> é nomeada em carta deixado pelo homicida como “Vadia da Penha”, que junto com a Lei do Femicídio<sup>165</sup>, são tentativas de combate à violência contra as mulheres no Brasil.

Para a promotora do caso, Gabriela Manssur, existe uma relação explícita do caso com os ataques sofridos pela então presidenta Dilma Rousseff em seu processo de impedimento, algo que vai muito além de posicionamentos políticos.

A internet é um espaço público e, como todo espaço público, reflete comportamentos e crenças da vida privada. É muito representativo que as cartas dele tragam elementos de discurso de ódio das redes sociais. (...) Independentemente da minha opinião política, essas eram ofensas (ataques durante o impeachment) direcionadas às mulheres e não à presidenta. Esse tipo de comportamento é simbólico das redes, não por acaso, a maior parte dos casos de injúria que atendo começa com xingamentos semelhantes na internet. (OLIVEIRA, 2017, p.3)

O caso de Campinas expõe uma ferida da sociedade, que ganha conotação especial pelo momento que atravessamos no Brasil. Esses casos, que durante muito tempo foram naturalizados, dentro de um aprendizado de convivência com determinadas práticas, ganharam novas conotações com o mundo virtual.

As reações à notícia das motivações do crime coadunam com o sexismo constitutivo de parcela significativa de nossa sociedade. Nos comentários da reportagem, pessoas anônimas, tentavam justificar a ação de assassinato. “Li toda carta do assassino. A grande culpada é essa ex-mulher que tirou a guarda do filho. Devia ser uma capeta. Essas mulheres adoram dar uma de vítimas e saírem por cima. Maldito feminismo”.<sup>166</sup>

<sup>164</sup> Lei Maria da Penha é o nome dado a uma legislação brasileira que garante a proteção das mulheres contra qualquer tipo de violência doméstica, seja física, psicológica, patrimonial ou moral. A lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, alterou o Código Penal brasileiro, fazendo com que os agressores sejam presos em flagrante ou que tenham a prisão preventiva decretada, caso cometam qualquer ato de violência doméstica pré-estabelecido pela lei. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/maria-da-penha/>> Acesso em: 26/05/2017

<sup>165</sup> Femicídio significa a perseguição e morte intencional de pessoas do sexo feminino, classificado como um crime hediondo no Brasil. O femicídio se configura quando é comprovada as causas do assassinato, devendo este ser exclusivamente por questões de gênero, ou seja, quando uma mulher é morta simplesmente por ser mulher. Alguns estudiosos do tema alegam que o termo femicídio se originou a partir da expressão "generocídio", que significa o assassinato massivo de um determinado tipo de gênero sexual. De modo geral, o femicídio pode ser considerado uma forma extrema de misoginia, ou seja, ódio e repulsa às mulheres ou contra tudo o que seja ligado ao feminino. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/femicidio/>> Acesso em: 26/05/2017

<sup>166</sup> Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/02/politica/1483367977\\_559818.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/02/politica/1483367977_559818.html)> Acesso em: 22/03/2017

Partimos de um exemplo, de um ponto específico, para traçar um paralelo, um caminho. Com o decurso das jornadas de junho/2013, é perceptível o processo de aprimoramento do uso das redes sociais no debate político, o que colocou em evidência, ainda mais, elementos misóginos já presentes em nosso cotidiano.

Diminuir ou excluir essa faceta é ignorar algo que ficou as claras, visível. Os fatos aconteceram e acontecem no nosso dia-a-dia, mas, ao serem relacionados à ocupação do cargo mais importante do país, ficaram, cada vez mais, explícitos.

Diante disso, a misoginia aqui é compreendida como práticas ou discursos que tentam desqualificar de maneira violenta a mulher, estabelecendo uma relação de desprezo e até ódio ao feminino. Devem ser observados os fatos que contribuíram para estabelecer um estágio violento do sexismo, como reação aos espaços e ações, “tradicionalmente”, encarados como algo pertencente ao masculino.

A (misoginia) é um aspecto central do preconceito sexista e ideológico, e, como tal, é uma base importante para opressão de mulheres em sociedades dominadas pelo homem. A misoginia é manifesta em várias formas diferentes, de piadas, pornografia e violência ao autodesprezo que as mulheres são ensinadas a sentir pelos seus corpos. (JOHNSON, 200, p. 316)

O dia 08 de março de 2017, deve ser encarado como uma etapa fundamental desse processo. Em pronunciamento, o já presidente Michel Temer, acompanhado por sua esposa Marcela Temer, destacou o papel da mulher na vida econômica de uma família, consequentemente da sociedade.

A visão do mandatário dialoga diretamente com o público que tomou as ruas desde março de 2015, com pautas morais, em defesa da família, atreladas a um caráter nacionalista, buscando a retomada de uma sociedade, que, segundo eles, acabou. Um novo conservadorismo ocupa os espaços públicos, sedimentando o debate político.

Os personagens que estavam nas ruas em eventos esporádicos, transmitiam nas redes, cotidianamente, essa forma de pensar atrelada à defesa da saída de uma mulher do espaço que ocupava, a presidência. As performances de ódio em gestos e cartazes tomavam o país alimentando com frases de efeito o ciberespaço. Essas ações simbólicas vão ganhando aderência e efeitos, rompendo qualquer fronteira entre os mundos *on* e *off-line*.

Todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emití-los, mas é preciso só porque todo o grupo os entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica (MAUSS, 1979, p. 153).

Além dos diversos aspectos já tratados em momentos anteriores (2013 e sua relação com 2016; a desconstrução de Lula), o caráter sexista foi um dos instrumentos que alavancou a deslegitimação de Dilma, contribuindo, servindo como ingrediente mobilizador dos indignados.

Tenho absoluta convicção, até por formação familiar e por estar ao lado da Marcela [Temer], do quanto a mulher faz pela casa, pelo lar. Do que faz pelos filhos. E, se a sociedade de alguma maneira vai bem e os filhos crescem, é porque tiveram uma adequada formação em suas casas e, seguramente, isso quem faz não é o homem, é a mulher. (TEMER apud MARREIRO, 2017, p. 2)<sup>167</sup>

Dessa forma, Temer não falou no vácuo, sem ouvintes, sem plateia. O presidente sabe o público que o conduziu ao poder central, percebe que é necessário estabelecer um diálogo direto com eles.

Ou seja, a existência desse tipo de discurso é reflexo do universo machista da nossa sociedade, existindo uma ponte, uma conexão, entre a arena política e setores expressivos do nosso corpo social.

Temer pode ser cínico, mas não tem amnésia. Ele sabe muito bem onde as mulheres podem chegar. Ele está onde está porque ajudou na articulação que depôs a primeira mulher eleita presidenta do Brasil. E, sem desconsiderar os erros de Dilma Rousseff, embrulha o estômago o regozijo machista que acompanhou sua queda. Todos sabemos, mas não custa repetir, que um dos primeiros atos ao chegar na presidência foi nomear um gabinete exclusivamente masculino. Em outra atitude simbólica, o Governo ordenou a volta do termo presidente, em vez do também dicionarizado presidenta, nos veículos oficiais. A mensagem é:

---

<sup>167</sup> Integra do discurso disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/estudio-i/videos/v/discurso-de-michel-temer-no-dia-internacional-da-mulher-repercute-nas-redes-sociais/5712001/>> Acesso em: 26/05/2017



acabou a brincadeira, voltem para os papéis que lhe designamos. Não toleraremos mais nem um “a”.  
(MARREIRO, 2017, p.2)

A análise da fala do presidente não deve ser diagnosticada de forma desconexa, isolada. Devemos retomar alguns acontecimentos que refletem esse processo, e determinam a legitimidade das falas entoadas por ele.

Nos canais de ataque a Dilma estavam perceptíveis a repugnância ao que ela representava. Além de ser mulher, sua performance não se enquadrava aos padrões socialmente desejáveis, dentro de um mundo colocado em evidência para política no Brasil recente, predominado pelo moralmente abstrato.

A ex-presidenta em nenhum momento personificou a imagem de mãe, dona de casa, ou mulher que cumpria o papel familiar, apesar das tentativas em aparições públicas com a filha e os netos. A ausência de um marido deixava um vácuo em seu papel de mulher perante a sociedade.

Um ano antes desta cena com o presidente e sua esposa Marcela Temer, em 08 de março de 2015, Dilma Rousseff fez um pronunciamento em cadeia nacional de rádio e televisão, especialmente dedicado às mulheres. Nesse episódio ganharam destaque os famosos painéis, ou seja, centenas de pessoas, em sua maioria, em áreas nobres de diversas cidades brasileiras, ocupavam varandas e janelas batendo em painéis enquanto ela discursava.

Acompanhando ao barulho, emitidos como formas de manifestação, estavam termos como “vaca”, “vadia”, “vagabunda” e “sapatão”. A violência simbólica é explícita, há uma desconstrução, desqualificação enquanto mulher, que antecede às questões políticas. Há uma ocupação de um lugar indevido, que passa por diversos tipos de questionamentos.

A sexualidade de Dilma também foi algo trabalhado pela página MCC. Em diversas postagens, por vários momentos, em especial no álbum (95) da presidenta no núcleo, foi colocado em evidência o tema, em detrimento de outros conteúdos político-administrativo.

Os ativistas virtuais anticorrupção focaram em realçar a então presidenta como um ser abjeto sexualmente, como “algo” que não se enquadraria nos padrões de feminilidade impostos socialmente, principalmente, para aquelas que devem ocupar o centro gravitacional da política.



**Figura 12:** imagens postadas no álbum Dilma Rousseff (95). Imagem 1, álbum 95, nomeado de Dilma, postado em 10/06/2016, 378 engajamentos; imagem 2, 95, Dilma, 11/06/16, 556; imagem 3, 95, Dilma, 22/08/16, 680; imagem 4, 95, Dilma, 29/08/16, 1766. Dados coletados, sistematizados e ordenados entre janeiro e março de 2017 pelo autor da dissertação.

Fica evidente o conteúdo sexista e misógino das críticas. Nas duas primeiras imagens, Dilma é rejeitada sexualmente pelo masculino, é ditada como algo indesejável, performaticamente à margem dos tipos ideais estabelecidos para um ser feminino. Estes corpos devem se relacionar, necessariamente, com o macho reprodutor, dentro de um padrão como mecanismo de atração do homem.

Assim, a mulher deve, imprescindivelmente, ter seu corpo, jeito, gestos e performances dentro da margem que agrade e esteja à serviço deles, isso acontece dentro de um arquétipo estabelecido socialmente. Na padronização das relações binárias, constitui-se os caminhos para formação da “família tradicional”, servindo de referência moral.

No segundo momento das imagens (3 e 4, figura 12) o caráter sexual ganha conotações preponderantes, ou seja, coaduna com o “puta”, “vaca” e “vadia” exalado das varandas em manifestações contrárias ao então governo. Nesse cenário, as questões sexuais antecedem qualquer outro juízo de valor político.

Para Xico Sá, não importava o papel sexual que Dilma era enquadrada nos painéis, o fundamental era o apedrejamento enquanto mulher se sobrepõe a qualquer outro tipo de julgamento.

“Mal-comida, sapatão, jaburu, baranga, teu problema é sexo, porra”, vai no embalo o vizinho do andar de baixo, pança de chope, bronze, cabelos brancos e sunga. No que entra no civiliadíssimo festival de insultos de Copacabana, o brotinho lá das alturas do mesmo edifício: “Mermão, decidam essa palhaçada aí, coroas: ou é vadia ou é mal comida, assim não dá, seus panacas reações...”. (SÁ, 2016, p.1)

Assim, fica evidente que “ser homem” ou “ser mulher” são categorias construídas socialmente, quase sempre levando em consideração tipos ideais, baseado em expectativa do que é ser masculino e feminino em determinada coletividade. Diante disso, essas estruturas instrumentalizadas pelo gênero são, frequentemente, utilizadas dentro do universo político para construção e desconstrução de imagens públicas. (GOMES, 2004)

Recorrendo mais uma vez a Foucault (1996), é notável sua implantação da ponte entre as relações de poder com algo que produz subjetividades, e aqui estão incluídas as mulheres. Para ele, a sexualidade e a política ganham destaque na produção do conhecimento. Assim, ocorre, em plena modernidade, o estabelecimento de termos como o sexo, que “forçadamente” o interpretamos como algo natural.

O século XVIII incitou um enfoque obsessivo na sexualidade, produzindo toda uma rede de saberes em torno do corpo da mulher e de sua função na sociedade. Várias áreas da experiência corporal feminina tornaram-se progressivamente sujeitas ao constante escrutínio de técnicas médicas, processo catapultador de significados em rede. Faz parte dessa profusão de sentidos em formação a construção da mulher como grupo homogêneo cujos membros compartilham, entre

muitas características, a histeria, o descontrole emocional, o comportamento obsessivo, a fragilidade corporal e mental e a infantilidade. (FABRÍCIO, 2004, p. 3-4)

Essa estabilização de identidades, produzindo uma divisão rígida entre o masculino/feminino é uma estratégia consolidada, trabalhada nas diversas searas, inclusive na mídia, que ganhou uma conotação peculiar no processo em análise.

De forma paralela, os movimentos aqui analisados, setores da imprensa, alguns perfis em redes sociais e personagens representam de maneira simbólica o ideal de mulher que deve participar do jogo político brasileiro. Marcela Temer começa a ganhar destaque como a figura familiar que representaria a retomada do Brasil pelas “pessoas de bem”.

Em artigo publicado em abril de 2016, a revista *Veja* traz a atual primeira dama, como “Bela, recatada e do lar”.

Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele) (..) Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”, conta a estilista Martha Medeiros. (LINHARES, 2016, p.1)

A repercussão nas redes sociais foi instantânea. Um turbilhão de críticas, comparações e elogios à figura da futura primeira-dama ocupou a internet. Os recentes apoiadores de Temer justificavam o discurso, os defensores da presidenta o criticavam.

A disputa por narrativas era algo peremptório, estavam em jogo “os valores” da sociedade representados por formas de ser mulher, formatos de famílias, entre outras tradições que Dilma havia rompido.

Nesse jogo de cenas também participa a personagem Janaína Paschoal, uma mulher que ganha representatividade no tabuleiro ao assinar o pedido de *impeachment* protocolado na Câmara dos Deputados e aceito por Eduardo Cunha.

A jurista, além de diversas outras postagens, ganha um álbum exclusivo no MCC – Movimento Contra a Corrupção. Com 142 imagens, iniciadas em 29 de abril de 2016, e com



a mais recente em 15 de março de 2017, Janaína ocupou patamares intermediários<sup>168</sup> de engajamentos, com maior destaque às 92 mil interações atingidas em 16/05/16.



**Figura 12:** Imagens postadas no álbum de Janaína Paschoal. Imagem 1, álbum 81, Janaína Paschoal, postado em 29/04/2016, 35.284 engajamentos; imagem 2, 81, Janaína, 13/05/16, 48.886; imagem 3, 81, Janaína, 30/08/16; imagem 4, 81, Janaína, 30/08/16, 1.148. Dados coletados, sistematizados e ordenados entre janeiro e março de 2017 pelo autor da dissertação.

<sup>168</sup> Intermediário quando comparamos aos engajamentos atingidos por Sérgio Moro, que chegou ao patamar de quase 2 milhões de interações.

O primeiro aspecto de análise são os níveis de envolvimento. Percebe-se que as duas primeiras imagens publicadas entre abril e maio de 2016, recebem uma interação muito superior às demais postagens. As outras duas acontecem em agosto do mesmo ano, mas com momento político diverso.

No primeiro semestre de 2016, as mobilizações de rua atingem seu ápice, a mídia faz uma cobertura constante e a figura de Janaína fica em evidência. Como já colocamos, a interação dos mundos “*online*” e “*off-line*” é decisiva para o impacto na rede.

Quando chegamos ao segundo semestre, mesmo esperando o julgamento no Senado, já havia um clima que era inevitável o impedimento, sendo mais decisiva a desconstrução de figuras políticas ligadas aos governos petistas, dentro da disputa de discursos perante à população. Haveria um golpe em curso?

O debate ao redor da ofensiva contra a presidenta Dilma Rousseff tem a ver com a questão bastante teórica de saber se estamos testemunhando uma tentativa de golpe de Estado ou se são os pecados da líder brasileira que justificam o procedimento legal para mandá-la para casa. Ela é acusada de “crimes de responsabilidade”, que consiste em ter maquiado as contas para absorver o déficit e se apresentar para a reeleição com melhores perspectivas. A legislação brasileira é suficientemente sutil para fazer com que muitas coisas sejam legais, e que isso seja “crime de responsabilidade” é apenas uma questão de interesse, assim como a contabilidade “criativa” está longe de ser incomum, mesmo no Primeiro Mundo. E Dilma jura que não enfiou nem um “real” no bolso, o que realmente constituiria um delito. (BASTENIER, 2016, p.1-2)

Adentrando na análise do conteúdo das imagens, a ideia que Janaína representa a “tradicional família brasileira” é algo que transcende as falas emitidas durante as disputas. Nas postagens em seu álbum percebemos uma mistura de hasteamento dos valores nacionalistas, com um modelo familiar heteronormativo que precisa ser resgatado: mãe, pai e filhos. O mundo rosa, em meio ao universo azul. Algo binário, que quebra determinadas barreiras no campo público, mas sem perder a noção dos limites estabelecidos pelo gênero.

Uma questão interessante é a reação da página MCC à acusação de conteúdo misógino nos discursos que defendiam o *impeachment*. Existe um reconhecimento desse teor na imagem 3 (figura 12), todavia, como forma de reação, são mencionadas práticas semelhantes contra a figura feminina de Janaína.

Ou seja, não é afastado a possibilidade deste tipo de discurso, misógino, em meio ao embate jurídico para derrocada de Dilma Rousseff. Porém, nestes termos, é evidente que Janaína também é vítima das práticas aqui verificadas. A advogada foi atacada, por diversas vezes, de “louca”, “malcomida”, “vagabunda”, entre outras expressões sexistas.

Assim, evidenciamos que as agressões machistas não estão restritas aos setores sociais que atestaram o processo que vitimou a presidenta. Percebe-se que a deslegitimação de gênero pode ocorrer sempre que uma mulher represente um obstáculo aos privilégios do masculino.

Todavia, a atuação da jurista contribuiu para estabelecer um padrão do ser feminino durante o processo. Uma mulher culta, que fala do universo acadêmico, fora da seara política, com discurso científico, é colocada, em alguns momentos, como uma das principais condutoras dos atos contra a presidenta.

Outro ponto observado no álbum em análise é o aspecto emocional. Na imagem 4 (figura 12), essa faceta é explorada na professora da USP. O caráter emotivo, de maneira geral, é relacionado ao universo das mulheres, podendo ganhar diversas conotações, inclusive positivas, como é no exemplo, sendo exaltada como a “porta voz da indignação do povo brasileiro”.

Nestes termos, precisamos encarar a política no seu formato preponderante no mundo ocidental. Em decorrência do processo de dominação em outros espaços sociais, existe uma simbologia muito forte da predominância do “ser homem” dentro, especialmente, dos espaços de poderes institucionais.

Estabelecendo um olhar sobre a dominação masculina de acordo com uma dicotomia homem/mulher, Bourdieu (1998) entra no âmbito da violência simbólica, colocada como algo que consegue penetrar na sociedade a ponto de ser aceita pelo grupo dominado.

O corpo biológico socialmente modelado é um corpo politizado, ou se preferimos, uma política incorporada. Os princípios fundamentais da visão androcêntrica do mundo são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo que são percebidas como expressões naturais de tendências naturais (BOURDIEU, 1998, p. 30).

Ou seja, a relação nossa com o próprio corpo está carregada de preceitos, ou ainda preconceitos, que são determinados de uma maneira que fortalece os mecanismos de

dominação. Esses instrumentos são reforçados pela biologia, com significações que consolidam as desigualdades dos sexos como algo natural.

A violência simbólica para dominação do universo masculino é trabalhada de diversas formas, na maioria das vezes com suas origens colocadas como inatas ao ser humano, em outras ocasiões transmitindo ódio e com uma atuação mais ostensiva de personagens sociais.

A mulher enquanto sujeito de determinada ação passa por um processo “natural” de subordinação, cabendo a ela, sobretudo, a feminilidade, e com isso a negação de qualquer tipo de virilidade ou força.

Quando observamos a matéria da revista semanal “Isto É”, publicada no mesmo abril de 2016, percebemos a colocação dos aspectos emocionais em patamares diversos dos trabalhados com Janáína. Aqui, a irracionalidade é relacionada a um suposto descontrole da presidenta à crise política instalada no país.

Os últimos dias no Planalto têm sido marcados por momentos de extrema tensão e absoluta desordem com uma presidente da República dominada por sucessivas explosões nervosas, quando, além de destempero, exibe total desconexão com a realidade do país. (...) Para tentar aplacar as crises, cada vez mais recorrentes, a presidente tem sido medicada com dois remédios ministrados a ela desde a eclosão do seu processo de afastamento: rivotril e olanzapina, este último usado para esquizofrenia, mas com efeito calmante. A medicação nem sempre apresenta eficácia, como é possível notar. (PRADO, 2016, p.2)

A ideia de descontrole emocional servia como contraponto às necessidades do país, estabilidade. O Brasil precisaria de um novo momento, a retomada do controle, ser comandado por alguém que soubesse lidar com as adversidades emotivas.

Assim, nos remetemos aos discursos interditados, excluídos e legitimados. Então é estabelecida uma oposição, loucura e razão, mulher e homem, aquilo que deve circular ou é permitido, em contraposição ao processo de interdição, ou até mesmo de rejeição. “Era através de suas palavras que se reconhecia a loucura do louco”. (FOUCAULT, 1996, p. 11)

“A louca” Dilma perdeu as condições de governança. Isso foi algo recorrente nos diversos meios de atuação e comunicação de setores contrários a ela. Nesse sentido,



exemplos históricos foram resgatados para servir de parâmetro comparativo para consolidação do cenário.

A própria matéria do folhetim semanal resgata a memória de “Maria, a louca”. Portanto, não seria “exclusividade de nosso tempo e nem de nossas cercanias que, na iminência de perder o poder, governantes ajam de maneira ensandecida e passem a negar a realidade”. (PRADO, 2016, p.11)

De forma minuciosa, são descritos atos que representavam o nível de loucura da “Rainha” na matéria, ao mesmo tempo em que eram mostradas decisões enquanto comandava a coroa portuguesa.

Maria I, a louca, por exemplo, dizia ver o corpo de seu pai ardendo feito carvão, quando adversários políticos da Casa de Bragança tentavam alijá-la do poder. Nesses momentos, seus atos de governo denotavam desatino, como relatou doutor Willis: proibir a produção de vinha do Porto na cidade do Porto. (PRADO, 2016, p.11)

Além do diagnóstico histórico, é importante colocar o discurso científico, com o ritual das circunstâncias do direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. Algo que Foucault (1996) destaca na “Ordem do discurso”, pensando no aparato de saber que interpretamos as palavras, diante de uma rede de instituições.

Mostrar a existência de um método, com aplicação histórica, seguido de exemplos, permitindo e/ou interditando a fala, fortalece o discurso apresentado, evidenciando como algo “verdadeiro”, que legitima e deslegitima o emissor, autorizado ou não institucionalmente.

Dessa forma, a “Isto É” trabalha para desenhar a crise emocional como uma recorrência com evidências científicas, “coincidentemente”, com o exemplo incidindo sobre mulheres que ocuparam espaços importantes de poder. Pois,

O renomado psiquiatra britânico Francis Willis se especializou no acompanhamento de imperadores e mandatários que perderam o controle mental em momentos de crise política e chegou a desenvolver um método terapêutico composto por remédios evacuates para tratar desses casos. (PRADO, 2016, p.11)

Esse tom de deslegitimação de Dilma não ficou restrito à imprensa. Diversos outros meios recorreram a esse formato, na tentativa de descortinar uma suposta incapacidade emotiva da mandatária para gerir os destinos do país.

O MCC, por variadas vezes, focou o caráter sentimental da presidenta, sendo algo recorrente seus aspectos de instabilidade, chegando, na maioria das vezes, às referências de loucura aqui abordadas.



**Figura 13:** imagens postadas no álbum Dilma Rousseff (95) relacionando a ex-presidenta à loucura e descontrolo emocional. Imagem 1, álbum 31, abril, postada em 13/04/2016, com 5.412 engajamentos; imagem 2, álbum 95, Dilma, postada em 10/07/2016, com 2.040 engajamentos; imagem 3, 95, Dilma, 21/08/2016, 1.976; imagem 4, 95, Dilma, 29/08/2016, 587. Dados coletados, sistematizados e ordenados entre janeiro e março de 2017 pelo autor da dissertação.

No primeiro momento, a imagem traz Dilma presa a uma camisa de força, destacando-se o enunciado que faz referência à figura histórica de “Maria, a louca”. Nesse quadro, percebe-se algumas falas, supostamente, da ex-presidenta contra o juiz Sérgio Moro. Textos que ela teria emitido em sua defesa e enunciados que refletem algumas questões ideológicas presentes no procedimento de sua saída do poder.

Ou seja, a tentativa de interdição das falas é evidente, e ganha destaque quando relacionamos a trechos da matéria publicada pela revista “Isto É”. Esse instrumento ou mecanismo de atuação, foi recorrentemente exalado durante o processo, sendo uma faceta dentro do mesmo.

Ao você caracterizar o emissor, controla os possíveis efeitos do conteúdo produzido por quem fala, algo que Foucault trabalha em boa parte de sua obra e que usamos como referência teórica para nossa análise.

A segunda imagem reafirma esse discurso. Coloca uma outra conotação, exemplifica o possível isolamento dos loucos em ambientes prisionais, a completa interdição daquela que tentava construir a narrativa que era vítima de um golpe em curso no país.

A prática do internamento, no começo do século XIX, coincide com o momento no qual a loucura é percebida menos em relação ao erro do que em relação à conduta regular e normal; no qual ela aparece não mais como julgamento perturbado, mas como perturbação na maneira de agir, de querer, de ter paixões, de tomar decisões e de ser livre (FOUCAULT, 1997, p. 48).

A quarta imagem, apesar de colocar em cena o ex-presidente Lula, que já foi trabalhado como personagem decisivo no transcurso dos fatos, destaca em texto a presidenta. Ao usar o termo volta, determina um lugar que ela já pertencia, sendo o momento atual algo passageiro, temporário, ou seja, apenas por um período ela está, momentaneamente, à solta.

A terceira tela demonstra o aspecto emocional pré-*impeachment*. Algo que era recorrente e foi explorado de maneira exponencial com a proximidade do desfecho dos acontecimentos. A instabilidade emotiva, algo que é conduzido para desconstruir a imagem pública de uma mulher, que seria, supostamente forte.

A imagem de uma mulher forte ao lado da figura maternal traduz um feminino que transita entre os mundos segmentados pela perspectiva binária, ou seja, sem enquadramentos precisos no nosso sistema de classificação e significação dos papéis sociais de ser

homem ou mulher. (...) o perfil construído para Dilma ao longo da campanha eleitoral, uma mulher em sua forma substantiva, mas que carrega os adjetivos masculinos de firmeza, dureza e racionalidade. (LIMA & ANTONINO, 2016, p. 269-270)

Percebemos que essa linha discursiva é constantemente destacada na política. Evidenciar aspectos emocionais de um candidato ou candidata é algo rotineiramente usado como instrumento para cativar determinada parcela do eleitorado. Porém, quando centramos um olhar sobre figuras femininas que ocupam esse campo, estes aspectos sentimentais são vinculados a um desequilíbrio.

Como já observado a questão de gênero perpassa o processo de discussão que deságua na deslegitimação da presidenta, chegando à sua queda. Este é mais um elemento, entre tantos outros, que funciona em meios aos diversos métodos utilizados, seja transmitindo ódio ou atuando dentro de práticas que naturalizam os discursos.

O fato que nos chamou a atenção para este eixo foram os adesivos que simulavam a penetração sexual na ex-mandatária da República ao abastecer carros. Este fato ocorreu no momento em que o Governo Federal aumentou impostos sobre os combustíveis.

Este “evento” aconteceu entre junho e julho de 2015, mostrando um dos caminhos que desencadeavam ataques carregados de ódio contra a figura feminina de Dilma Rousseff.<sup>169</sup>

---

<sup>169</sup> Acesse reportagem de um jornal televisivo na época dos acontecimentos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S147R1rLUuU> Acesso em: 25/07/2017



**Figura 14:** Adesivos que ganharam repercussão na internet ao simularem a penetração sexual na então presidente Dilma Rousseff.<sup>170</sup>

Diversas entidades e instituições pressionaram para retirada do ar da página que comercializava os adesivos. O impacto na rede foi instantânea e confirma nossa linha de eventos reais para repercussão virtual. Mais do que isso, a imagem representa o estupro que as mulheres, de uma forma geral, sofrem ao ocuparem espaço públicos, masculinos.

Aqui, sou obrigada a dizer que Dilma Rousseff viveu um estupro político. Ora, todo estupro é político porque o crime contra uma mulher sempre é político já que desde Simone de Beauvoir podemos dizer que a sexualidade é política. Uma mulher está para um homem na sociedade da cultura do estupro como é a nossa, como Dilma está para os políticos que mancomunados a tiraram de seu cargo. Como um estuprador que considera o corpo de uma mulher um objeto para seu uso perverso, os golpistas olham para o corpo de quem ocupa o cargo, mas só quando esse corpo a presidir um cargo, é mulher. Por isso, como dizia Adorno, olham para esse corpo com o olhar do fabricante do caixão. Medem seu tamanho, seu corte de cabelo, impõem-lhe as medidas que o Homem Branco Europeu e capitalista, que se entende como o dono do poder, inventou. Mas não se trata apenas disso, eles olham para essa mulher de muitos modos o que nos obrigada a pensar na condição desse olhar. De um lado podemos falar do olhar estuprador típico do desejo patriarcal que não se deve confundir com o todo

<sup>170</sup> Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2015-07-02/governo-pede-punicao-para-quem-fez-adesivo-que-simula-dilma-de- pernas-abertas.html>> Acesso em: 03/07/2017

do desejo masculino. Refiro-me ao olhar daquele que objetifica o outro e que se serve dele para seus fins. Sobre isso, no jogo imaginário misógino, podemos lembrar da imagem de Dilma Rousseff na forma de um adesivo que circulou em carros durante algum tempo, no exato instante em que, de pernas abertas, era invadida por uma peniana bomba de gasolina. Mas podemos também lembrar do personagem símbolo do estupro político que é o deputado Jair Bolsonaro, que posicionou-se como o grande estuprador em potencial contra Maria do Rosário e que, no dia 17 de abril no momento da votação do impeachment, elogiou o conhecido torturador coronel Ustra como o “terror de Dilma Rousseff”. Nesse caso, não podemos falar de um olhar de desejo sexual, mas de um olhar de culpabilização – típico do estuprador que precisa culpar a mulher de saias para tornar-se apto a violentá-la. Esse olhar responde por um desejo obtuso que se expressa como violência sexual. (TIBURI, 2016, p. 5)

De fato, não tem como mensurar se essa faceta foi decisiva, mas também não há como negar que ela existe. Era algo que permeava os outros campos, político e econômico, unindo discursos de setores sociais conservadores que começavam a ganhar as ruas.

Dentro da construção de uma rede conservadora decisiva para retirada da primeira mulher presidenta do Brasil, estavam, como demonstrado, aspectos misóginos observados diante de um olhar carregado pela categoria do gênero.

O que aconteceu com a ex-presidenta ganhou dimensões com ampla visibilidade devido ao cargo que ela ocupava, chefe de Estado e governo do Brasil. Mas é algo que acontece cotidianamente com milhares de mulheres, nos seus lares, ambientes de trabalho e nos espaços públicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao colocarmos como elemento decisivo da nossa pesquisa as redes sociais buscamos entender uma nova dinâmica de interação, das relações, de agrupamentos de ideias e atuação no mundo real, vinculando, dentro de uma lógica traçada, aos aspectos virtuais.

Todavia, antes de qualquer aprofundamento, em dois momentos, procuramos mergulhar em significados históricos. Primeiro, nas lutas femininas e os sentidos atribuídos ao termo gênero; posteriormente, fizemos uma narrativa sobre pesquisas que envolvem à internet, como vem sendo abordadas, e em que patamar poderíamos nos situarmos.

Aproximar criticamente Butler e Foucault ajudou a traduzir um tipo de olhar sobre a modernidade, em especial, quando focamos sobre a sexualidade e as relações de poder que são legitimados por discursos institucionais e práticas cotidianas.

Isto contribuiu para entender aspectos sexistas e misóginos presentes de forma naturalizada em nossas relações, mas conseguimos ir além, percebemos como uma legalidade explícita serviu para sedimentar discursos morais a partir de lugares, o judiciário.

Nossa dissertação teve como desafio compreender as pesquisas recentes no âmbito virtual com caráter interdisciplinar. Assim, olhamos como diversos métodos foram desenvolvidos na consolidação de um campo próprio que possibilitasse o entendimento de fenômenos sociais relacionados à esfera virtual.

Utilizando o instrumento de Análise em Redes Sociais, conseguimos posicionar as páginas consideradas de direita por trabalhos anteriores dentro da Internet. Desta forma, observamos, armazenamos e captamos conteúdos jogadas no turbilhão virtual, em meio às disputas políticas que assolavam o país.

Em seguida, partimos para o desenvolvimento de um método próprio, específico, de acordo com o material já coletado. Tomando como base o núcleo MCC, Movimento Contra a Corrupção, passamos a sistematização de materiais que nos facilitassem o estabelecimento da relação entre o mundo *on-line* e os diversos instrumentos que atuavam dentro do processo que emerge em 2013.

Ou seja, metodizamos as informações que possibilitaram uma abordagem quantitativa, com elementos qualitativos suficientes para aprofundamentos de acordo com um norte teórico traçado: conservadores, sexismo e misoginia.

Quando pensamos um quadro de acontecimentos, foi para destacarmos como esta relação entre o virtual e real estão próximas, assim, desde 2013, há um encadeamento fatídico que vai conduzindo o campo político a um cenário favorável ao *impeachment*.

Desta forma, consideramos que as “jornadas de junho” foram o início do impedimento da presidenta Dilma Rousseff. Ali foram criadas as origens das condições para o fortalecimento de um novo conservadorismo, baseado na moral e em valores nacionalistas.

Desde então, a necessidade de construção dos personagens morais sobressaiu. Desde Joaquim Barbosa, passando por Janaína, até Moro, estas figuras deram a tônica no contraponto ao ex-presidente Lula.

Uma rede de pessoas começou a se aglutinar nessas ideias através do ambiente da internet. Diversas páginas surgiam incessantemente, captando algo difuso, mas que, naquele momento, não encontravam meios de reverberação no cotidiano real sem o mundo virtual.

2013 foi além, criou um método, uma integração entre dois universos. O ciberespaço mobilizava eventos reais, estes sendo refletidos em plataformas *on-line*. A ocupação de ruas e avenidas, movidos por uma indignação moral passou pela campanha eleitoral de 2014, e continuou até a queda da presidenta em 2016.

Aquele conteúdo inicial de má prestação de serviços públicos foi cedendo espaço para pautas moralistas. Não só isso, foi sendo construído um perfil social que legitimava os pleitos. Os brancos, classe média e escolarizados representavam a voz da sociedade brasileira, e qualquer outro movimento que fosse de encontro a este desenho era deslegitimado.

O MCC é bem representativo disto. Buscamos mostrar que seu surgimento está vinculado ao ano de 2013, respeitando estes aspectos trabalhados acima. Todavia, sua atuação mais ostensiva surgiu carregando como foco a saída daquela mulher que ocupava o cargo político mais importante do país.

Para atingir seu objetivo, o Movimento Contra a Corrupção, trabalhou de forma intermitente a ideia da eminente prisão do ex-presidente Lula. Este foi o norte especial, o contraponto moral, algo que basilar em todo o processo.



Entendemos que a ex-presidenta é “filha” política de Luiz Inácio e do seu governo. Ou seja, uma das bases que a sustentava era um legado de transformações sociais. A desconstrução desse processo era uma etapa instrumental fundamental para derrocada de Dilma do poder central.

Por fim, um último aspecto dentro dos procedimentos em abordagem são os discursos sexista e misóginos, ferramentas que contribuíram para expurgar aquela que ocupava um espaço que, historicamente, não a pertencia.

Diversos acontecimentos foram considerados. Reportagens sobre o papel da mulher, os aspectos emocionais atribuídos à Dilma e a matéria da Veja constituindo a imagem de Marcela Temer como “bela, recatada e do lar”, serviram de guia para nossa análise.

De maneira geral, traçamos três grandes eixos, que em nosso ponto de vista foram decisivos para derrocada da presidenta. O surgimento das manifestações em junho de 2013, criando um novo método, com conteúdo conservador, para um ativismo político.

O outro foi a desconstrução política do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, comparado, constantemente, a personagens morais que emergiam da seara do judiciário com discurso de legalidade.

E por fim, mostramos como aspectos sexistas e misóginos que existiam de forma difusa em nossa sociedade foram canalizados, visualizados e transformados em espetáculo para desconstruir não Dilma, mas qualquer mulher que ocupe espaços tradicionalmente masculinos, e que estejam fora dos padrões do ser mulher binária e heteronormativo.

Em meio a tudo isto, uma nova dinâmica de relações sociais implementada pelas redes virtuais. Existe, de fato, uma alteração dos processos, do jeito de manifestar opiniões e agir diante daquilo que nos indigna. Está acontecendo um novo tipo diálogo, entre a sociedade e as instituições, que ainda não conseguimos mensurar o impacto, apenas constatar que existe.

A política oferece as respostas de ontem para os problemas de hoje. Começa a geminar uma nova forma de política e, de certa maneira, nós ainda não percebemos. A sala de estar se transformou em cabine eleitoral. A participação, por intermédio da televisão, em Marchas da Liberdade, guerra, revoluções, poluição e outros acontecimentos está mudando tudo. [...] O susto da percepção! Num meio ambiente de informação elétrica, as minorias não mais podem ser contidas – ignoradas. Nosso novo ambiente compele à participação e ao engajamento. Hoje em dia estamos irrevogavelmente

envolvidos com, e responsáveis por cada um dos outros.  
(MARSHALL, 1969, p. 50-52)

O texto de Marshall de quatro décadas atrás mostra a alterações decorrentes da TV como novo instrumento de relações políticos sociais. Mas, ele continua atual, pode perfeitamente ser enquadrado ao momento contemporâneo e os acontecimentos resultantes da internet.

Não trabalhamos que somente esses fatores foram decisivos para queda de Dilma Rousseff, não há como restringir. Todavia, conseguimos confirmar que estes três pilares aqui trabalhados foram decisivos, levando em consideração, ainda, a conjuntura que envolve as redes digitais.

Aqui não é o fim, mas o começo de uma forma de abordagem que deve procurar respostas para novas relações intermediadas pela tela de um computador, em especial, como estas têm sido decisivas no cotidiano não só do corpo social, mas da estabilidade das instituições ocidentais, em especial, os Estado Democráticos de Direito.

## BIBLIOGRAFIA

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.

AUSTIN, J. L. *Quando Dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AMARAL, Adriana; MONTARDO, S. **Pesquisa em Cibercultura e Internet: Estudo exploratório comparativo da produção científica da área no Brasil e nos Estados Unidos**. In: Anais do IV Colóquio Brasil-EUA de Ciências da Comunicação, Intercom 2010, Set. de 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2639-1.pdf>>. Acesso em: 25/04/2010

AYUSO, Javier, **Internet e populismo mataram a verdade**, 2016. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/14/internacional/1476453280\\_024293.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/14/internacional/1476453280_024293.html)>. Acesso em: 23 de abril de 2017.

BALES, R., & PARSONS, T. *Family Socialization and Interaction Process*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1956.

BASTENIER, M. A. **O estado do golpe**. El País Brasil (online), 2016. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/26/internacional/1461688978\\_516201.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/26/internacional/1461688978_516201.html)> Acesso em: 27/04/2016

BAUMAN, Zygmunt. **As redes sociais são uma armadilha**, 2016. Disponível em <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427\\_675885.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html)>. Acesso em: 02 de maio de 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUTLER, Judith P. **Bodies that Matter: On the Discursive Limits of Sex**. Nova York e Londres: Routledge, 1993.

\_\_\_\_\_. **The Psychic Life of Power: Theories in Subjection**. Stanford: Stanford University Press, 1997

\_\_\_\_\_. **Precarious Life. The Powers of Mourning and Violence**. Nova York e Londres: 2004.

\_\_\_\_\_. **A filósofa que rejeita classificações**. In: Revista Cult 185. São Paulo: Editora Bregantini, 2013.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.** 10ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

\_\_\_\_\_. **QUEER, cultura e subversões das identidades.** Edição Especial. CULT, nº 6, p.47-50, janeiro de 2016b.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**; tradução Roneide Venancio Majer; atualização para 6ª edição: Jussara Simões. – (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1) São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COSTA, Ana & SARDENBERG, Cecília. **Teoria e práxis feministas na academia: os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras.** Estudos Feministas, n. e., p. 387-400, 1994.

CONNEL, Raewyn. **Gênero: uma perspectiva global** / Raewyn Connel, Rebecca Pearse; São Paulo: nVersos, 2015.

COUTINHO, João Pereira. **As ideias conservadoras: explicadas a revolucionários e reacionários.** 1. ed. São Paulo, Três Estrelas, 2014.

COUTO, Cláudio Gonçalves. **O governo Lula e a ascensão de classes no Brasil.** UOL, 2011. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/01/03/analise-o-governo-lula-e-a-ascensao-de-classes-no-brasil.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 01/06/2017

CUNHA, Luis Henrique. **Movimentos sociais na atualidade: reconfigurações das práticas e novos desafios teóricos.** XVII Congresso Brasileiro de Sociologia. Porto Alegre, julho de 2015.

CYRINO, Rafaela. **A Produção Discursiva e Normativa em torno do Transexualismo: Do verdadeiro sexo ao verdadeiro gênero.** Revista de cultura política. v.3, n. 1. Ago.2013.

DARNTON, Robert. **A verdadeira história das notícias falsas,** 2017. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536\\_863123.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html)> Acesso em: 02/05/2017

El País. **Um Brasil de Temer.** Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/12/opinion/1463073412\\_341127.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/12/opinion/1463073412_341127.html)> Acesso em: 19/05/2016

FABRÍCIO, Branca Falabella. **Mulheres emocionalmente descontroladas: identidades generificadas na mídia contemporânea.** DELTA vol.20 no.2 São

Paulo Dec. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502004000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502004000200003)> Acesso em: 27/05/2017

FAHS, Ana C. Salvatti. **Movimento Feminista**. Politize, 2016. Disponível em: <http://www.politize.com.br/movimento-feminista-historia-no-brasil/>> Acesso em: 07/06/2017

FIGUEIREDO, Rubens. **A espiral do silêncio e a escalada da insatisfação**. In: RUBENS FIGUEIREDO (org.). Junho de 2013: a sociedade enfrenta o Estado. São Paulo: Summus, 2014. P. 23-38.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **The Subject and Power**, in: DREYFUS, Hubert L. e RABINOW, Paul. Michel Foucault: Beyond Structuralism and Hermeneutics. Chicago: Universit of Chicago Press, 1983.

\_\_\_\_\_. **Resumo dos cursos do Collège de France: 1970-1982**. Tradução de Andrea Daher. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **Fearless Speech - Lectures at the University of California**. Los Angeles: Semiotext, 2001.

\_\_\_\_\_. **Os Anormais: curso no Collège de Franca 1974-1975**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Conceitos essenciais**/Judith Revel; tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos: Claraluz, 2005.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. Martins Fontes. 9ª ed. São Paulo: 2007.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 36. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **A História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo, Paz e Terra, 2015

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GILBERT, Nigel. **Researching social life**. 3rd ed. Sage Publications Ltd, London 2008.

GOHN, Maria Glória Marcondes. **Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 16, n. 47, p. 125-146, jan./abr. 2016.

HADDAD, Fernando. **Vivi na pele o que aprendi nos livros: um encontro com o patrimonialismo brasileiro**. Revista Piauí, edição 129, junho de 2017.

Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/vivi-na-pele-o-que-aprendi-nos-livros/>> Acesso em: 05/06/2017

HALL, Stuart. “**Quem precisa da identidade?**” In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

JOHNSON, Allan G. *Misogyny*. In: **Blackwell Dictionary of Sociology: a User’s guide to sociological language**. Oxford: Blackwell Publishing, 2000

KIRKWOOD, Julieta. **Ser Política em Chile: Las Feministas y los Partidos**. Santiago: FLACSO, 1986.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Juliana Macedo. **Democracia no Brasil e participação das mulheres na política: algumas barreiras para o desenvolvimento democrático**. I Seminário Internacional de Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Set. 2015. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/sicp/wp-content/uploads/2015/09/10\\_DE-LIMA\\_Democracia-no-Brasil-e-participac%C2%A6%C2%BAa%C2%A6%C3%A2o-das-mulheres-na-poli%C2%A6%C3%BCtica.pdf](https://www.ufrgs.br/sicp/wp-content/uploads/2015/09/10_DE-LIMA_Democracia-no-Brasil-e-participac%C2%A6%C2%BAa%C2%A6%C3%A2o-das-mulheres-na-poli%C2%A6%C3%BCtica.pdf)> Acesso em: 30/06/2017

LIMA, E. C. A.; ANTONINO, Rafael Maracajá. **'Leviandades' Eleitorais: a abertura das cortinas para um espetáculo misógino**. *Política & Trabalho* (Online), v. 1, p. 263-281, 2016.

LINHARES, Juliana. **Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”**. Veja Online, 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Acesso em: 26/05/2017

MALINI, Fábio. **UM MÉTODO PERSPECTIVISTA DE ANÁLISE DE REDES SOCIAIS: cartografando topologias e temporalidades em rede**. XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, junho de 2016.

MARSHALL, Macluhan; FIORE, Quentin. **O meio são as mensagens**. Rio de Janeiro: Record, 1969.

MARREIRO, Flávia. **Temer começa desconectado do Brasil**. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/13/politica/1463165386\\_328808.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/13/politica/1463165386_328808.html) Acesso em: 19/05/2016

MARREIRO, Flávia. **Temer reduz papel da mulher à casa e é alvo de protestos nas redes sociais**. El País Brasil (online), 2017. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/08/politica/1489008097\\_657541.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/08/politica/1489008097_657541.html)> Acesso em: 26/05/2017

MAUSS, Marcel. **Antropologia**. Org. Roberto Cardoso de Oliveira. São Paulo: Ática, 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 11)

MEAD, Margaret. **Sex and Temperament in Three Primitive Societies**. Nova York: William Morrow, 1935 (edição de 1963)

MORAES, Camila. Com fim do Ministério da Cultura, artistas abrem foco de resistência a Temer. El País Brasil (online), 2016. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/16/politica/1463410215\\_940627.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/16/politica/1463410215_940627.html)> Acesso em: 19/05/2016

MORAES, Camila. **Com fim do Ministério da Cultura, artistas abrem foco de resistência a Temer**. El País Brasil (online), 2016. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/16/politica/1463410215\\_940627.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/16/politica/1463410215_940627.html)> Acesso em: 19/05/2016

MORAES, Camila. **Busca-se (rapidamente) uma “representante do mundo feminino” para a Cultura**. El País Brasil (online), 2016. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/16/politica/1463410215\\_940627.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/16/politica/1463410215_940627.html) Acesso em: 19/05/2016b

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **La espiral del silencio**. Opinión pública: nuestra piel social. Barcelona: Paidós, 1995.

OLIVEIRA, André de. **Autor da chacina em Campinas expõe ódio a mulheres a quem chama de “vadias”**. El País Brasil (online), 2017. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/02/politica/1483367977\\_559818.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/02/politica/1483367977_559818.html)> Acesso em: 22/03/2017

PARSONS, Talcott; BALES, Robert F. **Famil Socialization and Interaction Process**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1956.

PATEMAN, Carole. **Críticas feministas a la dicotomía público/privado**. In: CASTELLS, Carme (comp.). *Perspectivas feministas en teoría política*. Buenos Aires: Paidós, 1996.

POCHMANN, Marcio. **Políticas sociais e padrão de mudanças no Brasil durante o governo Lula**. SER Social, Brasília, v. 13, n. 28, p. 12-40, jan./jun. 2011.

PRADO, Antônio Carlos. **Uma presidente fora de si**. Isto É, 2016. Disponível em: [http://istoe.com.br/450027\\_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/](http://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/) Acesso em: 27/05/2017

PRINS, Baukje. MEIJER, Irene Costeira. **Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler**. Rev. Estud. Fem. vol.10 no.1 Florianópolis Jan. 2002

PINTO, J. Nêumanne. **A multidão poderosa virou plebe ignara e tudo ficou como dantes na república de Abrantes**. In: RUBENS FIGUEIREDO (org.).

Junho de 2013: a sociedade enfrenta o Estado. São Paulo: Summus, 2014. P. 99-114.

RECUERO, Raquel. **Métricas para Mídia Social: discutindo retenção e engajamento**, 2009. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2009/11/metricas-para-m.html>> Acesso em: 27/04/2017

RIBEIRO, Márcio Moretto; ORTELLADO, Pablo. **Perfil digital dos manifestantes: o abismo aberto pela polarização**, 2016. Disponível em <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/28/opinion/1459128271\\_535467.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/28/opinion/1459128271_535467.html)> Acesso em: 05/04/2016

ROSENFELD, Denis. **Entre o libertário e a usurpação**. In: RUBENS FIGUEIREDO (org.). Junho de 2013: a sociedade enfrenta o Estado. São Paulo: Summus, 2014. P. 133-144.

ROUSSEFF, Dilma. A luta das mulheres. Carta Capital, 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/dilma-rousseff-a-luta-das-mulheres>> Acesso em: 25/07/2017

SÁ, Xico. **O que é ser uma mulher mal comida?** El País Brasil (online), 2016. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/20/opinion/1426854921\\_766363.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/20/opinion/1426854921_766363.html)> Acesso em: 10/06/2016

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Sociedade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jun./dez. 1995.

SILVA, Susana Veleda. **Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações**. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Nº 262, 15 de noviembre de 2000.

SINGER, André. **Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas**. Novos estudos – CEBRAP, no.97, São Paulo, Nov. 2013.

TIBURI, Márcia. **A máquina misógina e o fator Dilma Rousseff na política brasileira**, 2016. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/maquina-misogina-e-o-fator-dilma-rousseff-na-politica-brasileira/>> Acesso em: 25/07/2017

TIMOTEO, C. Q. **As transformações do movimento feminista no Brasil e sua relação com a América Latina**. Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina, 2013.

TOGNOZZI, Marcelo S. **A força das redes**. In: RUBENS FIGUEIREDO (org.). Junho de 2013: a sociedade enfrenta o Estado. São Paulo: Summus, 2014. P. 73-86.



VIANA, Natália. **A ascensão dos grupos conservadores nas redes sociais**, 2015. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/06/a-direita-abraca-a-rede-1920.html>> Acesso em: 30/04/2017